

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE

GIRSIVANIA TEIXEIRA DOS PRAZERES

**A PRÁTICA DO TUTOR NA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO COM O ALUNO
DO CURSO DE FILOSOFIA A DISTÂNCIA DA UEMA**

São Luís

2015

GIRSIVANIA TEIXEIRA DOS PRAZERES

**A PRÁTICA DO TUTOR NA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO COM O ALUNO
DO CURSO DE FILOSOFIA A DISTÂNCIA DA UEMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Reinaldo Portal Domingo

São Luís

2015

Prazeres, Girsivania Teixeira dos

A prática do tutor na mediação do conhecimento com o aluno do curso de Filosofia a distância da UEMA/ Girsivania Teixeira dos Prazeres. – São Luís, 2015.
128 fls.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Portal Domingo

Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, 2015.

1. Filosofia 2. EaD 3. Mediação 4. Tutor. I Título.

CDU 37.018.43:1

GIRSIVANIA TEIXEIRA DOS PRAZERES

**A PRÁTICA DO TUTOR NA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO COM O ALUNO
DO CURSO DE FILOSOFIA A DISTÂNCIA DA UEMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Profº. Drº. Reinaldo Portal Domingo

Apresentada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profº. Drº. Reinaldo Portal Domingo
Universidade Federal do Maranhão

Examinador Interno

Examinador Externo

Dedico à minha mãe Marilene Teixeira dos Prazeres, pelo apoio de sempre. Ao meu marido Edson Luiz Oliveira de Amorim e a minha filha Sophia Prazeres de Amorim, meu amor maior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as bênçãos recebidas em minha vida e, por conseguinte à conclusão deste trabalho.

A Universidade Estadual do Maranhão e em particular ao UemaNet pela anuência de realização da pesquisa.

Ao Professor Dr. Reinaldo Portal Domingo pela orientação deste trabalho.

A Leila Amum Alles Barbosa coordenadora do curso de Filosofia na modalidade EaD da UEMA, minha chefe e minha amiga.

Aos professores tutores do Curso de Filosofia do UemaNet e aos alunos do referido curso pela disposição em responder aos questionários.

A Arnaldo de Souza Menezes Filho por todo o tempo que dispôs a me auxiliar na construção dessa dissertação, além do companheirismo e amizade.

A Edileide Santos Lima e Luiza Carvalho de Oliveira, minhas colegas de turma do PGCULT, as quais contribuíram em demasia para que essa pesquisa fosse concretizada.

Ao Professor Dr. João Batista Bottentuit Júnior pelo apoio e preocupação.

A Edilson Villaço, Cristina Collins, Adryanny Karolynne Rosa, Ednan Baldez pela força, incentivo e pelo carinho.

E por fim a minha família Marilene T. do Prazeres, Edson Luiz O. de Amorim, Sophia Prazeres de Amorim, Girsilene P. Collins, Girlene T. Prazeres, Daniel Messias P. Collins, Maria Madalena Conceição Cruz, por todo o suporte material e emocional, sem eles nada disso seria possível.

A todos meu muito obrigada!

RESUMO

Análise da prática do tutor à distância do Curso de Filosofia da UEMA enquanto mediador do conhecimento. Este trabalho se apresenta como uma averiguação da prática de um sujeito educacional importante da modalidade de Educação a Distância (EaD), o chamado ‘tutor de educação a distância’, o qual se justifica pela sua ação considerada indispensável ao processo de ensino aprendizagem desta modalidade educativa. Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar a prática do tutor à distância do Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão enquanto mediação do conhecimento, com a possibilidade de formação de uma autonomia discente. Para tanto apoiamos-nos nas literaturas de autores de EaD como João Mattar, Daniel Mill, assim como também os Referenciais de Qualidade do MEC que aborda a qualidade na educação a distância. Na fundamentação teórica, através de análise bibliográfica de cunho hermenêutico, utilizamos autores da filosofia como Walter Benjamin e Theodor Adorno que tratam da questão da autonomia educativa, como prática libertária condizente com a possibilidade de formação discente dentro do contexto de mídias e instrumentos de comunicação de massa da modernidade. Sobre a prática investigativa, trata-se de um estudo de caso realizado no curso de Filosofia Licenciatura da UEMA. Para realização da investigação empregamos questionários com perguntas fechadas e abertas enquanto instrumentos da pesquisa aplicados aos tutores e alunos do referido curso, a análise dos dados se deu através de métodos estatísticos e análise de conteúdo. Conclui-se que a importância da prática da tutoria observada pelos tutores e alunos investigados, onde ambos os grupos apontaram para a mediação de conhecimento envolvida na formação da autonomia como realidade concreta e constatada. Portanto, têm-se novas perspectivas de estudo relacionadas à educação e seu papel emancipador.

Palavras chaves: Educação a distância. Tutoria. Mediação. Autonomia.

ABSTRACT

Practice analysis tutor distance of UEMA Philosophy Course as a mediator of knowledge. This work is presented as an investigation of the practice of an important educational subject Education modality of distance (distance education), the so-called 'education tutor at distance', which is justified by its action deemed essential to the process of teaching and learning this sport education. Thus, the general objective of this research was to investigate the practice of tutor distance of Philosophy Course at the State University of Maranhão as mediation of knowledge, with the possibility of forming a student autonomy. Therefore we support you in the literature of distance education of authors such as João Mattar, Daniel Mill, as well as the MEC (Ministry of Education and Culture) Quality Benchmarks that addresses the quality of distance education. In theoretical foundation, through literature review of hermeneutical nature, authors used the philosophy as Walter Benjamin and Theodor Adorno to address the issue of educational autonomy, as libertarian practice consistent with the possibility of student training within the context of media and communication tools mass of modernity. About investigative practice, it is a case study in the course of Philosophy Degree of UEMA. To carry out the research we use questionnaires with closed and open questions as research tools applied to tutors and students of that course, and surveys data were through statistical methods for closed-ended questions and content analysis to the open questions. The importance of mentoring practice observed by tutors and students investigated, where both groups pointed to the mediation of knowledge involved in the formation of autonomy as concrete and observed reality is concluded. Therefore, there have been new study perspectives related to education and its emancipatory role.

Key words: Distance education. Tutoring. Mediation. Autonomy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Distribuição dos polos da UemaNet.....	57
Figura 2 –	Organograma do Curso de Filosofia a distância do UemaNet.....	58
Figura 3 –	Organograma da coordenação do curso de Filosofia a distância do UemaNet.....	59
Quadro 1 -	Estrutura Curricular Curso de Filosofia Licenciatura.....	59
Quadro 2 -	Dificuldades enfrentadas na prática de tutoria na mediação dos conteúdos.....	74
Quadro 3 -	Dificuldades ou reclamações de alunos recorrentes à prática da mediação.....	78
Quadro 4 -	Auxílio pedagógico do professor tutor e do professor da disciplina.....	81
Quadro 5 -	A compreensão do tutor enquanto mediador do processo ensino aprendizagem.....	85
Quadro 6 -	Mudanças na formação do aluno quanto a construção de sua autonomia no processo ensino aprendizagem.....	88
Gráfico 1 -	Grau de satisfação do professor tutor no desempenho sobre suas práticas.....	68
Gráfico 2 -	Baixo desempenho dos alunos relacionado a problemas pessoais.....	69
Gráfico 3 –	Dúvidas recorrentes dos alunos.....	70
Gráfico 4 –	Dúvidas em relação ao conteúdo da disciplina.....	71
Gráfico 5 –	A mediação do tutor supre a necessidade didático-pedagógica dos alunos?.....	72
Gráfico 6 –	O tutor enxerga sua prática e sua presença no curso de filosofia como essencial?.....	72
Gráfico 7 –	Participação ativa na mediação do conhecimento: Professor X Tutor.....	94
Gráfico 8 -	Você recorre ao auxílio do professor tutor com que frequência?.....	94

Gráfico 9 –	Motivos que levam o aluno recorrer ao tutor.....	95
Gráfico 10 -	Representação do tutor a distância.....	96

LISTA DE SIGLAS

ABED -	Associação Brasileira de Educação a Distância
CAPES -	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
CEE -	Conselho Estadual de Educação
EaD -	Educação a Distância
IES -	Instituição de Ensino Superior
LDB -	Lei de Diretrizes e Base da Educação
LDBEN -	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
NEAD -	Núcleo de Educação a Distância
TIC -	Tecnologias da Informação e Comunicação
TCC -	Trabalho de Conclusão de Curso
UAB -	Universidade Aberta do Brasil
UFMT -	Universidade Federal de Mato Grosso
UEMA -	Universidade Estadual do Maranhão
UemaNet -	Núcleo de Tecnologias para a Educação da UEMA
UFMA -	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E CULTURA: a EaD como modalidade educativa.....	19
2.1	Educação e a produção do conhecimento.....	19
2.1.1	A educação técnica e a indústria cultural.....	21
2.1.2	A ideia de progresso cultural e as novas técnicas de educação.....	24
2.2	Educação e emancipação como forma de produção e veiculação cultural.....	32
3	A TUTORIA EM EAD NO BRASILSÉCULO XXI.....	41
3.1	Aspectos legais.....	41
3.2	O papel do professor e do professor tutor.....	45
3.3	As práticas pedagógicas do professor tutor na EaD.....	50
3.4	O Curso de Filosofia Licenciatura a Distância da UEMA e a atuação do tutor.....	54
3.4.1	Um Breve histórico da UEMA.....	55
3.4.2	O Curso de Filosofia Licenciatura a Distância da UEMA.....	56
3.4.3	A atuação do professor tutor.....	64
4	INVESTIGAÇÃO ACERCA DA PRÁTICA DA TUTORIA À DISTÂNCIA ENQUANTO MEDIAÇÃO NO CURSO DE FILOSOFIA DA UEMA.....	66
4.1	Dados Gerais do professor tutor a Distância da UEMA.....	67
4.2	O Olhar do tutor acerca da sua prática.....	68
4.2.1	Análise das questões fechadas.....	68
4.2.2	Análise das questões abertas.....	74
4.3	Dados gerais do aluno do curso de filosofia a Distância da UEMA.....	92
4.3.1	O Olhar Do aluno Acerca da Prática de tutoria	92
4.3.2	Dados Gerais dos Alunos.....	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
	REFERÊNCIAS.....	105

APÊNDICES.....	110
APÊNDICES A.....	111
APÊNDICES B.....	113
APENDICES C.....	115
APENDICES D.....	116
APÊNDICES E.....	117

1 INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD), operacionalizada através do uso das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é um fenômeno em expansão cada vez mais crescente, não somente em nosso país, como no cenário mundial.

A EaD aplicada a educação de nível superior, notadamente em cursos de graduação – licenciatura e bacharelado – e de formação de tecnólogos, se depara com peculiaridades regionais características da extensão espacial e cultural que o Brasil constitui, necessitando o engendramento de uma diversidade de formas metodológicas na condução da EaD relativa a cada contexto em que ela é oferecida. Entende-se desse modo, que a necessidade de se estabelecer discussões em torno do papel desempenhado pelos sujeitos educacionais envolvidos se fizeram necessárias.

Para isto, é de fundamental importância à caracterização formativa, social e identitária desses sujeitos, sejam eles alunos, professores, tutores, colaboradores administrativos e gestores, uma vez que todos desempenham um importante papel. Por questões de delimitação do objeto de estudo, neste trabalho analisamos o papel do sujeito caracterizado como tutor a distância, ou seja, aquele que se constitui como importante mediador entre conteúdos, alunos e TIC na EaD.

Em função da ação exercida entre o tutor e os alunos, fomenta-se que o sucesso dos cursos da modalidade a distância está justamente na relação entre estes dois atores; outros, por sua vez, questionam a atuação efetiva do tutor e os resultados de sua ação junto aos alunos (MILL; FIDALGO, 2007).

De acordo com Cechinel (2000), o tutor é aquele para o qual se compreende a função de facilitar e mediar à aprendizagem, além de motivar, orientar e avaliar as atividades dos alunos. Por essa perspectiva, percebemos que é o tutor que estabelece uma relação direta com os alunos, auxiliando-os no manejo e na aproximação dos conteúdos. Sua identificação formativa, pedagógica e social é análoga ao do professor “tradicional”, ainda que apresente outra denominação.

Por entendermos que sua ação difere da de um professor tradicional apenas na classificação nesse novo paradigma educacional, iremos nos referir nesse trabalho ao ‘tutor a distância’, como ‘professor-tutor’. E para referendar essa questão utilizaremos Mattar.

Estamos intencionalmente, utilizando o termo professor-tutor por considerarmos que o tutor a distância é também um docente e não simplesmente um animador ou

monitor neste processo, e muito menos um repassador de pacotes instrucionais. (BRUNO; LAMGRUBER, 2009, p.7 *apud* MATTAR, p. 24, 2012).

Desse modo, afirma-se que uma das maiores promoções no processo de ensino aprendizagem do aluno perpassa pela prática desse sujeito. E sua prática caracteriza-se essencialmente pelo seu processo mediador, como nos afirma Lamgruber (2009):

[...] Este profissional, como mediador pedagógico do processo de ensino e de aprendizagem, é aquele que também assume a docência e, portanto, deve ter plenas condições de mediar conteúdos e intervir para a aprendizagem. (BRUNO; LAMGRUBER, 2009, p.7 *apud* MATTAR, p. 24, 2012).

No aspecto legal, o “profissional” tutor carece de uma determinação clara, muitas vezes, caracterizado e exigido como professor (categoria profissional clara e definida no Brasil) e entendido ou tratado como uma categoria inferior “desconhecida” (mas de “utilidade” no que diz respeito à sua contratação precária e, portanto, menos onerosa).

No aspecto pedagógico, não há um manual de orientações para ele usar em casos diversos na sua relação com o aluno. Sua ação, nesse caso, depende fundamentalmente de sua experiência como professor, do seu bom senso, da sua história de vida, formação escolar, ética, etc. Essa atuação que não é padronizada e para a qual nem sempre recebe orientação, muitas vezes é decisiva na sua relação com os alunos.

Assim, investigar a atuação dos tutores a distância de um curso de Licenciatura na modalidade a distância constituiu um processo que abarcou tanto as atividades efetivamente realizadas por eles e o significado que as mesmas têm para eles próprios e para os alunos (revelando uma representação particular sobre esse sujeito) como o próprio perfil profissional, pessoal e social do mesmo.

Foi nesse contexto que emergiu o interesse em inquirir as práticas que estão no bojo da educação à distância, que se concretizam, dentre outras circunstâncias, por meio da atuação dos professores-tutores, os quais afetam e desafiam significativamente costumes educacionais bastante arraigados na nossa sociedade.

A preocupação pessoal e profissional, sobretudo, em desenvolver essa pesquisa surgiu em decorrência da nossa atuação na coordenação de tutoria do curso de Filosofia na modalidade a distância da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), um curso mediado, em termos pedagógicos e tecnológicos pelo Núcleo de Tecnologias para a Educação da UEMA (UemaNet); no qual trabalhamos na orientação e capacitação de professores-tutores de Filosofia no acompanhamento de suas práticas na mediação do conhecimento com o aluno. Os trabalhos que foram realizados nesse sentido revelaram-se importantes e profícuos para

conduzir nossa ação profissional, mas não suficiente para compreender de maneira sistemática o significado das ações desenvolvidas por esses sujeitos na percepção dos alunos e dos próprios professores-tutores. Também se procurou investigar os aspectos pedagógicos, sociais e culturais em torno dos sujeitos classificados como professores-tutores de EaD.

Esse conjunto de questionamentos e inquietações nos levou a ter como enfoque dessa pesquisa o ‘professor-tutor de educação a distância do curso de Filosofia da UEMA’, e como objetivo a sua prática enquanto mediação do conhecimento na relação estabelecida com o aluno, relação esta de ensino-aprendizagem, ao qual este assunto foi direcionado, levantando o seguinte problema de pesquisa: como o professor-tutor contribui através de sua prática de mediação no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos do Curso de Filosofia na modalidade a distância da UEMA? Como perguntas subjacentes, emergem as seguintes: qual a satisfação e importância dos professores-tutores do referido curso quanto às suas práticas? Em que medida a prática do professor-tutor auxilia na construção de uma educação emancipadora do aluno no decorrer do processo ensino-aprendizagem do Curso de Filosofia?

Como orientação para este trabalho apresenta-se o seguinte objetivo geral: investigar a prática do tutor a distância em relação à mediação do conhecimento com o aluno do Curso de Filosofia a distância da UEMA. Para alcançar o objetivo geral levantaram-se os seguintes objetivos específicos: Analisar a contribuição do tutor a distância na construção de uma educação emancipadora do aluno no decorrer do processo ensino aprendizagem; identificar a existência de atitudes dos tutores a distância no contexto do processo de ensino e de aprendizagem que estão além das orientações e padronizações formais, mas que são reconhecidas como importantes pelos alunos e auxiliar na inovação de um modelo de tutoria e melhorias de sua prática na construção do conhecimento.

Diante do que foi considerado inicialmente, põe-se a colocar as estratégias de pesquisa adotada que deram suporte à construção teórico- metodológica acerca do objeto de estudo deste trabalho, a saber, o processo de mediação do conhecimento acadêmico desencadeado pelo professor-tutor do curso de filosofia a distância da UEMA. Estas estratégias, alinhadas aos objetivos da pesquisa, fazem com que a mesma apresente fundamento metodológico parte teórico, parte empírico.

No tocante à parte teórica, percebeu-se em um primeiro momento que o objeto de estudo em questão só poderia ser compreendido quando investigado dentro do contexto da educação e democratização do saber no Brasil, na medida da observação de desenvolvimentos

naturais, lógicos e históricos particulares que necessitam serem suprimidos em uma totalidade contextual que o influencia e é influenciada. Desse modo, esta pesquisa apresenta-se alicerçada no método dialético, de cunho hermenêutico. Por hermenêutica, assume-se a conceituação dada por Max Weber (1992, p.313) de imputações causais, onde define a própria hermenêutica da causalidade como possibilidade nas ciências humanas. Isto significa que a realidade e os enunciados propostos sobre a mesma são subsumidos de forma essencialmente contextualizada. Foi preciso um par tempo/história para que o entendimento do objeto de estudo fizesse sentido. Assim, apresentou-se este contexto e suas inferências relacionais ao objeto de estudo na medida da discussão do surgimento e consolidação da modalidade educativa da EaD no Brasil, no aspecto descritivo e histórico, com destaques para os apontamentos de autores especializados na área e inferências dedutivas de documentos relacionados.

Para tanto, como procedimentos da pesquisa nesta fase inicial, foi realizada análise bibliográfica e documental e estudo de caso. Na análise bibliográfica, realizou-se a coleta de dados em bases secundárias trabalhadas. Bases secundárias trabalhadas são materiais que contêm informações relevantes à temática da pesquisa e que já receberam tratamento analítico. A priori, delimitarei essas bases em livros e artigos de periódicos (físicos ou virtuais) referentes à temática, expostos na bibliografia.

Para realizar o levantamento das bases secundárias trabalhadas para posterior análise, apoiei-me, principalmente, naquelas que tratam das categorias da *educação, educação à distância, emancipação e autonomia*.

Dentre os autores que oferecem bases sobre as categorias em questão, encontram-se: João Mattar, em seu livro *Tutoria e Interação em Educação a Distância*, que traz para EaD uma concepção de educação interacionista e defende o papel do tutor enquanto um sujeito atuante no processo ensino aprendizagem, expondo seus direitos de igualdade e propondo elucidar a atuação do tutor como docente. Outro autor de referência para esta análise é Mathias Gonzalez (2005), com sua obra, *Fundamentos de tutoria em educação a distância*, na qual ele trata da natureza do trabalho específico da tutoria na EaD e da identidade do tutor a distância. No que diz respeito ao estudo sobre que papel tem assumido o professor-tutor para que a EaD não seja apenas mais uma forma de promover a transmissão de informação disfarçada sob uma nova roupagem tecnológica, recorreremos a Conceição e Carvalho (2014) em “Ser Tutor(a)-Educador(a) no Âmbito da Educação a Distância”.

No que diz respeito às categorias de emancipação e autonomia, como se trata de uma discussão sobre uma prática humana de grande importância para o conjunto da

sociedade, e ao mesmo tempo, de uma prática nova com características revolucionárias e que atinge as massas, considerou-se a necessidade de estabelecer um diálogo com dois autores ligados à filosofia que discutem os fenômenos de massa e de cultura: Theodor Adorno, na sua obra *Dialética do Esclarecimento*, particularmente em *Indústria Cultural e Educação e Emancipação*, e Walter Benjamin, no texto *Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*.

A possibilidade de envolver as teorias e reflexões destes filósofos nos fez triangular sobre questões de ordem social, cultural e educacional, que nos auxiliaram a melhor compreender o trabalho do professor-tutor.

Na dimensão desta pesquisa concernente à análise documental, foi realizada a coleta de dados em bases secundárias brutas. Bases secundárias brutas são materiais que possuem informações relevantes à pesquisa e que ainda não receberam tratamento analítico. A priori, delimiti essas bases em normas jurídicas constitucionais e infraconstitucionais (leis, decretos, resoluções, e portarias), documentos da administração pública (federal, estadual e municipal) que tratem de assuntos referentes ao objeto de estudo, e em dados estatísticos de natureza econômica e social que interessem à avaliação quantitativa e qualitativa da educação, Nesta análise, o intuito foi explorar a conotação técnica e gerencial atrelada à realidade do objeto de estudo enquanto singularidade inserida dentro de uma particularidade de uma política pública dentro do Brasil.

Como política pública já implementada no estado do Maranhão, o Curso de Filosofia à distância da UEMA (contexto institucional onde se desenvolve o objeto de estudo desta pesquisa) foi analisado utilizando o procedimento de estudo de caso, composto por dois momentos na pesquisa: o relato e a análise do caso. Caso pode ser identificado com o objeto de estudo de uma pesquisa, numa visão que identifica a singularidade do objeto dentro de um contexto, situado em determinado tempo e espaço, que nesta pesquisa constitui a mediação pedagógica através da prática de tutoria no referido curso da UEMA.

O primeiro momento, o relato do caso, foi desenvolvido sob a perspectiva descritiva do Curso e das atividades de tutoria, no que diz respeito a sua gestão, sob o ponto de vista legal e técnico (estruturação, estratégias, diretrizes, planejamentos) e pedagógico.

No segundo momento, correspondente a análise do caso em questão, tivemos a necessidade, em última análise, de avaliação do mesmo ou como uma unidade tipicamente exemplar ou como uma unidade idiossincrática. Por unidade idiossincrática, compreende-se aquele caso que foge à regularidade de conclusões e considerações de pesquisas que envolvam temáticas, objetos e objetivos de estudos semelhantes ao desta pesquisa.

Configurando-se os resultados desta pesquisa em consonância com os resultados e conclusões de outras semelhantes, analisar-se-á o caso como tipicamente exemplar, como aquele que pode ser usado exatamente para demonstrar a regularidade.

Na análise do caso, identifiquei o processo a ser feito de julgamento sobre o mesmo com a avaliação sistemática da prática pedagógica em questão, na medida de examinar o nível de mediação educacional que a mesma gera, assim como o alcance de seus objetivos propostos. Desse modo, se fez necessário a vinculação de algum método específico para este momento. Para isto, escolhi o método de avaliação de impactos educacionais, mais precisamente, tratei da avaliação *ex post* (posterior à implementação), visto que a prática pedagógica estudada já encontra-se implantada e, por hipótese, com resultados atingidos.

A avaliação de impactos de uma prática pedagógica prescinde a definição de critérios e indicadores, como base para a análise e julgamentos deliberados sobre a mesma. Desse modo, escolhi critérios que digam respeito à dimensão educacional do desempenho da prática dos tutores de EaD, a saber, de eficácia, eficiência e satisfação por parte dos seus atores (tutores à distância) e clientes (alunos).

Por eficácia, entendo a correspondência da prática de tutoria ao nível do alcance das metas e objetivos educacionais desejados e/ou preestabelecidos. Por eficiência, entendo o nível de transformação cognitiva e pedagógica gerada nos alunos pela prática de tutoria, no caso, no curso de Filosofia da UEMA. Como satisfação, entendo o nível de correspondência entre a expectativa discutida e gerada pela prática profissional do tutor e o resultado alcançado.

Para o entendimento da realidade da prática em questão a partir dos critérios adotados, se fez necessário a avaliação de seus impactos pedagógicos em consideração aos aspectos gerados na relação ensino-aprendizagem em que a prática encontra-se, a saber, no Curso de Filosofia.

Os critérios então escolhidos precisou ser operacionalizados por meio de indicadores. Entende-se estes como os artifícios próximos a objetividade que podem ser elencados para a medição dos impactos pedagógicos e de sua capacidade de alcance dos objetivos para os quais foram elaborados. Para isto, do ponto de vista da abordagem, esta pesquisa tem a perspectiva quantitativa e qualitativa.

Na perspectiva quantitativa, abordei a influência do objeto de estudo como algo que pode ser traduzido de forma quantificável. Adotei indicadores que concretizam-se em respostas à perguntas estruturadas em forma de questionário que medem a satisfação e

desenvolvimento da prática da tutoria no que diz respeito ao seu aspecto de mediação do conhecimento.

Na perspectiva qualitativa, toma-se como proposta a citação de Bardin (1979, p.42), como sendo:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Desse modo, na perspectiva qualitativa abordei o objeto de estudo como algo que é ímpar, cuja tradução numérica usada na avaliação dos impactos gerados pela prática da tutoria não delimita as percepções pessoais, sociais e pedagógicas associadas ao mesmo. Em razão disso, busquei compreender a relação dinâmica e extra numérica, caracterizada por respostas abertas relacionadas aos mesmos critérios do aspecto quantitativo da pesquisa. Para isto, operacionalizei a avaliação através de indicadores referentes à satisfação dos professores-tutores e discentes quanto à prática de tutoria enquanto mediação de conhecimento.

Nesta etapa, a pesquisa assume sua parte empírica de natureza aplicada, pois tem como objetivo solucionar hipóteses específicas que serão aplicadas e testadas na prática.

As pesquisas aplicadas dependem de coleta de dados que podem ser realizadas de diferentes formas, como através de *check-list* e pesquisa a campo e sua estruturação típica seria a fundamentação teórica, metodologia de pesquisa e análise e discussão dos dados, sendo neste caso, o conhecimento básico serve de referencial para a análise dos dados (VILAÇA, 2010).

Numa tipologia de pesquisa mais ampla, utiliza-se a classificação adotada por Gil (2010), segundo a qual, a presente pesquisa apresenta características, segundo a área, que a localizam em ciências humanas e, do ponto de vista de sua finalidade, como uma pesquisa aplicada, pois “abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas identificados no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem”. (GIL, 2010, p. 26).

Os sujeitos da pesquisa foram os tutores a distância do Curso de Filosofia da UemaNet, os quais exercem a função de mediadores do conteúdo educacional com o aluno, via ambiente virtual de aprendizagem, e os alunos do Curso de filosofia da UEMA, clientes e alvos da mediação dispensada pelos tutores.

A quantidade de tutores escolhidos se deu na totalidade de 52 tutores, extraído de uma amostra de 16 tutores a distância do curso de filosofia, correspondendo a aproximadamente 31% do total. A escolha se deu de forma aleatória, através de sorteio, sem

nenhum critério, onde a amostra sorteada foi de 20 tutores (39%); destes, 16 entregaram o questionário respondido dentro do prazo máximo solicitado e que não comprometeu o andamento da pesquisa.

Quanto aos alunos, a escolha da amostra se deu dentro da totalidade de 362 alunos egressos do curso na colação de grau de 2014. Este público foi escolhido tendo em vista a vivência e conclusão de todos os processos referentes à EaD do curso, incluído a relação estabelecida com os tutores durante os 4 anos de graduação.

Dos 315 alunos concludentes, foi sorteada uma amostra de 100 alunos de forma aleatória, usando como único critério de aleatoriedade a escolha a partir da ordem alfabética das iniciais de seus nomes, partindo-se da primeira letra do alfabeto. Destes, 75 responderam o questionário e o enviaram em tempo hábil dentro do prazo máximo solicitado, correspondendo à 20% dos alunos concludentes.

A análise interpretativa dos dados coletados foi iniciada imediatamente após a devolutiva dos questionários. Os critérios e as categorias de análise foram seguidos rigorosamente de acordo com o já exposto no tópico acima. As representações dos resultados obtidos foram estruturados em formas de gráficos e estatísticas, a fim de que a veracidade das respostas sejam as mais fieis possíveis.

Nesta perspectiva, a dissertação se apresenta com a seguinte estrutura:

a) Introdução - apresentamos a perspectiva da pesquisa, discorrendo acerca do estado da arte do objeto, os objetivos e a metodologia aplicada.

b) Capítulo I - Intitulado como ‘Educação, Conhecimento e Cultura: A EaD como modalidade educativa’, este capítulo mostra a contextualização e as influências do conhecimento e da cultura na educação, a saber, de que maneira a educação influenciou esse saber científico, a partir de uma análise do ponto de vista cultural do filósofo Walter Benjamin, relacionando a história à uma educação mais humanitária. Aglutina-se ainda nesta seção o pensamento do filósofo Adorno, naquilo que concerne à indústria cultural e tecnicista, como um ensino apenas prático. O intento foi aludir a EaD como possibilidade de esclarecimento e mediação para a educação, assim como a importância do tutor na participação das narrativas para um médium de reflexão e da emancipação cultural.

c) No capítulo II ‘A tutoria em EaD no Brasil/século XXI’, abordaremos os aspectos legais da EaD no Brasil no tocante a leis, decretos e os Referenciais de Qualidades do Mec. No que diz respeito a ação dos professores na EaD analisaremos os papéis dos professores e dos tutores na ação didático pedagógica do aluno e da efetividade desse trabalho

no processo ensino aprendizagem. Além de fazermos a averiguação da prática da tutoria no curso de Filosofia a distância da UEMA.

d) O capítulo III, que tem como título, Investigação acerca da prática da Tutoria à distância enquanto Mediação no curso de Filosofia a distância da UEMA, apresentamos os resultado da pesquisa de campo em sua parte empírica, através de dados estatísticos e análise interpretativa dos dados coletados dos tutores a distância e dos alunos do referido curso.

e) Conclusão - apresentamos uma síntese da pesquisa bibliográfica e os principais resultados da pesquisa empírica.

O intento desta pesquisa foi de estabelecer uma compreensão acerca da prática da tutoria estabelecida pelo professor tutor a distância do referido curso, buscando identificar as características e elementaridades do seu trabalho pedagógico na medida da contribuição para uma maior autonomia educacional dos alunos. Em última instância, nosso objetivo a posteriori foi contribuir para a discussão na comunidade científica acerca dos papéis desempenhados pelos sujeitos envolvidos na modalidade EaD, com destaque para o professor tutor, e assim, favorecer o desenvolvimento de novas perspectivas nessa modalidade educativa.

2 EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E CULTURA: a EaD como modalidade educativa

Neste capítulo, analisamos a educação alinhada à perspectiva do conhecimento e da cultura. Identificaremos o processo construtivo precursor da educação e do seu papel social inserindo a percepção primordial da EaD no contexto educacional emancipatório, a partir de aspectos delineados por Benjamim e Adorno.

2.1 Educação e a produção do conhecimento

A única concretização efetiva para a emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência. (Teodor W. Adorno)

O surgimento do desenvolvimento científico se deu em decorrência da nova organização do pensamento racional onde influenciou diretamente nas estruturas educacionais, exigindo modernos métodos de educação que auxiliassem na produção do saber.

Se formos recorrer aos primórdios, identificamos essas transformações já em Sócrates e depois Platão, o primeiro com a maiêutica, o segundo com o método dialético. Os diálogos platônicos apesar de terem um cunho racional seguiam ainda uma veia poética e teatral, ou seja, a narrativa.

A narrativa era, portanto a forma de se transmitir os saberes científicos e culturais e só ganharam um caráter mais técnico com Aristóteles, onde o mesmo fazia uma divisão do conhecimento repartindo os em disciplinas e áreas de estudo, dando assim uma separação mais metodológica ao ensino.

A narrativa se aproxima tanto dos diálogos platônicos quanto da educação tradicional no sentido, que devem causar um *thaumá*¹ no indivíduo levando-o aprender algo novo e surpreendente. Direccionando o sujeito a se reconhecer não apenas como um indivíduo social, mas também como ser de uma história; integrado a uma cultura.

Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade

¹ O termo [...] vem do grego: a (que significa ausência), lexis (palavra) e Thymós (que significa emoção). o homem grego já havia criado uma representação para estes fenômenos, associando-os à... Esta associação à máscara do terror representa a extrema alteridade Explicar thaumá COMO, O estupor, and CELSO DE ARAÚJO OLIVEIRA JR. "O ESTUPOR EM BECKETT."

humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. Com a mudança das coisas mudam os indivíduos; o tipo permanece o mesmo. Homens e animais, na sua espécie pela procriação natural. Só o Homem, porém, consegue conservar e propagar sua forma de existência social por meio das forças pelas quais a criou, quer dizer, por meio da vontade consciente da razão. O seu desenvolvimento ganha por elas um certo jogo livre de que carece o resto dos seres vivos, se pusermos de parte a hipótese de transformações pré-históricas das espécies e nos ativermos ao mundo da experiência dada. (JAEGER, 2001, p.3).

A educação ainda para os gregos antigos não era apenas um meio em si de produção do conhecimento, mas, tinha como finalidade de formar um cidadão para a pólis – *zoonpolitikon* -, todavia, para Ponce (1992, p.40) essa educação ainda seria direcionada pelas classes superiores para uma população em sua maioria subjugada pelo sistema educacional e uma cultura toda centrada nesse modelo de sociedade. Já para Jaeger (2001, p.7), não havia na Grécia a utilização da palavra cultura no sentido de ideal de civilização ou ainda esse sentido moderno é mais uma semântica dos estudiosos do que do próprio grego. Para ele a palavra que se aproxima desse sentido se configura pela palavra formação, que seria próxima ainda da palavra educação, no mesmo grau que Platão a utilizava, e esse mesmo termo foi inserido na essência da educação dos gregos. Mas para Ponce (1992), essa educação difere em sentido lato do que chamamos ainda de instruir, que não fosse voltado para virtudes. Deste modo, O professor para ele não era um modelador de mentes e almas, mas devia formá-los no sentido de uma Paidéia -, mas, o que talvez Ponce não considere é que o caráter poético da educação grega está intimamente ligado a literatura, ou ainda a uma formação humana, ou seja, a vida e seus problemas.

Tanto para Homero como para Hesíodo a vida do homem em todas suas dimensões decorria de um aprendizado em forma de narrativa não no sentido de um saber prático. Decerto um saber do modo de viver, onde as narrativas são um aprendizado ético educativo, uma sabedoria de viver.

Se as narrativas são uma metodologia diferente da educação manipuladora, os diálogos platônicos são um novo modelo dessas narrativas. Segundo Jaeger (2001, p. 511) tanto Sócrates quanto Platão usavam suas formas de educar ou narrativas para a formação do homem, uma maiêutica para a verdade na busca de uma sabedoria superior. Uma educação filosófica, que se dava para uma narrativa da formação e não para uma instrução meramente técnica. Para Platão se o homem concebe ideias é por que ele já as vislumbrou no mundo das ideias. O papel do homem seria o de reaprender essas mesmas ideias que seriam o bem, a justiça e etc. Dentro desse entendimento ainda assevera Ponce (1992, p.59), para Platão e Aristóteles “uma sociedade fundada no trabalho escravo não podia assegurar cultura para

todos”, ainda porque as histórias que compõem a cultura não são um saber compartilhado para a polis, uma história comum a todos, nisso se configura já uma crise ao modelo de educação da época.

Ao recorrermos ao pensador alemão Walter Benjamin, o qual alude o poder da narrativa como resgate de uma forma de educação diferenciada, voltada para uma formação mais humanística, defende que o processo de ensinar e aprender deveria se dar através de fatos narrados resultantes da experiência de um povo, como suas histórias e seus costumes, para que a educação se fundamentasse numa transmissão de saberes, onde fossem passados em forma de narrativa explicativa, para que cada pessoa se reconhecesse como parte integrante dessa história.

Se nas histórias contadas ou narradas pegando os exemplos das epopeias (poemas épicos) de *Homero* que possuíam em si um caráter educador e que toda narrativa contava uma parte da história de cada povo e o que gerava esse reconhecimento dentro da narrativa não era apenas a habilidade do narrador – *professor* -, mas o caráter disciplinar para os seres humanos de uma mesma época.

Porém o mito perdeu seu lugar para o saber filosófico e a narrativa saiu da ágora para a sala de aula, e o professor para Benjamin deveria assumir o papel desse “*narrador*”, já que o poder da narrativa devido ao progresso científico – indústria cultural-, está desaparecendo. A educação além de seu caráter educador deveria ganhar mais esse atributo que seria o de manutenção e resgate da cultura.

Assim sendo, tradição e sua passagem para as gerações futuras seriam garantidas pelo aprendizado, ou seja, pelas narrativas que aprendíamos e passaríamos para os nossos filhos, e os filhos dos nossos filhos. E o que estimularia este aprendizado seriam a criatividade e a imaginação do professor – narrador -- assumindo esse o papel de estimulador da reflexão para uma experiência mais rica.

2.1.1 A educação técnica e a indústria cultural

No seu texto "O Narrador" Benjamin versa sobre as mudanças das experiências humanas, das modificações na cultura e das sociedades que vai culminar na transmissão das experiências vividas - *Erlebnis* -, essa nova forma de experiência, não é uma experiência no sentido de experimento, mas uma experiência no sentido de viver as situações, levando consigo as vivências que trarão desde o aprendizado do trabalho artesanal, até a

industrialização, e a perda desse aprendizado mais primitivo ou dessa narrativa mais direta levarão à aproximação do ideal de cultura imposto pelo sistema capitalista tecnicista.

A educação se torna a mola propulsora desse foco, pois a educação é o mediador das relações de compreensão do homem e da sociedade com a realidade. Se não possuímos uma vivência cultural –*Erlebnis* – verdadeira, significa que as experiências – *Erfahrung* –, ou os experimentos das políticas sociais são falhas e não servem mais a um todo, servem apenas para uma minoria.

E dentro desse escopo podemos encontrar a teoria de outro pensador da escola de Frankfurt, Theodor Adorno. Para Benjamin a mudança de narrativa ou de educação modifica as relações na sociedade, através do progresso que abandona as tradições passadas esquecendo uma educação mais completa, também para Adorno a nova educação tecnicista vai ser a origem da indústria cultural, e o surgimento de uma narrativa direcionada em prol do sistema capitalista. As demandas econômicas e a necessidade de mão de obra reordenaram a nova educação, que se tornou menos teórica e mais prática. Tanto a narrativa como o tecnicismo gerado pela sociedade de consumo que vão modificar gradativamente os parâmetros educacionais e seus objetivos. Mudando o ideal formativo da educação na antiguidade que seria um fim em si mesmo, ou uma educação para a *pólis* e não para o consumo.

Esse consumo é gerado pelos incentivos comerciais da indústria cultural que são relações íntimas entre as manifestações culturais e as ideologias dominantes. As grandes ferramentas difusoras da indústria cultural são os meios de comunicação e educação. Onde essas ideologias possuem papel fundamental nos costumes das culturas dominantes, que se difundem como expressão cultural.

A racionalidade técnica hoje é a racionalidade do próprio domínio, é o caráter repressivo da sociedade que se autoaliena. Automóveis, bombas e filmes mantêm o todo até que seu elemento nivelador repercute sobre a própria injustiça a que servia. Por hora a técnica da indústria cultural só chegou à estandardização e à produção em série, sacrificando aquilo pelo qual a lógica da obra se distinguiu da lógica do sistema social. Mas isso não vai imputado a uma lei de desenvolvimento da técnica enquanto tal, mas à sua função na atual sociedade econômica. (ADORNO,1986 p.172)

As ideologias sendo utilizadas e propagadas dentro dos mecanismos educacionais erigem valores deturpados, e uma falsa noção de consciência, culminando no que Adorno vai chamar de cultura de massa. Essa surge das transformações dos comportamentos e das necessidades disponibilizadas pela indústria cultural ou sociedade de consumos.

Associasse, portanto, os conceitos indústria cultural e cultura e massa como termos simbióticos, onde existe uma planificação da cultura em detrimento da falta de compreensão ou subjetividade proporcionadas aos sujeitos, que perderam devido às propagandas e as ideologias a liberdade de escolha, sendo estes alienados de suas vontades em função do sistema. Um dos exemplos que Adornos nos dá é o da Alemanha nazista, onde o totalitarismo mantinha o controle da classe operária na forma da massificação cultural. Onde esses meios serão os veículos de comunicação, o lazer e as metodologias educativas tendenciosas, que impossibilitará a prática da reflexão crítica. Criando dessa forma necessidades artificiais, que atenderam ao mercado e ao consumo.

As mudanças na história modificaram várias vezes os costumes e criaram um ideal que parecia absoluto, educar agora não seria produzir uma cultura ou ideal de civilização, e sim a “fabricação” de mão de obra ou ferramentas de consumo da indústria cultural. Para os positivistas ainda o conceito de cultura é uma realidade da análise social; em alemão *Kultur* quer dizer tudo aquilo criado pelos aspectos imateriais – intelectuais, artísticos e religiosos -, de uma sociedade enquanto a palavra *Zivilisation* indica os aspectos materiais de uma cultura; vestimentas, ferramentas de trabalho, construções e costumes e etc. o entendimento dos dois significados converge para entendermos como os mecanismos de comunicação, religião e educação podem servir como ferramentas para o sistema, principalmente no século XX, com o avanço da ciência e da técnica.

A medida unitária do valor consiste na dose de *conspicuous production*, de investimento ostensivo. A diferença de valor orçado pela indústria cultural não tem nada a ver com a diferença objetiva, com o significado dos produtos. Mesmo os meios técnicos tendem a uma crescente uniformidade recíproca. A televisão tende a uma síntese do rádio e do cinema, retardada enquanto os interessados ainda não tenham conseguido um acordo satisfatório, mas cujas possibilidades ilimitadas prometem intensificar a tal ponto o empobrecimento dos materiais estéticos que a identidade apenas ligeiramente mascarada de todos os produtos da indústria cultural já amanhã poderá triunfar abertamente. Seria ironicamente a realização do sonho wagneriano da "obra de arte total". O acordo entre palavra, música e imagem realiza-se mais perfeitamente que no *Tristão*, enquanto os elementos sensíveis são, na maioria dos casos, produzidos pelo mesmo processo técnico de trabalho e exprimem tanto a sua unidade quanto o seu verdadeiro conteúdo. (ADORNO, 1986 p.173).

A nova educação técnica se orienta por resultados direcionados pela indústria cultural, ou a economia de mercado. Os valores passados antes pelas narrativas perderam seu espaço, agora temos os programas de TV e a internet e o professor foi relegado a um papel secundário, pois modificaram-se os costumes e as necessidades da sociedade por meio das descobertas científicas e seu progresso.

A humanidade sempre refletiu em suas cidades a sua forma de viver, segundo Marx² a naturalização do homem é chamada de humanização. Pois o homem é o único animal que modifica o ambiente em que vive, ele adapta o meio as suas necessidades. Esse humanizar do homem orientará seu modo de se educar no mundo, e não é necessariamente isso o que é educar, compreender e comportar-se de um outro modo dentro do mundo. Modificar seu habitat, aprender os ciclos e as mudanças climáticas, o arado do campo e etc. todos esses aprendizados do homem surgiram dessa necessidade de sobrevivência e reflexão que só foram possíveis porque foi transmitido um conhecimento de geração em geração, e desse produto resultou no que podemos chamar de cultura. Mas a massificação perde e abandona as identidades culturais e a tradição, como possuímos uma educação da técnica e do consumo, esses valores acabam se tornando comerciais pelas propagandas da indústria cultural. A própria educação cede a esse comércio, e dessa forma o progresso engole esse mecanismo emancipador.

2.1.2 A ideia de progresso cultural e as novas técnicas de educação

O advento da razão, a evolução científica e o progresso urbano, causaram a expansão das cidades ou das capitais, com a crescente dos seus parques industriais, suscita assim uma nova consciência social, que troca o absolutismo pelo liberalismo burguês. As figuras da igreja e do rei são trocadas pela moeda pregada nas frentes revolucionárias, no mantra enciclopedistas liberdade, igualdade e fraternidade. O populacho em crise precisa de esperança para superar essas mudanças, e os enciclopedistas ou iluministas franceses são assistidos aqui como profetas do amanhã, onde estes depositavam sua fé na deusa razão, e nas suas rebentas ciências e políticas modernas.

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa sua origem. Os reis não controlam a técnica mais diretamente do que os comerciantes: ela é tão democrática quanto o sistema econômico com o qual se desenvolve. A técnica é a essência desse

² Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o ser humano e a natureza, um processo em que o ser humano, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural, como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2004, p.36).

MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de valorização. In. ANTUNES, R. (org.) A dialética do trabalho. SP: Expressão popular, 2004.

saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. As múltiplas coisas que, segundo Bacon, ele ainda encerra nada mais são do que instrumentos: o rádio, que é a imprensa sublimada; o avião de caça, que é uma artilharia mais eficaz; o controle remoto, que é uma bússola mais confiável. O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa³.

A compreensão do mundo com base no cientificismo positivista⁴ que buscava a construção de verdades absolutas e incontestáveis tornou-se em pouco tempo, a predominante de todo o pensamento europeu, difundindo-se para diversos campos do saber. Renasceu a importância da Física e da Química como disciplinas exatas, por exemplo, mas o caso mais destacado desse processo de construção de conhecimento é a transformação que ocorre nas chamadas disciplinas humanistas, como a História e a Sociologia. Elas também vão incorporar a tendência cientificista, auxiliando a explicar o domínio europeu nas novas colônias e impondo novos métodos de se estudar as relações sociais e o andamento da História dos povos.

O positivismo, que havia surgido em fins do século XVIII e princípio do século XIX como uma crítica da burguesia anti-absolutista no decorrer do século XIX, transformou-se numa ideologia conservadora identificada com a ordem industrial burguesa. O positivismo tornou-se no Brasil como em outros países, um movimento político organizado e seus temas foram bastante divulgados.

A transformação da cultura e o avanço da história fizeram surgir novas formas de narrativas que favoreceu no desenvolvimento de várias práticas educativas, ou seja, modernos métodos de aprendizado e o aprimorando das práticas pedagógicas. Sobre os modernos métodos de aprendizagem, podemos citar o desenvolvimento da técnica, responsável pelo abandono do homem a produção artesanal.

³ Theodor W. Adorno & Max Horkheimer, **dialética do esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos 1947, p.5.

⁴ Segundo Comte "a palavra positivo designa *real*, em oposição a quimérico. Desta óptica, convém plenamente ao novo espírito filosófico, caracterizado segundo sua constante dedicação a pesquisas verdadeiramente acessíveis à nossa inteligência, com exclusão permanente dos impenetráveis mistérios de que se ocupa, sobretudo em sua infância. Num segundo sentido, muito vizinho do precedente, embora distinto, esse termo fundamental indica o contraste entre *útil* e ocioso. Lembra então, em filosofia, o destino necessário de todas as nossas especulações sadias para aperfeiçoamento contínuo de nossa verdadeira condição individual ou coletiva, em lugar da vã satisfação duma curiosidade estéril. Segundo uma terceira significação usual, essa feliz expressão é freqüentemente empregada para qualificar a oposição entre a *certeza* e a indecisão. Indica assim a aptidão característica de tal filosofia para constituir espontaneamente a harmonia lógica no indivíduo, e a comunhão espiritual na espécie inteira, em lugar dessas dúvidas indefinidas e desses debates intermináveis que devia suscitar o antigo regime mental. Uma quarta acepção ordinária, muitas vezes confundida com a precedente, consiste em opor o preciso ao vago. (...) É preciso, enfim, observar especialmente uma quinta aplicação, menos usada que as outras, embora igualmente universal, quando se emprega a palavra positivo como contrária ao *negativo*. Sob esse aspecto, indica uma das mais eminentes propriedades da verdadeira filosofia moderna, mostrando-a destinada sobretudo, por sua própria natureza, não a destruir, mas a *organizar*." (COMTE, 1978: 62).

As perspectivas de estudo do campo epistemológico, das habilidades técnicas e relações situacionais não são revistas no positivismo. Essa nova forma de educação era uma forma de responder os anseios positivos, tornando a educação uma prática ainda mais objetiva.

A concepção positivista é ainda *historicizante* e linear, buscando por meio de suas análises através do progresso científico superar os erros do passado, porém seus mecanismos divergem da narrativa proposta por Benjamin, eles seguem uma forma de educação mais calculista.

A perda da tradição e da memória para Benjamin dá ao homem uma experiência coletiva ligada ao trabalho, às novas ordenações do trabalho industrial e a nova classe social operária. Mas, esse coletivo é um coletivo do não saber, pois houve uma fragmentação do conhecimento. E esse desmembramento encontra seu ápice na modernidade, ou para ser mais preciso no positivismo. Isto é, através desse modelo educativo a orientação se dá em busca pelos resultados do que o aprendizado em si; como vimos, perdemos a oportunidade de entender o processo histórico em educação, como a busca de um significado “humano” para o homem comum; de se compreender, principalmente, o processo de formação de sua identidade. Para os positivistas há uma determinação que seriam a ordem e o progresso da humanidade por meio de seus mecanismos, o positivismo seria por fim, a ciência com seus determinados, práticos direcionados pelo progresso da razão.

Sobre essa iluminação positivista, Adorno e Horkheimer o concebem numa época de escombros, as divisões políticas o auge das ciências contemporâneas, a hecatombe do átomo, todas as políticas pedagógicas modernas tiveram o objetivo do progresso e não da elevação da dimensão espiritual do homem. O que Adorno vai chamar de “esquecimento inútil do expurgo positivista”, onde uma das formas de dominação do homem pelo homem será a linguagem.

A linguagem e a leitura são vias de acesso mais diretas ao conhecimento, sendo uma narrativa de aprendizado. Porém a modernização dos mecanismos de ensino aprendizagem mudou o foco da narrativa para o âmbito da instrução, que será uma educação mais instrumental. E as instrumentalizações do conhecimento e da cultura nos trancafiaram em um calabouço de ignorância sendo objetivos claros do processo global. Ele atribuiu todas essas mudanças dos hábitos, da cultura de uma massificação do pensamento e autodestruição do pensamento. Esses novos saberes são ferramentas de manutenção das massas, que através dessa instrumentalização do saber gera um falso esclarecimento.

A essa suposta clareza ligadas às ciências, ou a mecanização criaram para nós um lado obscuro da vida. A educação produtora do pensar livre exige por via dos currículos apenas o que se consome impostos pela cultura burguesa. Nesse intermédio, ele concebe algumas críticas acerca do magistério, da educação e da formação dos professores⁵ a partir das novas práticas pedagógicas nas palavras de Adorno 'Falsa cultura e a favor da cultura', é dessa forma que ele vai enxergar a educação, como herança dos erros históricos e da cultura industrializada.

É o ideal da naturalidade no ramo e que se afirma tanto mais imperiosamente quanto mais a técnica aperfeiçoada reduz a tensão entre a imagem e a vida cotidiana. Percebe-se o paradoxo da *routine*, disfarçada em natureza, em todas as manifestações da indústria cultural, e em muitas ela se deixa apalpar. Um jazzista que deve executar um trecho de música séria, o mais simples minuetto de Beethoven, começa involuntariamente a sincopá-lo, e só com um sorriso de superioridade consente em entrar com o compasso certo. Essa *natura*, complicada pelas pressões sempre presentes e exageradas do *medium* específico, constitui o novo estilo, isto é, "um sistema de incultura ao qual se poderia conceder certa unidade estilística, enquanto ainda tem sentido falar em barbárie estilizada". (ADORNO, 1985,176).

A relação da nova educação positivista que analisa e estuda o homem no mesmo âmbito das ciências naturais se apartando de certa forma de suas idiossincrasias. A sociedade e a cultura com o afastamento dessa natureza industrial subjugada se convencionará e se educará a partir desse novo molde progressista. Para Benjamin a humanidade se tornou pobre e miserável, pois abandonou as peças do "*patrimônio humano*", onde a arte e a cultura são estandartes de uma minoria burguesa e dominante, para demonstrar sua superioridade diante da maioria proletária, tanto para Adorno como Benjamin os principais mecanismos de controle ideológicos serão a comunicação e educação. "burguesia", "vê seus filhos como herdeiros; os deserdados os veem como ajudantes, vingadores, libertadores. Esta é uma diferença suficientemente drástica. Suas consequências pedagógicas são incalculáveis" (BENJAMIN, 1984, p.73). Vê-se que a novas práticas de educação estão inseridas dentro de um molde social, os programas educacionais e as novas políticas sociais são sectários.

Os principais fatores dessa imensa massificação serão os meios de comunicação e a educação manipulada, porém ele vê tanto nos meios de comunicação e na educação ferramentas para se chegar a uma conscientização da cultura, ou ainda uma dialética do

⁵ Ao tratarmos sobre formação de professores, podemos citar a UAB- Universidade Aberta do Brasil- medida governamental, idealizada para minimizar ou mesmo anular a existência de professores que trabalham na educação básica que não possuem nível superior. (**grifo nosso**).

pensamento enquanto crítica de si, e a educação seria assistida como fundamental peça para emancipação.

Após Auschwitz, é preciso elaborar o passado e criticar o presente prejudicado, evitando que este perdure e, assim, que aquele se repita. O filósofo alerta os educadores em relação ao deslumbramento geral, e em particular o relativo a educação, que ameaça o conteúdo ético do processo formativo em função de sua determinação social. Isto e, adverte contra os efeitos negativos de um processo educacional pautado meramente numa estratégia de "esclarecimento" da consciência, sem levar na devida conta a forma social em que a educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos. Parafraçando Adorno no último parágrafo da *Mínima moralia*, quanto mais a educação procura se fechar ao seu condicionamento social, tanto mais ela se converte em mera presa da situação social existente. E a situação do "sonho de uma humanidade que torna o mundo humano, sonho que o próprio mundo sufoca com obstinação na humanidade"! O desenvolvimento da sociedade a partir da Ilustração, em que cabe importante papel a educação e formação cultural, conduziu inexoravelmente a barbárie. (ADORNO, 1995, p11).

A educação é um acontecimento que irrompe as barreiras e civiliza o homem. Por isso o ideal de cultura seria a construção das civilizações e sua história, não o inverso sua destruição e esquecimento. O abandono da história ou seu esquecimento se dá por falhas na própria educação responsável. As políticas sociais são um equacionador ou paliativo para tentar impedir esse avanço desigual da sociedade. Para interromper a barbárie é preciso educar os indivíduos, para que todos se vejam refletidos na construção da sociedade e da história, um criticismo dialético ou ainda uma dialética do esclarecimento. A intenção da escola de Frankfurt seria a preocupação com os problemas sociais; onde seriam analisadas as problemáticas da luta de classes, já que há uma forte influência de Marx. E um terror incutido pelos acontecimentos de *Auschwitz*. O medo de uma nova manipulação cultural para o terror serviu de motivação para esses pensadores.

A palavra alemã *Erlösung* traduzida como libertação ou redenção, seria para ele a remissão do passado - Benjamin fala muito claramente dos horrores da segunda guerra mundial, que foram levados por um estado de barbárie, e ignorância -, séria a libertação dessa culpa. Ou ainda a busca de uma felicidade dos indivíduos e dos povos. A redenção pode-se ainda ser uma espécie de emancipar, um caminhar de um novo progresso de uma história escrita para o homem, pois como a história para eles é um processo dialético, será inacabada - *Unabgeschlossenheit* -, mas essa redenção ou emancipação para Benjamin seria o homem conseguir elevar-se, ou iluminar-se culturalmente. A ideia de progresso se alia aqui a de educação no sentido em que essa educação liberta e não escraviza. Esse passo dado a frente só se torna possível se se aliar essa educação a esse progresso, obliterando esses abismos sociais e educando em sentido lato as gerações futuras.

O progresso seria um mediador, um possibilitador para se chegar a essa libertação e a educação, as artes o novo entendimento da história suas ferramentas possibilitadoras. As gerações que não nasceram deverão aprender essa nova história, mas sem isso abandonar totalmente esse passado, não esquecendo os vencidos. Mais uma vez a ideia de narrativa do Benjamin nos parece tão sedutora como uma pedagogia das histórias passadas, uma ideia não apenas de educação do homem mais de toda a humanidade.

A ideia de que um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha. A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas o tempo saturado de agora. Assim, a Roma Antiga era para Robespierre um passado carregado de ‘ágoras’ que ele fez explodir do continuum da história”. Sob o capitalismo industrial, a consciência de romper com a ideologia do progresso e de explodir o continuum da história é própria da classe operária, “classe combatente e oprimida”, que consome a “tarefa de libertação em nome das gerações de derrotados”(BENJAMIN, 1985, p. 229).

Adorno se utiliza da fala de Valery⁶ discorrendo de um amor pelos livros, onde diz que a televisão haveria tomado o lugar dos livros. Contudo a televisão não consegue criar a aura de criatividade e magia que os livros com sua narrativa possuem. A possibilidade do aprendizado unida às práticas da leitura e das tecnologias de hoje, podem ser ferramentas para a educação. Podemos alinhar um pouco desse progresso, ou ainda alinhar as inovações desses processos de modernização dos mecanismos de ensino aprendizagem o papel dos professores-tutores da EaD, como um mediador dessa educação e um possibilitador da narrativa como uma prática pedagógica.

Os novos paradigmas educacionais não deviam ser excludentes, muito pelo contrário deveriam se abrir para as possibilidades dos mecanismos dispostos pela tecnologia. A produção do conhecimento científico apesar de ser um avanço da técnica, porém não deixa de ser um avanço da humanidade. O alerta dos pensadores para a educação é que não devemos olhar apenas pelo lado do pessimismo. Mas Benjamin preferia esse pessimismo na forma da Barbárie para afastá-la, ou ainda que estado de ignorância levasse a essa barbárie. A violência da falta de oportunidade dos meios de comunicação e educação que não conseguem chegar a todos os lugares. Lugares esses onde a barbárie se faz presente e a educação se faz necessária.

⁶ Paul Valéry, nasceu em Sète, França, em 1871. Publicou seu primeiro livro em 1907, aos 36 anos. Apesar disso é autor de uma obra vasta e original que abrange temas bem diversos como arquitetura, música, literatura e dança. Trabalhou em empresas públicas e acadêmicas e foi professor do Collège de France. Morreu em 1945, em Paris.

Segundo Adorno esse estado de barbárie não é um entendimento que pessoas possam chegar pela sua clareza. Porém é um acontecer que aglutina diversos acontecimentos. Quando as pessoas geralmente notam o estado de barbárie, elas tendem a se encontrar mergulhadas na ignorância de forma até mesmo inconsciente. Mas, com todo progresso alcançado pelo homem, com todos os conhecimentos dominados por nós, como foi possível tal situação? A sociedade se vê tão envolvida pelo o que Adorno vai chamar de massificação que não nota o caos em que está imerso a sociedade distorcendo assim os valores morais e sociais.

A essa reprodução massiva que distorce os sentidos da sociedade, realocando invertendo os valores e os colocando sob a égide da indústria cultural. A educação que o homem deverá ter e possibilitará entender e rever seu papel no plano social. O conhecimento e a cultura são os produtos de uma construção continua que evolui junto com a história, para que todos tenham condições de usufruir deve se haver uma emancipação, que elevará o homem ao status de ser social.

Para Adorno e Horkheimer os fundamentais líderes e mentores da Escola de Frankfurt, defendiam que o uso da técnica poderia trazer benefícios desde que utilizada de maneira inclusiva, caso contrário, será tomada como meio de dominação e, a partir daí, contestada, pois, estão ocultas nas técnicas ideologias, interesses sociais, econômicos, estratégias e jogos para manutenção ou apropriação de influência na sociedade. As políticas públicas são mecanismos de equacionar essas desigualdades ou ainda de extinguir os focos de barbárie, quanto mais se investe na educação, mais se extingui a barbárie. E a educação é o único mecanismo de transformação e emancipação, educa-se o olhar, educam-se os hábitos e se formam cidadãos e esses se reconhecem como membros de uma mesma comunidade com os mesmos direitos e deveres. Os homens são seres de expressão e essa linguagem pode assumir ainda através da educação uma ação comunicativa sensibilizando e reconhecendo o outro, a mediação do outro é a educação.

Segundo olhar “*benjaminiano*”, a imagem – como obra de arte, comunicativa ou apenas imagem –, assedia nossa sociedade e ocasiona ideologias encravadas, muito mais sutis que as ideologias subjacentes nas linguagens verbais, por isso é imprescindível reconhecer sua linguagem como científica, se essa for à indicação para que possa ser adotada na educação. Os meios da comunicação funcionam para ambos tanto para Benjamin como para Adorno, a educação é o médium de uma ressocialização do homem com a sociedade ou sua humanidade “A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo” (ADORNO, 1995, p.143). O que

intermediará essa educação, no caso do nosso exemplo, serão as práticas utilizadas pelos professores-tutores da EaD, um dos mecanismos dispostos a erradicar a barbárie nos lugares distantes criando mediadores que levarão os educandos a uma reflexão de sua realidade. O que o professor-tutor utilizará, ele disporá de uma comunicação afetiva, que despertará tanto o olhar crítico como a desbarbarização.

Deste modo, é imprescindível considerar qual o papel da nossa sociedade no combate à barbárie e qual o fator fundamental a favor da desbarbarização é o amor, que não tem hoje representação nenhuma nos homens “(...) o processo civilizatório de que os professores são agentes orienta-se para um nivelamento” (ADORNO, 1995, p.110). O amor ao ser humano implica na garantia do direito a existência do diferente e da recusa à sua condenação à morte. Por fim, Adorno quebrou o tabu acerca do nazismo e de Auschwitz ao tentar abrir os olhos da sociedade, exigindo uma consciência crítica e para não deixar que tal situação se repita, será preciso tratar criticamente o conceito de esclarecimento de Governo mostrando que a democracia só é possível graças à autoanálise e respeito pelo próximo.

Notemos, é que, para Adorno e Benjamin a educação se desviou do seu sentido de civilidade e de construção do conhecimento. Abandonando assim o seu ideal emancipatório e precisa ser recuperado. Ao analisar a indústria cultural e reproduzir internamente as bases do capitalismo, principalmente, a competição, o culto da técnica, o desempenho na escola se tornou um ambiente da exclusão e de preparação de futuros arrogantes.

A educação emancipatória não é somente uma retomada dos ideais humanistas de educação, como acima de tudo uma reconstrução da filosofia, uma renascença do *lócus* do saber. Que implica o rompimento com a tradição filosófica que considera o conhecimento como apreensão do objeto por parte do sujeito, onde esse pensamento objetivasse o ensino e não se construísse a partir de seus entendimentos, ou seja, ensino-aprendizagem. Essa mudança ainda denota uma revolução contra a visão tecnicista e positivista que estabelece hierarquias no conhecimento e privilegia a competição e o ganho capitalista da indústria cultural. Se desejarmos que a barbárie não se repita, como os vários horrores da primeira e da segunda guerra é preciso uma mudança de modelo filosófico, político e econômico. A educação se torna aqui o construtor dos saberes e da construção da história e da cultura, a emancipação das pessoas de si e do estado de ignorância. (ADORNO, 1986, p.178).

2.2 Educação e emancipação como forma de produção e veiculação cultural

O positivismo se vê inserido hoje no discurso das políticas públicas para a educação, quando afirmamos, por exemplo, que a educação é a solução para os problemas nacionais, bem como quando se propõem reformas, tanto na sociedade, quanto na educação. O modelo educacional que se tem atualmente é um modelo positivista. Que seria o projeto de educação padronizada, ou seja, universal criado na base da ciência do século XIX. Com os nortes de hierarquia, da ordem do utilitarismo e perspectiva de progresso que compõem a estante do positivismo educacional.

A educação positivista se configura no mesmo ditame das ciências positivas, a busca por resultados de efetividade pragmática. Onde esse modelo de educação ultrapassa a linha da mera especulação intelectual e tenta intervir de forma mais direta na vida do homem, isso pelos meios sociais e políticos. No entanto, seu grande escopo não seria mais as ciências humanas, e sim as ciências exatas e naturais, ou seja, as áreas práticas e técnicas, levando uma prática tecnicista já em ascensão desde o século XVIII atinge seu ápice. As mudanças e as revoluções desses períodos mais intempestivos exigem ou exigiram esse novo entendimento do mundo moderno.

Para os pensadores da escola de *Frankfurt*, principalmente Theodor Adorno, as heranças deixadas pelo modernismo positivista, mudando o modo de viver do homem foram condicionadas por exigências fomentadas pela educação do homem de forma cultural. “Pessoas que se enquadram cegamente no coletivo fazem de si mesmas meros objetos materiais, anulando-se como sujeitos dotados de motivação própria [...]”.

No seu livro escrito em 1947, “Dialética do Esclarecimento”, Adorno juntamente com seu companheiro Max Horkheimer lançam um escrito que seria um prognóstico desse enraizamento cultural de vida do homem industrializado ou da sociedade que após os iluministas e positivistas, através da ciência alcançou certo esclarecimento sobre suas ações e pensamentos. Para esses pensamentos que ainda não são diretamente voltados para a difusão do saber, percebemos que Adorno busca um esclarecimento quase didático, uma concepção do homem para a cultura e não para o sistema.

A ciência progredirá normalmente em consonância com esse progresso, o pensar deveria ter evoluído. Porém, a análise feita por Adorno e Horkheimer é bastante sombria. Dentro desse escopo negativista da cultura moderna europeia, tanto Adorno, quanto Horkheimer desenvolvem uma dialética materialista similar a de Marx, uma forma de analisar

a sociedade e rever seus processos de evolução a partir de uma análise cultural da sociedade ou sociedade de massa. Essa nova educação será o princípio dessa emancipação da sociedade.

Para Marx o homem se emancipa controlando a natureza, mas se escraviza dependendo de outros homens, onde esse vende sua força de trabalho. Nesse sentido Adorno, na “Dialética do Esclarecimento” concorda com Marx no que tange a subjugação do homem por outros homens. O que vai diferir para Adorno desse domínio social será a cultura. Os meios de comunicação e a propaganda existem para que as massas fiquem entretidas. A própria educação funciona em favor de um sistema obscuro e deturpado, no entanto, se o homem se cega como um Édipo que não quer mais ver seu destino, como pode ele buscar esclarecimento se não toma consciência de suas ações e pensamentos.

Ao tomar consciência da sua própria culpa, o pensamento vê-se por isso privado não só do uso afirmativo da linguagem conceptual científica e quotidiana, mas igualmente da linguagem de oposição. Não há mais nenhuma expressão que não tenda a concordar com as direções dominantes do pensamento, e o que a linguagem desgastada não faz espontaneamente é suprido com precisão pelos mecanismos sociais. Aos censores, que as fábricas de filmes mantêm voluntariamente por medo de acarretar no final um aumento dos custos, correspondem instâncias análogas em todas as áreas. O processo a que se submete um texto literário, se não na previsão automática do seu produtor, pelo menos pelo corpo de leitores, editores, redatores e *ghost-writers* dentro e fora do escritório da editora, é muito mais minucioso que qualquer censura. Tornar inteiramente supérfluas suas funções parece ser, apesar de todas as reformas benéficas, a ambição do sistema educacional. (ADORNO; HOKHEIMER, 1985, p.2).

O sistema educacional se configura na égide do progresso e da cultura de massa, ele não é mais aqui uma ferramenta libertadora que leva os indivíduos a uma clareza de conhecimento. O *Apartheid* das ciências transforma o ensino em um leque de condições voltados para o consumo. Assim como a cultura de massa que Adorno tanto alude não é mais um desenvolvimento natural dos hábitos e das tradições do homem, a educação não se torna mais a mola de iluminação dos homens. Assim a crítica se eleva, não apenas para o âmbito da cultura de massa, ela se desdobra para a educação que se tornaria o *médium* de reflexão tornando-se um objeto ideológico junto ao capitalismo. A educação mediará, portanto, os mecanismos de mudança das sociedades, ou ainda fará com que os homens se entendam dentro dessa marcha do progresso.

O progresso social, o positivismo, as revoluções industriais as duas grandes guerras, a depressão de 1929, todos esses acontecimentos históricos são derivados do progresso antagônico da humanidade, mas se o homem não se compreende dentro da sociedade ou na história, segundo Marx, como ele pode se compreender e qual aprendizado deve ser levado em conta se a própria educação esta a favor da massificação cultural.

O pensamento crítico, que não se detém nem mesmo diante do progresso, exige hoje que se tome partido pelos últimos resíduos de liberdade, pelas tendências ainda existentes a uma humanidade real, ainda que pareçam impotentes em face da grande marcha da história. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.9).

Para Adorno a sociedade se emancipa através de um esclarecimento do pensar, onde esse mesmo pensamento retorna para si e invade como uma crítica do próprio pensamento onde se começa a rever os próprios costumes e mudam-se esses parâmetros, é o reaprender a aprender “A educação não é necessariamente um fator de emancipação. Numa época em que educação, ciência e tecnologia se apresentam [...]” (ADORNO, 1995, p.9). Percebe-se que dentro do escopo das tecnologias voltadas para a educação, Adorno as submete para um reaprendizado e não para uma oposição a essas tecnologias. Dentro dessa perspectiva a EaD como novas tecnologias, ou como acesso a essas novas tecnologias se inserem no âmbito desse reaprender para uma nova cultura do educar.

As questões ligadas para educação são um pretense esclarecimento, pois a humanidade ainda esta submissa ao progresso e razão totalitária. A indústria cultural cria seus próprios métodos de manutenção que seria a formação e pensamento das ações formativas onde no seu livro, “Educação e Emancipação”, trata de um embate da própria Filosofia como uma crítica ao esclarecimento que toma conta da sociedade. Com esse pensamento, Adorno coloca a educação contra o progresso antagônico e caótico, fazendo, por fim refletir sobre sua realidade, emancipando-se do jugo de outrem. O progresso dos meios sociais tende a escravizar e não emancipar o cidadão. A sociedade como um todo, torna-se refém dos meios de produção e das inovações tecnológicas, veja o caso do telefone e dos televisores, que são meios de comunicação imprescindíveis na nossa atualidade.

Há um liame na atualidade, os métodos e as práticas educacionais estão sempre voltados para um tecnicismo e progressão histórica. O método positivo de educação é o da efetividade prática. As políticas públicas herdeiras do positivismo são a crescente que vigora com esses ventos futuros, e junto com esses ventos a EaD são um forma desse progresso. Todavia, elas existem, tanto no âmbito das ciências humanas preteridas pelo tecnicismo, como na área das ciências exatas molas condutoras da indústria de massa. Mas, o paralelo dessas práticas educacionais em Adorno como métodos de controle cultural torna-se dual se outro pensador da escola de *Frankfurt* nos assessorar. Para Benjamin, os mecanismos que existem tanto na ciência, como nas práticas podem funcionar como um sopro contrário no caso da EaD ela seria o mediador que levaria a reflexão do progresso desmedido levando esclarecimento onde o progresso ainda é um porvir. No seu artigo experiência e pobreza, ele

fala da perda dos escombros da história e da narrativa, e as novas modalidades de EaD tem-se a chance de retomar tanto a narrativa histórica como o esclarecimento encoberto pelo progresso científico.

Há um quadro de Klee intitulado ‘Angelus Novus’. Nele está representado um anjo, que parece afastar-se de algo a que ele contempla. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão prontas para voar. O Anjo da História deve parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde diante de ‘nós’ aparece uma série de eventos, ‘ele’ vê uma catástrofe única, que sem cessar acumula escombros sobre escombros, arremessando-os diante dos seus pés. Ele bem que gostaria de poder parar, de acordar os mortos e de reconstruir o destruído. Mas uma tempestade sopra do Paraíso, aninhando-se em suas asas, e ela é tão forte que ele não consegue mais fecha-las. Essa tempestade impele-o incessantemente para o futuro, ao qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce ante ele até o céu. Aquilo que chamamos de Progresso é essa tempestade (BENJAMIN, 1985, p.157-159).

Se para Benjamin, o progresso é o anjo da morte e anunciação do desmoronamento do passado, a educação seria um resgate, uma arqueologia como ele mesmo fala desses escombros. Pois, quem os enterra é a técnica. Toda loucura e dor vivenciados por ele nas grandes guerras fizeram-no rever o que os homens chamam de progresso, o misticismo, o *pseudo* melhoramento, a fraca distinção de realidade, a *barbárie* desmedida tanto, que a política e suas práticas de produção são voltadas para o trabalho e não para o bem estar. As políticas públicas não enxergam o caráter filosófico e libertador dos seus próprios meios, a suposta democracia favorecerá apenas uma minoria dominante. E esse progresso abastecido pela manipulação, entenda-se, práticas pedagógicas e mecanismos educacionais não atingirá ou logrará a toda população.

A teoria socialdemocrata, e ainda mais a sua práxis, era determinada por uma concepção de progresso que não era realista, mas que tinha uma pretensão dogmática. O progresso, tal como ele se configurou nas cabeças dos socialdemocratas, era, primeiro, um progresso da própria humanidade (e não só de suas possibilidades e conhecimentos). Segundo, ele era infinito (correspondendo a uma infundável capacidade de aperfeiçoamento da humanidade). Terceiro, ele era considerado como essencialmente inelutável (como algo que avançava por si mesmo, percorrendo um caminho direto ou em forma de espiral). (...) Mas (...) a crítica precisa transcender todos esses predicados e voltar-se para algo que é comum a todos eles. A concepção de progresso do gênero humano ao longo da história é algo inseparável da concepção de que esta transcorra num tempo homogêneo e vazio. A crítica da concepção desse processo precisa constituir o fundamento da crítica à própria concepção de progresso” (BENJAMIN, 1985, p.161).

Ainda segundo Benjamin, o progresso é o *Juggernaut*⁷ irrefreável que devora tudo em seu curso, é a história que avança aos trancos. Se os cursos técnicos são uma das formas desse progresso, se eles são um dos reflexos das necessidades hodiernas das sociedades contemporâneas, e a filosofia e a história o abandono deixado desse progresso, como ainda ter esperança se a educação não é mais emancipatória. Vê-se ainda uma possibilidade de emancipação e de esclarecimento com as práticas do ensino das Ciências Humanas a dimensões humanitárias. Para Benjamin, na sua teoria do *médium* de reflexão devemos fazer a crítica da crítica, onde a técnica e seus métodos sejam o mediador dessa nova forma de reflexão. A essa nova técnica e a teoria do *médium*, aplicamos a educação a distância e suas realidades díspares, a importância do papel do tutor, como um desses ventos do progresso para a difusão de uma educação mais humanista e menos tecnicista. “A teoria do conhecimento do objeto é determinada pelo desdobramento do conceito de reflexão em seu significado para o objeto. O objeto, assim como tudo o que é efetivo, repousa num médium de reflexão”. (BENJAMIN, 1994, p.59).

Onde queremos chegar? Se as modalidades de EaD juntamente com os cursos técnicos são a evolução das formas educacionais modernas. Deve-se ainda utilizá-las em prol dessa mesma sociedade? Sim. Quando o próprio Benjamin nos fala de uma história escrita pelos derrotados e esquecidos, devemos ter em mente também que todas as melhorias ou comodidades feitas para as sociedades serviram de antemão as sociedades burguesas, em suma, os ricos e poderosos. Mas se agora, hoje o sistemas de políticas públicas nos oferecem uma sanção devido as suas próprias necessidades, não devemos nós saber utilizá-las? Pensemos ainda nos derrotados como Benjamin nos fala, no sentido de marginalizados de forma seletiva pelo simples avanço urbano, e as concentrações dos saberes pelos grandes centros acadêmicos. O hiato aqui consiste ainda em não apenas em emancipar o aluno, mas também de democratizar o saber. Desvencilhando a educação de dogmas e diretrizes impostas pelas classes dominantes. A EaD ainda é mal quista por uma serie de intelectuais e pensadores da educação, por isso nós faremos as mesmas perguntas que a escola de *Frankfurt* se fazia, “Educação para que?”.

Pelo que sei, justamente os estatísticos, na medida em que refletem sobre seu próprio ofício, concordariam com o senhor e, se posso me adiantar, também comigo: eles diriam que quaisquer considerações quantitativas possuem afinal um objetivo qualitativo de conhecimento. Quando sugeri que nós conversássemos sobre:

⁷ Benjamin compartilhava inteiramente desses sentimentos e nele inspirou sua obra, o capital: *Juggernaut*, a divindade hindu instalada em uma imensa carruagem, sob a qual são lançadas crianças para o sacrifício.(LOWY, 2005, p.73).

"Formação — para quê?" ou "Educação — para quê?", a intenção não era discutir para que fins a educação ainda seria necessária, mas sim: para onde a educação deve conduzir? A intenção era tomar a questão do objetivo educacional em um sentido muito fundamental, ou seja, que uma tal discussão geral acerca do objetivo da educação tivesse preponderância frente à discussão dos diversos campos e veículos da educação. (ADORNO, 1995, p.139).

As necessidades criadas pelos nossos meios de vida, por nossa história, são também necessidades de criar ou adaptar novas formas de ensino-aprendizagem, como associar as novas práticas, ou as novas dinâmicas da educação a aprendizados tão tradicionais como o ensino da Filosofia e da História. Adaptando as práticas de educação a realidade do alunado. A EaD, portanto é uma readaptação do estilo de vida do homem contemporâneo, uma possibilidade para vários fatores que vão desde seus hábitos a distâncias geográficas, onde nem todos tem a comodidade de uma sala de aula próxima de sua casa.

A EaD ainda se norteará com seu papel talvez mais desafiador, que será o de emancipar esses homens e mulheres no que concerne a democratização do saber. Se para Benjamin o *médium* de reflexão é o intermediário até a Filosofia, para Adorno o esclarecimento só é possível quando se instaura um lampejo de esclarecimento no sujeito. Podemos pensar dentro das práticas contemporâneas de educação, ou ainda nos limitarmos no foco da EaD, colocando o tutor e sua importância no papel de mediador. Observe bem, o tutor não é o *médium*, e sim o mediador das práticas pedagógicas, os *médiuns* de reflexão serão as atividades, a contextualização de realidade, a utilização das tecnologias utilizadas por esse tutor. Esse *médium* de reflexão será sempre uma reflexão da reflexão, ou ainda, uma crítica da crítica. E essa crítica desembocará principalmente nas modalidades de educação das Ciências Humanas como um esclarecimento do mundo, da realidade e do sujeito, que terá como produto desse processo educacional. Note que se está falando de educação não instrução. Educar quer dizer preparar-se para a vida, formar para a realidade próxima, no sentido grego, uma construção total do indivíduo. O produto desse processo educador será o esclarecimento do indivíduo perante a sociedade. Fazendo lembrar-se do passado como nos alude Benjamin e não apenas vivendo no presente. O mal do esquecimento contemporâneo que só vive o momento presente.

A vida do homem contemporâneo, sem tempo, onde apenas possui oportunidades nas grandes metrópoles, nos grandes centros urbanos e as universidades se aglutinam nesses centros o que fazem então dos homens abandonados pelo progresso e pela história. O que essa história de esquecidos “benjaminiana” não conta é que o progresso é uma faca de apenas uma lâmina, corta por um lado o mal e no outro cega deixando o mal da ignorância se alastrar. Mas, os meios de Comunicação de cultura de massa criticados por Adorno, as propagandas

manipuladoras prometem e enganam apenas uma parte da sociedade. Há uma parte tão ingênua e ignorante que a ilusão dá lugar a frustração e a esperança vazia. As promessas de futuro não chegam a eles, a imagem do anjo de *Klee*, mesmo que desoladora não bate suas asas nas pequenas cidades campesinas, seu destino é viver do arado e do suor do rosto, como na cantiga de João do Vale⁸.

Os ventos históricos do progresso que sopram para João do Vale são apenas uma configuração antiga do desejo de muitos brasileiros ainda. Porém, a limitação hoje se configura no âmbito dos cursos superiores, aonde as graduações e aprimoramentos não chegam a todos os lugares. A EaD desde a sua concepção é uma tentativa de minimizar esses problemas e possibilitar o acesso de todos a educação. A inovação desse *layout* de educação cria polêmica e esperança. Polêmica, porque assim como a história na visão de Benjamin, as melhorias só servem para os mais poderosos e essa sociedade burguesa crítica essa modalidade de educação, por outro lado, há uma desvantagem em termo de presencialidade, sim, mas que pode ser sanada pelas novas tecnologias voltadas para esse formato.

Aliado a essas tecnologias, há uma gama de atividades que servem como mediadores desse aprendizado. Além do que ainda conta-se com o acompanhamento do professor tutor que além de intermediador, acaba por vezes sendo o próprio *médium* do conhecimento no que tange o saber das disciplinas. Se para Benjamin o *médium* da reflexão é sempre o *médium* reflexivo, para o professor tutor, as práticas pedagógicas serão sempre o mecanismo de interface da reflexão, assim como a arte é o *médium* para a Filosofia de Benjamin na EaD, a cultura, a realidade serão utilizadas como os mediadores reflexionantes. A EaD é um *médium* da reflexão crítica para essa realidade longe dos centros universitários, veiculada e viabilizada pelas TIC.

Para Benjamin, a doutrina do *médium* de conhecimento e da percepção está ligada a da observação que é significado imediato para a compreensão do conceito de crítica, que seria então crítica a um aprendizado novo e o abandono de um antigo chegando a seu ápice,

⁸ Seu moço, quer saber, eu vou cantar num baião/Minha história pra o senhor, seu moço, preste atenção/Eu vendia pirulito, arroz doce, mungunzá/Enquanto eu ia vender doce, meus colegas iam estudar/A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educar/A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educar.E quando era de noite, a meninada ia brincar/Vixe, como eu tinha inveja, de ver o Zezinho contar: - O professor raiou comigo/porque eu não quis estudar- O professor raiou comigo, porque eu não quis estudar/Hoje todo são "doutô", eu continuo João ninguém /Mas quem nasce pra pataca, nunca pode ser vintém/Ver meus amigos "doutô", basta pra me sentir bem/Ver meus amigos "doutô", basta pra me sentir bem/Mas todos eles quando ouvem, um baiãozinho que eu fiz,/Ficam tudo satisfeito, batem palmas e pedem bis/E dizem: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz/E dizem: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz/Mas o negócio não é bem eu, é Mané, Pedro e Romão./Que também foram meus colegas , e continuam no sertão/Não puderam estudar, e nem sabem fazer baião

ou seja, ao seu momento crítico. A crise na educação trouxe a lume problemas sociais, que foram vistos como temporários, mas a marcha da história do progresso e da ciência não para, portanto. Vários programas educacionais de inclusão se fazem necessário para esse abandono de ignorância ou *barbárie*. Tanto para Benjamin, como para a educação independente de sua orientação técnica ou humanista se objetiva o bem dos indivíduos, se faz necessária para emancipação e a evolução da cultura. O que seria um esclarecimento e um afastamento do estado de ignorância.

Países tão grandes como o Brasil sofrem por terem dimensões continentais e os grandes centros por serem distantes demais da população rural, ou de cidades do interior. Um Curso de Filosofia voltado a princípio para cidades com menos de 50 mil habitantes pode a princípio ter uma conotação diletante. No entanto, para ambos pensadores da escola de *Frankfurt* essa educação cria um criticismo que vai intervir de forma direta na vida dessas pessoas. Nas escolhas que farão no seu cotidiano, na administração pública nas injustiças do dia a dia. A Filosofia não é uma disciplina prática, no entanto sua prática é diária.

Se em regiões tão atrasadas em meio a países de resto altamente desenvolvidos, a televisão possa induzir os trogloditas a abandonarem suas cavernas, eu me alegraria acerca dessa situação tanto quanto o senhor. Nos termos de minha crítica à televisão, não me opus a que ela torne as cavernas dos trogloditas mais desagradáveis, pois uma casa higiênica me apraz mais do que uma caverna simpática. Localizo o perigo em questões bem diversas. Exatamente em que, por toda a parte onde a televisão aparentemente se aproxima das condições da vida moderna, porém ocultando os problemas mediante rearranjos e mudanças de acento, gera-se efetivamente uma falsa consciência. Nem considero tão prejudicial assim o aprendizado do amor a partir da televisão, pois com frequência podemos ver moças muito bonitas na tevê e, afinal, por que os adolescentes não deveriam se apaixonar por moças tão bonitas? Não considero isto perigoso. Mesmo que por essa via aprendam certos costumes eróticos, isso não seria desvantajoso. Valéry disse certa feita que no fundo o amor é aprendido nos livros, e o que vale para os livros também deveria bastar à televisão. (ADORNO, 1995, p.97).

O acesso à cultura difundido pelas políticas dominantes converge na sistematização da indústria cultural e do controle das massas. Mas, não ao momento de nos lograr como a oportunidade de homens e mulheres que não tiveram esse acesso a educação superior, mas o do futuro que nossos filhos possam participar. A amalgama aqui pretendida e aludida da EaD, não é de modo algum a solução final. Ela é uma ponte até essa falta de saber ou *médium* “benjaminiano”, o professor tutor ou mediador do conhecimento enquanto objeto. A educação tenta distender-se para o seu principal objetivo, um fim em si mesma, mas as nuances que ela pode atingir no social são sua consequência. A desmistificação cultural, o parto do pensamento dogmático da educação tanto para Adorno como para Benjamin e esse

abandono do progresso, se chegar e quando chegar, já teremos uma parcela dessas pessoas com educação superior graças a EaD.

As atuais tecnologias de informação provocaram a criação de novos hábitos de pensamento e de vida. Os obstáculos do passado com a não credibilidade e falta de confiança na Educação a Distância estão sendo vencidos, no entanto, investir não só no financeiro, mas avaliar na perspectiva da qualidade dos cursos. Considerando que a tecnologia está evoluindo a passos largos, faz-se necessário a criação de maiores estratégias de utilização das tecnologias para favorecer a aprendizagem do aluno.

A EaD assim, numa concepção mais global, assume o papel do *médium* da reflexão, pois passa a ser o veículo que transportará o conhecimento para essa realidade longe dos centros universitários, viabilizada pelas tecnologias da informação e comunicação. Destarte, analisaremos essa possibilidade nos capítulos posteriores.

3 A TUTORIA EM EAD NO BRASIL \SÉCULO XXI

Neste capítulo faremos uma abordagem teórica sobre as ações desenvolvidas pelos professores atuantes na EaD, em destaque o papel do professor tutor enquanto principal sujeito indispensável no processo de mediação do conteúdo, como também das práticas pedagógicas nessa forma educacional.

3.1 Aspectos legais

A revolução científica e tecnológica que imperam no atual cenário mundial do século XXI, impõe transformações profundas ao modo de vida das pessoas, bem como em seus costumes e tradições. A crescente industrialização aliada à tecnologia de automação modificou os diferentes modos de produção e serviços, como por exemplo, os meios de comunicação e a educação escolar. A modernização desses setores foi um passo importante para a difusão do uso da tecnologia no ensino, o que possibilitou a criação de espaço para o surgimento da EaD, caracterizada pela superação da distância entre professor e aluno. Uma prática possível pelo uso das diferentes mídias (MACHADO, 2009).

O início da trajetória da EaD no mundo é comumente fundada no advento dos cursos por correspondência que surgiram no Reino Unido em meados do século XIX. Uma prática que se expandiu a partir do ensino com o uso do recurso de multimeios e do desenvolvimento das TIC. Essa modalidade de educação espalhou-se pela Europa e Estados Unidos, assim como em outros países e continentes (ZAMLUTTI, 2006).

Além de uma construção de base econômica, Alonso (2008) enfatiza que a EaD legitimou-se também por meio da sua ligação com a ideia de democratização e facilitação de acesso as escolas e universidades, lutas sociais características do final do século XX em vários países do mundo, sobretudo na América Latina.

O Brasil possui um histórico de desigualdade social e boa parte disso pode ser atribuído a concentração de renda e das oportunidades de trabalho se circunscreverem aos grandes centros financeiros e de decisão política. Considerando que o país tem dimensões territoriais, isso acarreta realidades sociais injustas, pois a concentração de educação de qualidade, informação e formação depende dessa aproximação geográfica com as grandes metrópoles. Além do que, a educação superior no país, com seus cursos e currículos sempre foi direcionada para atender aos interesses da elite social. Não obstante, na última década pelo

menos, políticas públicas e medidas governamentais tem sido implementadas para mudar essa realidade e fazer com que o acesso a universidade se torne um direito de todos. Prova disso, é a porcentagem de matrículas que vem crescendo gradativamente, mas ainda se mantém muito longe do necessário para uma sociedade mais democrática.

A crescente demanda por educação, devido não somente à expansão populacional como, sobretudo às lutas das classes trabalhadoras por acesso à educação, ao saber socialmente produzido, concomitantemente com a evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos está exigindo mudanças em nível da função e da estrutura da escola e da universidade (PRETI, 1996, p.16).

Sobre as políticas públicas e as medidas governamentais, podemos inserir a promoção da EaD que seguiu um modelo internacional de educação que surgiu com a finalidade de incentivar o acesso de todos que tem dificuldade de estar em uma escola presencial. Desde o surgimento, com os cursos por correspondência até os dias atuais, a sua finalidade continua sendo de uma política para a inclusão escolar, operacionalizada na atualidade. No Brasil, ela abrange todo o território nacional possibilitando todas as camadas sociais nos mais diversos tempos e lugares a terem acesso, daí seu rápido crescimento nos últimos anos em nosso país.

A EaD tem representado para a população menos favorecida, oportunidades de ingresso a educação, uma vez que abrange todos os níveis de educação, sobretudo o superior, o qual é destaque do nosso estudo, motivo pelo qual a sua procura vem crescendo, além da comprovada credibilidade de sua qualidade, vista como uma alternativa para o avanço da democratização da educação.

Além da democratização, a educação a distância apresenta notáveis vantagens sob o ponto de vista da eficiência e da qualidade, mesmo quando há um grande volume de alunos ou se observa, em prazos curtos, o crescimento vertiginoso da demanda por matrículas – o calcanhar-de-aquiles do ensino presencial. (LITTO; FORMIGA, 2009, p. 2).

Com o advento da EaD, oficializado no Brasil em 1996 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de nº 9.394 pelo decreto nº 2494 do Ministério da Educação (MEC), de 10 de fevereiro de 1998, o então cenário de concentração de ambientes acadêmicos em grandes centros começou a mudar. A possibilidade de expandir o acesso a educação através dessa nova modalidade faz o sonho de ingresso a universidade se tornar realidade mesmo sem a necessidade de deslocamentos para os grandes centros. Vista como novidade pela população – indubitavelmente pela parcela mais jovem - e concebida pelo

poder público como *panacéia* para a universalização da educação, ela se enquadra em uma perspectiva de análise social pós-moderna, na medida em que coloca em questão a hegemonia da escola e seus rituais canônicos. A instituição escolar, sobretudo a universidade, como detentora de um saber único e exclusivo e com sua condição de arauto da sapiência, controlada por alguns iluminados, tem sido questionada constantemente. Esse questionamento diz respeito a sua capacidade de se adaptar as novas demandas pedagógicas das novas gerações de estudantes.

A referida lei 9.394/96, no artigo 80, cujo *caput* dispõe que “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de educação a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. (BRASIL, 1996), conferiu ao poder público o dever de incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de educação a distância, em todos os níveis e modalidades de educação, como no ensino superior de graduação. A EaD passou a se constituir como um potencial, meio de formação escolar não presencial. Sem desconsiderar os problemas existentes na operacionalização, bem como no que se refere aos aspectos didáticos e pedagógicos que envolvem essa modalidade. É preciso reconhecer que houve uma expansão na quantidade de vagas nas universidades a partir dessa modalidade educativa, e, portanto, mais pessoas estão acessando aos cursos superiores, sobretudo aqueles voltados para a formação de professores.

A regulamentação desse artigo se deu pelo decreto nº 2.494/98 do MEC, revogado em seguida pelo Decreto nº 5.622/05, que legitima a utilização dos meios de comunicação como um instrumento mediador legal do processo de ensino e aprendizagem e que coloca essa modalidade educativa em seu justo lugar ao definir o papel do aluno, do professor, da tecnologia no processo ensino aprendizagem utilizando essa modalidade.

Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, Decreto 5.622/2005).

A partir da substituição desse decreto, a consolidação da EaD, enquanto modalidade democrática ganhou mais força, uma vez que ele destaca um diferencial que é o processo de ensino aprendizagem poder se dar em tempo e lugares diversos, onde alunos e professores não precisam estar sincronizados para que haja aprendizagem. Porém, a interação entre esses sujeitos não trata apenas da tecnologia, mas das relações do processo de construir conhecimento com os alunos em forma de diálogo no processo de aprendizagem.

Em meio a essa ação ganha destaque a figura do professor-tutor, enquanto parte integrante do processo ensino aprendizagem que vem a cada dia mais sendo destacado pelo seu trabalho magistral de intermediar conhecimento através das tics.

A Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), elaborou um documento, com o título ‘Competências para Educação a Distância. Referenciais Teóricos e Instrumentos para Validação’, no qual considera a tutoria como “[...] conjunto das ações de profissionais: tutores, mediadores, facilitadores, monitores, orientadores, etc, que oferecem apoio e acompanham pedagogicamente os educandos de EaD” (ABED, 2012).

Do ponto de vista mais conservador da EaD, é comum atribuir à figura do tutor uma identidade de professor – chamado muitas vezes então de tutor -, porém limitado na concepção de que lhe cabe apenas orientar, dirigir e apoiar a aprendizagem dos alunos, não permitindo-lhe envolver com os conteúdos ou gozar de autonomia no processo de ensino, por exemplo (LITWIN, 2001). Nessa perspectiva, “ensinar” é o mesmo que “transmitir” informações, e cabe ao tutor garantir o cumprimento dos objetivos estabelecidos à sua revelia, agindo apenas como apoio ao programa (LITWIN, 2001).

Entretanto, a ideia de um “tutor-orientador” não é suficiente para caracterizar e definir a figura desse sujeito no atual contexto da modalidade de EaD. Com o desenvolvimento da EaD, engendra-se cada vez mais a discussão acerca da necessidade de determinação de novos papéis aos atores que estão envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem dessa modalidade, o que conseqüentemente ressignifica o papel do professor-tutor e a prática da tutoria. Mill (2007), por exemplo, confere duas qualificações aos tutores: sua dimensão docente – pois são considerados professores – e sua limitação docente – cabe-lhes atuar tão somente como orientadores, não como formadores do processo de ensino e de aprendizagem.

A compreensão dos múltiplos papéis educacionais que se cobra do professor ou, em nosso caso, do professor-tutor, deve perpassar, de maneira indutiva e empírica, pela descrição do que acontece na realidade de cada contexto educacional, com perguntas-chave, como, quais são os sujeitos que efetivamente atuam no processo, o que os motiva e quais são os resultados das suas ações. Tudo isso, sem desconsiderar sua inserção em contextos universais, nos quais podem ser chamados de "novos atores sociais" em uma sociedade em rede, ou pós-industrial, como afirmam Touraine (1970) e Castells (1999).

Atualmente temos percebido que muitas discussões sobre a atuação do professor-tutor na EaD, como por exemplo, o papel pedagógico que exercem com os alunos, estão permeadas de posicionamentos sociais, culturais e pedagógicos que necessitam de uma

investigação mais ampla e formal, acerca das totalidades socioculturais as quais esses sujeitos estão inseridos, assim como das particularidades e singularidades regionais no exercício de suas funções, como as que estão presentes nas práticas de tutorias no Curso de Filosofia a distância da UEMA. Deste modo, a fim de fazermos a averiguação sobre esse sujeito educacional e de entendermos quais são suas funções e competências dentro do contexto da EaD, e de qual tem sido a efetividade do seu trabalho pedagógico no ensino superior, é que nos dedicaremos no próximo tópico a explanar os papéis que os professores desenvolvem nessa forma educacional.

3.2 O papel do professor e do professor tutor

A EaD adota uma estrutura diferenciada da educação presencial separando a ação do docente em partes distintas, iremos nos fixar no modelo proposto pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) do MEC que são adotadas pela maioria das universidades públicas que são consorciadas ao sistema UAB, como é o caso da UEMA, o qual veremos com mais detalhes no tópico seguinte. Lembrando que as definições dos diferentes papéis do professor na EaD podem variar de acordo com a instituição que desenvolve o projeto.

Na nossa conjuntura temos o professor conteudista ou professor formador, os quais não se diferenciam nas suas ações. A estes cabem a função de elaborar, planejar e executar a disciplina, ou seja, elabora plano de ensino, escreve fascículo, grava vídeo aula, realiza conferências/ capacitações de tutores, e os professores tutores, subdivididos em tutores presenciais e tutores a distância, aos quais cabem a comunicação de conteúdos entre o professor e os estudantes.

Maia e Mattar (2007) expõem que a atuação do tutor também se torna uma variável neste contexto que define o modelo de curso desenvolvido pela instituição bem como a autonomia de atuação do professor-tutor.

Na nossa concepção, trabalhar como tutor significa ser professor e educador.

Tutor: profissional selecionado pelas IPES [Instituições Públicas de Ensino Superior] vinculadas ao sistema UAB [Universidade Aberta do Brasil] para o exercício das atividades típicas de tutoria, sendo exigida formação de nível superior e experiência mínima de 1(um) ano no magistério do ensino básico ou superior, ou ter formação de pós-graduação, ou estar vinculado a programa de pós-graduação. (BRASIL, 2009a, p.8)

Os docentes na EaD dividem a ação feita por um só profissional no modelo convencional, o que não quer dizer que seu trabalho se torna menor ou mais fácil, pelo contrário, a EaD exige do professor um grande desafio que é o de educar através das TIC.

O papel e as tarefas do professor em EaD diferem das do ensino convencional, pois o “uso mais intenso dos meios de comunicação e informação torna o ensino mais complexo e exige a segmentação do ato de ensinar em múltiplas tarefas, sendo esta segmentação a característica principal do ensino à distância”. (BELLONI, 2006, p. 79).

Alarcão (2004, p.30) afirma que estes profissionais têm como principais funções “[...] criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e auto-confiança nas capacidades individuais para aprender [...]”.

Ao nos atermos em analisar os papéis desempenhados pelos docentes na EaD, encontramos no documento do referido órgão do MEC, as seguintes atribuições referentes aos professores conteúdistas/formadores e professores tutores:

- Elaborar e entregar os conteúdos dos módulos desenvolvidos ao longo do curso no prazo determinado;
- Adequar conteúdos, materiais didáticos, mídias e bibliografia utilizadas para o desenvolvimento do curso à linguagem da modalidade a distância;
- Realizar a revisão de linguagem do material didático desenvolvido para a modalidade a distância;
- Adequar e disponibilizar, para o coordenador de curso, o material didático nas diversas mídias;
- Participar e/ou atuar nas atividades de capacitação desenvolvidas na instituição de ensino;
- Desenvolver as atividades docentes da disciplina em oferta na modalidade a distância mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no projeto acadêmico do curso;
- Coordenar as atividades acadêmicas dos tutores atuantes em disciplinas ou conteúdos sob sua coordenação;
- Desenvolver as atividades docentes na capacitação de coordenadores, professores e tutores mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de capacitação;
- Desenvolver o sistema de avaliação de alunos, mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de curso;

- Apresentar ao coordenador de curso, ao final da disciplina ofertada, relatório do desempenho dos estudantes e do desenvolvimento da disciplina;
- Participar de grupo de trabalho para o desenvolvimento de metodologia e materiais didáticos para a modalidade a distância;
- Realizar a revisão de linguagem do material didático desenvolvido para a modalidade a distância;
- Participar das atividades de docência das disciplinas curriculares do curso;
- Desenvolver, em colaboração com o coordenador de curso, a metodologia de avaliação do aluno;
- Desenvolver pesquisa de acompanhamento das atividades de ensino desenvolvidas nos cursos na modalidade a distância;
- Elaborar relatórios semestrais sobre as atividades de ensino no âmbito de suas atribuições, para encaminhamento à DED/CAPES/MEC, ou quando solicitado.

No que se refere as atribuições dos tutores:

- Mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e os estudantes;
- Acompanhar as atividades discentes, conforme o cronograma do curso;
- Apoiar o professor da disciplina no desenvolvimento das atividades docentes;
- Manter regularidade de acesso ao Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA e responder às solicitações dos alunos no prazo máximo de 24 horas;
- Estabelecer contato permanente com os alunos e mediar as atividades discentes;
- Colaborar com a coordenação do curso na avaliação dos estudantes;
- Participar das atividades de capacitação e atualização promovidas pela instituição de ensino;
- Elaborar relatórios mensais de acompanhamento dos alunos e encaminhar à coordenação de tutoria;
- Participar do processo de avaliação da disciplina sob orientação do professor responsável;
- Apoiar operacionalmente a coordenação do curso nas atividades presenciais nos polos, em especial na aplicação de avaliações.

Ao ponderarmos sobre as atribuições referentes ao trabalho do professor conteudista/formador observamos que um dos seus maiores desafios é ser capaz de conseguir problematizar em curto espaço de tempo os conteúdos propostos para a disciplina dos cursos, e de saber como os alunos reagem ao que foi redigido, gravado ou falado em uma

transmissão, nesse caso, o planejamento é fundamental no que diz respeito ao material didático, as atividades e aos fóruns, pensando que elas serão aplicadas e manipuladas por meio de ferramentas tecnológicas. Essa boa programação leva o diálogo entre o aluno e o conteúdo apresentado, facilitando a interação e a autonomia do mesmo. Bons professores e bons conteúdos elaborados pelo conteudista resultam numa adequada estrutura de curso.

“Somente por esse motivo a educação a distância permanece num desafio para os instrutores inexperientes até que aprendam como prever as reações dos alunos aos diferentes eventos” (MOORE; KEARSLEY, 2007).

Ao professor-tutor, aquele para o qual fica determinado sua principal missão de mediar o conhecimento, se volta todas as apostas, uma vez que ele se torna o principal vínculo entre o conteúdo, o professor formador e o discente. O que fica muito bem definido nas suas atribuições, além de auxiliar do processo ensino aprendizagem, isso não quer dizer que o tutor ocupe o lugar central desse processo, pois esse assim como na educação presencial continua sendo do aluno, pois é ele efetivamente o responsável pelo seu aprendizado.

Sá (1998) nos remonta ao século XV para explicar a origem da tutoria como atividade no qual o tutor exercia um papel de “acompanhante” do estudante, com o intuito de garantir que a estes fossem inculcidas a fé e os pressupostos morais socialmente referendados. Nos Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância (2007), a principal atribuição deste profissional é o esclarecimento de dúvidas através de fóruns de discussão pela Internet, pelo telefone, participação em videoconferências, entre outros.

Todavia o papel do professor tutor vai muito além de acompanhante, e de esclarecedor de dúvidas através fóruns de participação. O tutor assume na esfera atual, a responsabilidade na interatividade do aluno com a sala de aula virtual e os materiais didáticos e sua principal ferramenta é o diálogo decisivo na sua relação afetiva com o aluno.

Outra característica inerente a ação do tutor é a criatividade, muito utilizada nos mais diversos casos de dificuldade na aprendizagem, onde esse assume o papel de um facilitador.

Diante do exposto podemos perceber que o “papel do tutor extrapola os limites conceituais, impostos na sua nomenclatura, já que ele, em sua missão precípua, é educador como os demais envolvidos no processo” (GONZALEZ, 2005, p. 80).

Do exposto até aqui, vê-se que a palavra tutor, atualmente, está sendo designada ao docente que interage com o estudante virtualmente e que, por sua origem, é dicotomizada em ser professor ou não ser professor. Alguns autores consideram que é necessário a superação do termo tutor com a finalidade de definir a função docente na EAD. (MATTAR, 2012).

Outro ponto de grande relevância ao papel do tutor diz respeito ao processo de mediação entre o conteúdo e o aluno imprescindível nesse novo contexto educacional, mas a essa mediação dedica-se toda a atenção, uma vez que seu processo é muito diferente do que se dá na sala de aula regular, demandando todo um sistema de apoio psicológico, pessoal, motivacional e de estímulo que o tutor precisa desenvolver para conquistar a confiança do aluno. Além de habilidades como:

- ✓ Capacidade de ouvir e dar retorno;
- ✓ Capacidade de fornecer orientação e apoio aos alunos;
- ✓ Competências na gestão de discussões online;
- ✓ Capacidade para construir equipes online;
- ✓ Capacidade para a construção de relacionamento com o aluno;
- ✓ Habilidades motivacionais.

Para Moran (2008, p. 46), ao tutor cabe também funções de caráter psicológico: “[...] é fundamental o papel do professor-orientador na criação de laços afetivos. Os cursos que obtêm sucesso, que têm menos evasão, dão muita ênfase ao atendimento do aluno e à criação de vínculos”.

Por conta disso, concentra-se uma boa parte das atenções na EaD ao trabalho desse profissional, uma vez que: “Se espera que o tutor seja técnico em relação às metodologias, crítico em relação aos conteúdos, reflexivos em relação a didática e pesquisador em relação ao seu fazer. Todos estes atributos em um só profissional”. (ALMEIDA, 2003).

O trabalho do tutor se dá na estruturação dos objetos de estudo, na orientação, no estímulo e na provocação do aluno de construir o seu próprio saber, partindo do princípio de que não há respostas acabadas, levando-o à prática da reflexão, essa reflexão deverá ser sempre estimulada, pois ela levará ao esclarecimento e a crítica dos saberes prontos. O tutor através da sua prática de mediação, além de discutir e indicar bibliografia que amplie suas perspectivas de aprendizagem dos alunos, também deverá auxiliar em atividades que contextualizem a realidade para que seja possível construir no aluno o anseio por respostas críticas e criativas. O tutor aqui assume o papel do que Benjamim vem a chamar de médium da reflexão, que tratamos no capítulo II.

O médium de reflexão é, no entanto, de um ponto de vista metodológico ou gnosiológico, o médium do pensar, da reflexão canônica porque nelas estão cunhados da maneira mais evidente dois momentos básicos de toda reflexão: auto-atividade e conhecimento. (BENJAMIN, 1994, p.59).

A base do diálogo tutor-aluno se dá a partir da necessidade construída no aluno pelo tutor, de busca situar-se no contexto da aprendizagem, neste caso, recursos tecnológicos são os intermediários do diálogo entre esses dois. O tutor deve contribuir com informações adequadas para o processo de construção do conhecimento do aluno, fator imprescindível para que essa ação se torne rotineira.

O que leva o docente a buscar o auxílio desse profissional, é a confiança que esse dispõe sobre o trabalho do tutor em sua habilidade em utilizar da tecnologia disponível para promover o conhecimento, e não a tecnologia em si, ou seja, apesar dos parâmetros ter mudado, a figura do professor continua sendo indispensável no processo ensino aprendizagem.

A EaD desenvolve uma importante missão em contribuir com os professores em reinventar sua prática pedagógica, o que significa reaprender novas formas de educar, uma vez que essa ação não se limita mais em transmitir instruções; o professor hoje precisa assumir desafios intelectuais e emocionais diversos.

Deste modo, o desafio do professor à distância vai além da adaptação em utilização de TIC, ou seja, em trabalhar em ambientes virtuais, mas sim em mudanças de ideológicas, de formação, capazes de provocar e de ressignificar a sua profissão.

Também temos observado e sentido as dificuldades que os tutores vem passando em sua prática, no que diz respeito ao exercício de sua mediação em relação aos conteúdos propostos, o auxílio a autonomia educativa do aluno e na possibilidade dos mesmos superaram esse obstáculo. Assim, com a finalidade de melhor entendermos essa ação, dedicaremos o tópico seguinte a abarcar as questões teóricas sobre as práticas pedagógicas dos professores tutores da EaD.

3.3 As práticas pedagógicas do professor tutor na EaD

As práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor tutor são tão importantes como aquelas desenvolvidas pelo professor no ambiente de sala de aula presencial. Sobre isso, ressaltamos o que ele:

[...] deve ser compreendido como um dos sujeitos que participa ativamente da prática pedagógica. Suas atividades desenvolvidas a distância e/ou presencialmente devem contribuir para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem e para o acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico. (BRASIL, 2007, p. 21).

Um dos aspectos de grande importância em relação à EaD diz respeito à prática pedagógica desenvolvida nos cursos. Consideramos que para ser bem sucedida a EaD deve ter o aluno como foco central do processo. A prática pedagógica nos cursos realizados nessa modalidade de educação não podem ter como base o modelo presencial, no qual o professor faz a exposição do conteúdo para um grupo de alunos que estão ouvindo e observando seus gestos, lendo suas expressões, em um contexto no qual há a possibilidade de interlocução direta e objetiva do aluno com o professor. Mas como se apresenta a prática pedagógica dos professores-tutores nos cursos de EaD?

Na EaD a relação entre professor e aluno é muito diferente da forma presencial, não existe a dinâmica didático-pedagógica inerente à sala de aula. Não há possibilidade de interlocução presencial e imediata do aluno com o professor. Embora exista uma legislação sobre a regulação da EaD, que deve ser seguida por todas as instituições de ensino, há particularidades de operacionalização em cada instituição e em cada curso oferecido, que diferem muito das salas de aulas convencionais

De maneira geral, podemos dizer que na EaD há um professor que apresenta o conteúdo de cada disciplina e um tutor que acompanha e orientam os alunos. Não obstante, temos notado que o personagem mais presente para o aluno não é o professor, como na sala de aula convencional, mas sim o tutor. É ele que, em determinadas situações e contextos institucionais, estabelece uma relação efetiva de mediador entre o aluno e os conteúdos de aprendizagem.

Temos percebido que a EaD no Brasil carece de um modelo pedagógico próprio. A matriz que orienta as ações pedagógicas nessa modalidade ainda é sensivelmente permeada pelo modelo de educação presencial. Embora as universidades públicas – que se apresentavam com maior resistência a esse tipo de educação - tenham aderido a ela, o que percebemos é que a EaD é efetuada como uma versão da educação presencial, que é adaptada para ser realizada a distância. Os professores agem como se estivessem em cursos presenciais. A presença dos tutores como uma equipe de atuação efetivamente pedagógica ainda não foi incorporada pela universidade. Em grande parte das instituições os tutores não fazem parte do quadro de funcionários e são vistos, pelos professores, por um lado, como apoio secundário no processo

pedagógico, ou, por outro lado, como aqueles que devem conduzir o curso que eles prepararam.

Historicamente, as primeiras referências ao tutor surgem nas universidades do século XV, ligadas à figura do orientador religioso dos estudantes, que tinha como missão impor a fé e a conduta moral aos alunos (SÁ, 1998). Mas é no contexto socioeconômico e cultural do século XX que o tutor é visto como orientador de trabalhos acadêmicos, significado esse incorporado aos primeiros programas de educação à distância e que se mantém na atualidade (SÁ, 1998).

Sobre este sujeito docente e sua caracterização laboral, Mill (2007, p. 27) considera que:

A relação ensino-aprendizagem nesse contexto conta, por exemplo, com o docente-tutor. Entre as denominações atribuídas a este docente percebemos tutor virtual, tutor eletrônico, mentor, tutor presencial, tutor de sala de aula, tutor local, orientador acadêmico, animador e diversas outras. O que caracteriza este trabalhador é sua função de acompanhar os alunos no processo de aprendizagem, que se dá, na verdade, pela intensa mediação tecnológica. Justamente por ser um novo parceiro na construção do conhecimento e pela falta de práticas e modelos educacionais aos quais pudemos ter acesso, o trabalho do tutor requer atenção e cuidado de toda a equipe envolvida em EaD.

Percebemos, destarte, pelas determinações de desempenho de atribuições do MEC, que o tutor a distância é que assume o papel efetivo na relação pedagógica com o aluno, ou seja, é ele que cumpre a tarefa de orientar de fato o aluno. E o que é ser professor, senão orientar alunos? Assim, percebemos que, apesar das atividades em EaD serem autoexplicativas, é ao tutor que os alunos recorrem para sanar dúvidas, solicitar explicações, mostrar as atividades etc. Além de confidenciar problemas que os impedem de ter um bom aproveitamento nos estudos. Portanto, é o tutor que exerce o papel de professor.

O tutor, mais que orientar os alunos quanto ao uso dos materiais didáticos que são disponibilizados, e administrá-los com eficiência, também atua em situações de conflito, de euforia, desânimos, rotinas, inclusão, além de fazer orientação de estudo, aconselhamento etc., comuns nas relações que envolvem o processo de ensino e de aprendizagem escolar. Podemos perceber também que esses fazeres não estão determinados legalmente, ou seja, não há um manual de orientações para ele usar em casos diversos na sua relação com o aluno. Sua ação, nesse caso, depende fundamentalmente de sua experiência, do seu bom senso, história de vida, formação escolar, ética etc. Porém, essa atuação, que não é padronizada e para a qual nem sempre recebe orientação, muitas vezes é decisiva na sua relação com os alunos.

Ao professor, no caso das atribuições estabelecidas pela Capes, cabe uma gama de atividades, porém aquelas que mais se aproximam efetivamente da relação pedagógica com o aluno é “[...] participar das atividades de docência das disciplinas curriculares do curso” (BRASIL, 2007). As demais são relativas ao curso, mas não se reportam diretamente aos alunos. Suas atribuições se concentram, portanto, em elaborar materiais e recursos de interação midiáticos para as aulas, bem como em relação a instrução dos tutores sobre os conteúdos da disciplina. Mas, fica para o tutor a prática pedagógica.

É indiscutível a atuação do tutor nos cursos de EaD; a sua ação tem cada vez mais causado dependência nessa estrutura e, a medida que a prática da tutoria é exercida nos vários cursos de graduação na modalidade de EaD no país, na mesma medida a atividade de tutoria vai caracterizando a identidade e o papel desse sujeito como mediador do processo de ensino e de aprendizagem do alunos, também vai se delineando a essencialidade de sua presença.

O uso das tecnologias de informação e comunicação TIC, facilitam a interação entre esses sujeitos (professor – aluno) da EaD e auxiliam na democratização da escolarização; o que caracteriza essa democratização é a participação ativa desses sujeitos em um só objetivo, que é o da construção do conhecimento. A construção do saber é feito de modo participativo e coletivo, como é enfatizado por Litto e Formiga: “O conhecimento não se acessa, mas se constrói cooperativamente, respeitando as particularidades de cada grupo e o respeito ao multiculturalismo”. (LITTO; FORMIGA, 2009, p.153).

A construção do conhecimento se dá através de um acompanhamento e estímulo ao discente, em que o professor leva o aluno a buscar novas formas de aprender. É nesse aspecto que destacamos o papel do tutor como principal agente desse estímulo, promovendo a interação e a participação em atividades propostas. São atividades que devem ter um caráter reflexivo sobre os conteúdos. Associamos essa visão à ideia do “narrador” para Benjamin, que, em nosso caso o narrador é o tutor, aquele que faz o papel do mediador entre o aluno e o material didático. O narrador precisa ter comprometimento com o que será narrado, com a forma como o conteúdo será explorado a fim de que o aluno compreenda o contexto e apreenda a informação.

Outro fator de destaque que auxilia na prática pedagógica do tutor com o aluno nessa modalidade educativa é que a interação entre o conteúdo, o aluno, e o material didático. Trata-se de uma prática que necessariamente não precisa ocorrer em tempo real, o que não impede que ela aconteça e seja positiva. Mas deve ser uma relação que promova liberdade na relação entre esses sujeitos. Além da confiança, os laços de afeto também se fortalecem a medida que essa prática se torna rotineira. Por isso, Moran (2008, p. 6) é incisivo quando diz:

“[...] a interatividade nos faz descobrir como é importante estarmos juntos, e como, ao estarmos juntos, podemos resolver facilmente os problemas de aprendizagem, as dúvidas. O estar juntos facilita a criação de confiança, de laços afetivos”. Nessa mesma linha Conceição e Carvalho (2009, p. 109) afirmam que:

A frieza do convívio virtual é transformada na medida em que o (a)s tutor(e)s-educadore(a)s promoverem atividades interativas, incentivos à participação e fundamentalmente apresentarem-se presentes, mesmo virtualmente. Estabelecer uma relação de proximidade com o aluno, de acompanhamento mútuo o primeiro passo para promover o estímulo necessário para uma aprendizagem significativa.

No presente texto apresentamos para a discussão exatamente essa ação pedagógica do tutor a distância com os alunos. Partimos do pressuposto de que ele, o tutor a distância, em determinados contextos institucionais e de curso, não é somente importante, como também o mais importante ou até mesmo a única figura que exerce a prática pedagógica na mediação entre os alunos e os saberes ou conhecimentos das disciplinas que compõem o curso.

Por ação pedagógica entendemos a prática de ensino que envolve o ato de explicar didaticamente os conteúdos, sanar dúvidas sobre as atividades, auxiliar na interpretação dos conhecimentos teóricos, dar exemplos práticos, ouvir as dúvidas, fazer a gestão do tempo das atividades, orientar sobre métodos de estudo, selecionar e propor formas de realização de atividades, coordenar debates, fazer correções de atividades, incentivar a pesquisa, dar *feedback* aos alunos sobre suas atividades.

Não obstante as ações que o tutor desempenha, ainda não há consenso em torno do seu efetivo papel. Todavia não podemos deixar de concordar que sobre a sua ação incide toda a responsabilidade de formar cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade. Sem desconsiderar esse dilema, o que nos impele nesse momento é analisar como a atividade desse profissional é efetivamente executada e quais são as características que a aproximam da função docente.

3.4 O Curso de Filosofia Licenciatura a Distância da UEMA e a atuação do tutor

Neste tópico apresentamos o funcionamento do curso de Filosofia Licenciatura na modalidade a distância na IES UEMA, e faremos a exposição do sujeito caracterizado como professor-tutor atuante enquanto principal mediador do processo ensino aprendizagem. Tais

informações foram coletadas *in loco* através da nossa observação enquanto coordenadora de tutores atuante nesse curso, e dos teóricos utilizados ao longo desse trabalho.

3.4.1 Um Breve histórico da UEMA

A UEMA possui uma trajetória de mais de 15 na modalidade de educação a distância, sendo a segunda instituição no Estado a iniciar sua experiência na EaD, tendo a perspicácia em perceber nessa modalidade de educação uma saída para a sua efetiva democratização, capaz de romper com os limites geográficos e podendo expandir sua oferta de cursos.

A construção dessa perspectiva iniciou-se em 1998, através do curso de Magistério de Nível Médio - parecer nº 246/98 e resolução nº 192/98 e com essa iniciativa ela dá o pontapé no contexto da EaD no Maranhão.

Devido ao sucesso com a primeira experiência no curso de Magistério de Nível Médio, ela expande seu espaço de atuação e busca auxílio de uma Universidade muito bem conceituada na EaD, como a Federal de Mato Grosso (UFMT), para implementar o primeiro curso de formação de nível superior. O curso de Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, um curso todo conduzido nos moldes da EaD da UFMT, com tutores presenciais treinados e material didático todo disponibilizados por essa instituição.

A partir da formação do projeto pedagógico deste curso, deu-se a necessidade de estruturar um Núcleo de Educação a Distância (NEAD), assim foi criado através da resolução nº 239/00 com a responsabilidade de:

[...] conceber, produzir, difundir, gerir e avaliar projetos e experiências inovadoras em educação a distância, tendo como objetivo o atendimento às demandas da sociedade maranhense no que concerne à formação de profissionais nas diversas áreas do conhecimento, em nível médio, ensino profissional, ensino superior (graduação e pós graduação) e formação continuada. (SERRA; SILVA, 2008, p.102).

Em 2001, o NEAD é credenciado pelo MEC com a Portaria 2.216/01 com licença para funcionar ofertando cursos em EaD.

Em 2005, a UEMA toma um novo fôlego na EaD, participando em um consórcio de instituições da educação, oferta o curso piloto da UAB de administração, esse curso teve duração de 4 anos.

O projeto piloto da UAB construiu um consórcio nacional de instituições públicas (17 universidades federais e cinco estaduais) denominado de Fórum de Coordenadores de cursos e coordenadores EaD de cada instituição. O fórum se reúne nacionalmente a cada três meses, para discussões e apresentações de resultados, pois mantém em comum o mesmo currículo, a produção textual de todo o material didático (com edital nacional para professores conteudistas) e proporciona a permanente troca de experiência, além de tomar deliberações em suas assembleias. (SERRA; SILVA, 2008, p.166).

Em 2008, o NEAD sofre uma reformulação e passa a se chamar Núcleo de Tecnologias para a Educação (UemaNet). Essa mudança foi muito mais que uma simples nomenclatura, foi uma mudança no seu objetivo, o núcleo deixou de prestar serviço unicamente aos cursos e passou a servir a universidade.

[...] dá ao Núcleo o papel de articulação e não mais de concepção de projetos e experiência em EaD, cabendo então às instâncias acadêmicas dos centros de ensino tais proposições. É uma segunda alteração, que amplia o espectro de atuação do Núcleo para além dos âmbitos da educação a distância, incorporando na sua atuação toda e qualquer ação de caráter educacional, independente da sua natureza presencial, à distância ou aberta, que possa ser mediada por algum instrumento ideológico. (SERRA; SILVA, 2008, p. 102).

Tomando novas proporções mais cursos de graduação e licenciaturas foram surgindo, em 2008 foi aprovado pela UAB o edital 02/2008 a criação dos cursos de Pedagogia e Filosofia, além de novos projetos como Administração Pública e a pós-graduação em gestão pública.

A UEMA assume o modelo semipresencial de EaD. Ao oportunizar o acesso de profissionais das camadas populares à Educação Superior, a instituição cumpre com seu papel social e político junto à sociedade maranhense.

A partir de agora iremos nos ater ao Curso de Filosofia na modalidade a distância, que tem como entidade mantenedora, a Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, o Ministério da Educação-MEC e o Sistema de Universidade Aberta do Brasil-UAB, lugar de realização da nossa investigação.

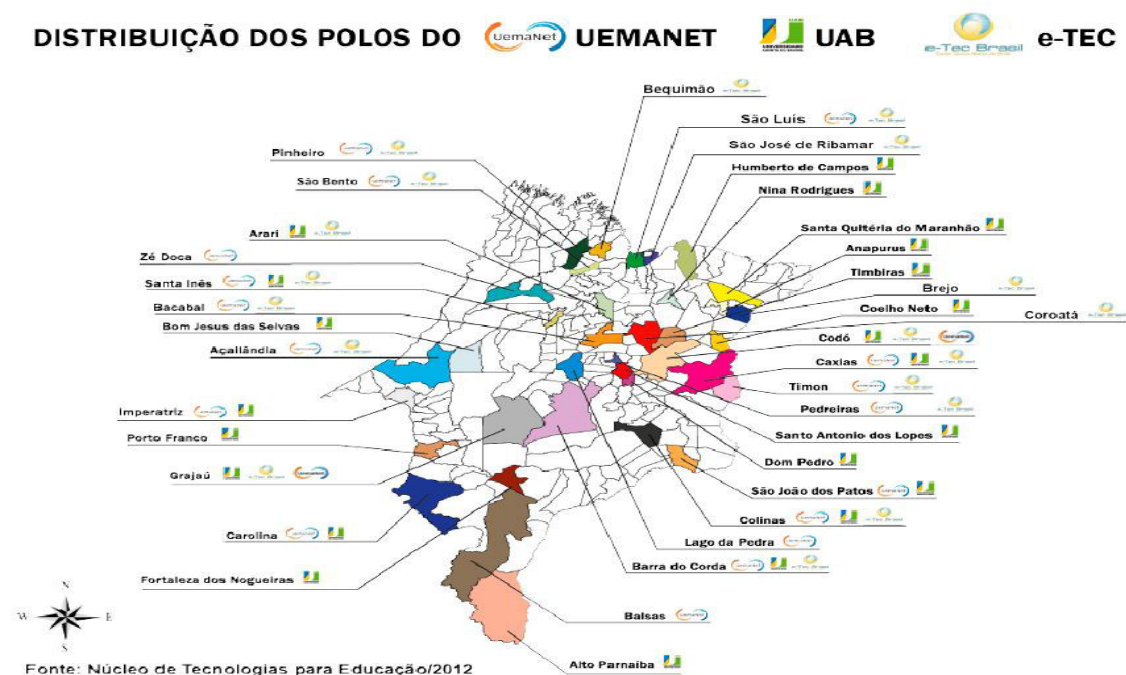
3.4.2 O Curso de Filosofia Licenciatura a Distância da UEMA

O Reitor da UEMA, na qualidade de presidente do Conselho de ensino, pesquisa e extensão, aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Filosofia Licenciatura a Distância do centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais (CECEN), mediado com tecnologias de Informação e Comunicação do UemaNet, da UEMA, através da Resolução Nº 882/2009 do

CEPE/UEMA. No mesmo ano o CONSUN/UEMA, autoriza o funcionamento do curso de Filosofia Licenciatura a Distância do CECEN através da resolução N° 749/2009.

Em novembro de 2008, a UEMA lança edital com 1.060 vagas para o ingresso no curso de Filosofia Licenciatura na modalidade a distância, distribuídas em 31(trinta e um) polos. Foram preenchidas 1.038 vagas e iniciou suas atividades em 18 de dezembro de 2009. Atualmente, o UemaNet, como se observa no mapa a seguir, possui mais de 30 (trinta) polos na modalidade a distância espalhados por todo o Maranhão.

Figura 1 – Distribuição dos polos do UemaNet

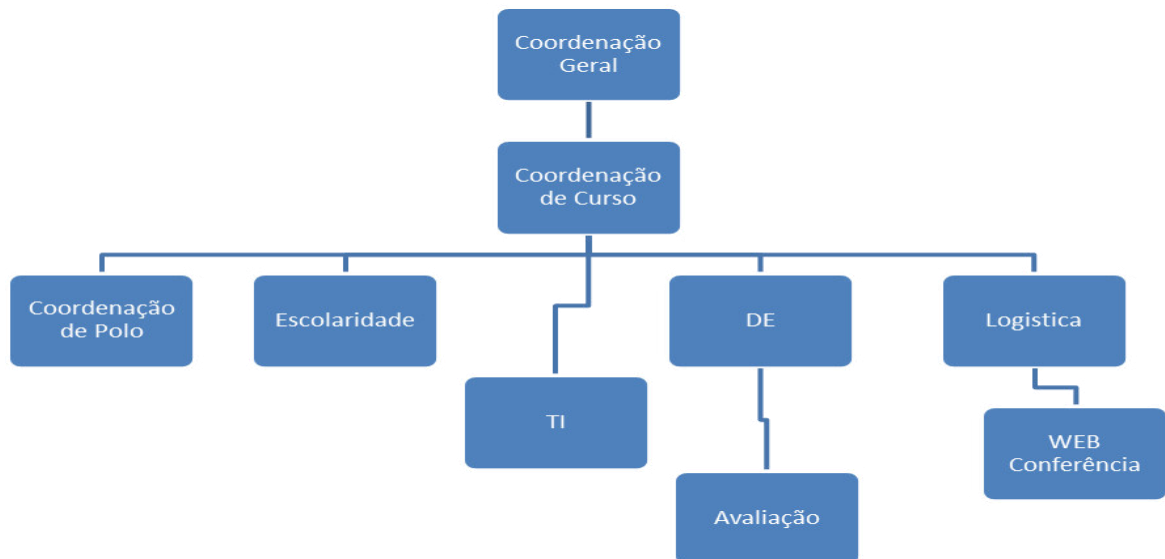


O curso de Filosofia Licenciatura na modalidade EaD da UEMA insere-se no contexto e no debate sobre a formação em nível de licenciatura, atendendo a uma demanda local e regional por professores licenciados em Filosofia. Com o foco na docência, o curso assume o desafio de formar professores que sejam capazes de despertar as novas gerações não apenas no campo do desenvolvimento científico e tecnológico, mas também para o campo da reflexão crítica dos problemas sociais, culturais, políticos, econômicos e de tempo, objeto da realidade na qual está inserido.

O curso conta com uma equipe multidisciplinar formada pela coordenação geral, coordenação de curso, coordenação de polo, coordenação de tutoria, professor conteudista/formador, tutor à distância e tutor presencial. Além de um suporte técnico da TI,

logística, web conferências, setor de escolaridade, e biblioteca. Segue organograma de acordo com a lógica de funcionamento.

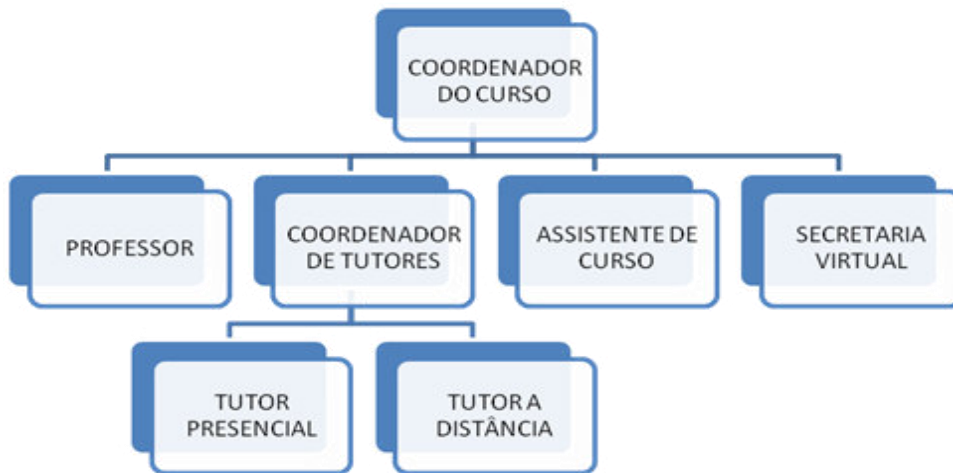
Figura 2 – Organograma



Fonte: autoria própria

Quanto à composição da coordenação de curso está dividida na figura da diretora do curso, por uma assistente e pelo coordenador de tutoria. Há pouco tempo sentiu-se necessidade de contratar mais um colaborador para auxiliar no trabalho interno da coordenação, que assumiu a figura do secretário virtual, tendo a função de informar, orientar e auxiliar os alunos no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) quanto aos mais variados problemas.

Figura 3 – Organograma da coordenação do curso de Filosofia a distância do UemaNet



Fonte: autoria própria

Quanto a distribuição curricular, o curso tem uma carga horária de 3.285h distribuídas em 42 disciplinas, com duração de 4 anos distribuídos em 8 semestres. Todas as disciplinas e componentes curriculares do curso em questão encontram-se em total acordo com as Diretrizes Curriculares de Filosofia para a Educação Superior.

Quadro 1 - Estrutura Curricular Curso de Filosofia Licenciatura

Disciplina		CH	CR	NÚCLEO	HORAS
1º período	Educação a Distância	60	04	NC	420
	Sociologia Geral	60	04	NC	
	Psicologia da Educação	60	04	NC	
	Metodologia Científica	90	04	NC	
	Iniciação Filosófica	60	04	NE	
	História da Filosofia Antiga	90	04	NE	
2º período	História da Filosofia Medieval	90	04	NE	420
	Teoria do Conhecimento	60	04	NE	
	História da Educação	60	04	NE	
	Didática	60	04	NC	
	Prática Curricular na dimensão político social	90	04	NC	
	Lógica	60	02	NC	
3º período	Filosofia das Ciências	60	04	NE	420
	Filosofia da Educação	60	04	NC	
	Antropologia Filosófica	60	04	NE	
	História da Filosofia Moderna – Pré-Kantiana	90	04	NE	

	Legislação e Organização da Educação Básica no Brasil	60	04	NC	
	Prática Curricular na dimensão Educacional	90	02	NC	
4º período	Introdução ao Estudo da Ética	60	04	NE	450
	História da Filosofia Moderna	90	04	NE	
	Filosofia Política	60	04	NE	
	Optativa I	60	04	NC	
	Metodologia do Ensino de Filosofia	90	04	NE	
	Prática Curricular na dimensão Escolar	90	02	NC	
5º período	Ética	60	04	NE	465
	Introdução à Ontologia	60	04	NE	
	Filosofia Política Contemporânea	60	04	NE	
	História da Filosofia Contemporânea	90	04	NE	
	Optativa II	60	04	NL	
	Prática Curricular na dimensão docente	135	03	NC	
6º período	Filosofia da Linguagem	60	04	NE	555
	Estética	60	04	NE	
	História da Filosofia Contemporânea/Escola de Frankfurt	90	04	NE	
	Optativa III	60	04	NL	
	História da Filosofia no Brasil	90	04	NE	
	Ontologia	60	04		
	Estágio Curricular Obrigatório no Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano.	135	03	NC	
7º período	Estágio Curricular Obrigatório no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano.	135	03	NC	135
8º período	Estágio curricular obrigatório no Ensino Médio	135		NC	135
	LIBRAS	60	04		
	Atividades Acadêmico-Científico- Culturais	225	05	NC	285
	TCC				
Carga-horária Total				3.285	

Fonte: Projeto Político Pedagógico do Curso de Filosofia na modalidade EaD - UEMA

O professor do Curso de Filosofia na modalidade EaD da UEMA, de acordo com Resolução CD/FNDE nº 26, de 5 de junho de 2009, é recrutado através da avaliação de currículos, após prazo de envio dos mesmos publicado em edital da instituição, que, após a seleção e contratação, o mesmo passa a ser vinculado ao Sistema UAB (Universidade Aberta

do Brasil) e atuará nas atividades típicas de ensino aprendizagem, de desenvolvimento de projetos e de pesquisa, relacionadas aos cursos e programas implantados no âmbito do Sistema UAB, sendo exigida experiência mínima de um ano no magistério superior ou formação em pós graduação stricto sensu. O mesmo permanece vinculado pelo período de 6 meses, correspondendo ao período de vigência da disciplina para o qual fica responsável. Essa responsabilidade consiste na elaboração de materiais didáticos diversos (videoaulas, apostilas, disposição de bibliografia para os alunos), preparação e capacitação dos tutores para intermediação com suas disciplinas e disponibilidade a alunos e tutores para esclarecimento de dúvidas e trabalho pedagógico colaborativo. O valor da bolsa a ser concedida é de R\$ 1.300,00 mensais, enquanto exercer a função, de acordo com o Artigo 2º Inciso IV da Lei No 11.273/2006. Aquele que não comprovar essa experiência, mas que tenha formação mínima em nível superior e experiência de 1 (um) ano no magistério superior, ou a vinculação a programa de pós-graduação de mestrado ou doutorado, receberá bolsa no valor de R\$ 1100,00 mensais, de acordo com o Artigo 2º Inciso III da Lei No 11.273/2006.

Quanto ao professor tutor, a seleção se dá de maneira similar, de acordo com a Resolução CD/FNDE nº 26, de 5 de junho de 2009, para o exercício das atividades típicas de tutoria, sendo exigida formação de nível superior e experiência mínima de 1 (um) ano no magistério do ensino básico ou superior, ou ter formação pós-graduada, ou estar vinculado a programa de pós-graduação. O valor da bolsa a ser concedida é de R\$ 750,00 mensais, enquanto exercer a função. De acordo com esta resolução, cabe às IPES determinar, nos processos seletivos de Tutoria, as atividades a serem desenvolvidas para a execução dos Projetos Pedagógicos, de acordo com as especificidades das áreas e dos cursos.

Quanto ao sistema UAB, na última década o poder público, como incentivador e regulador legal dessa nova versão de Educação a Distância, estabeleceu o sistema UAB, criado pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2005, por meio do Decreto nº 5.800/2006, com o propósito de articular e integrar um sistema nacional de educação superior à distância. Hoje a UAB é composta por um conjunto de instituições que se articulam na promoção da educação superior. Esse conjunto congrega o próprio MEC, Universidades Públicas Federais, Estaduais E Municipais, além da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), que faz mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e o estudante.

Dessa forma, a modalidade EaD pode contribuir significativamente com o atendimento de demandas educacionais urgentes, dentre as quais, destacam-se a necessidade de formação ou capacitação de mais de um milhão de docentes para a

educação básica, bem como a formação continuada, em serviço, de um grande contingente de servidores das empresas públicas. (LITTO; FORMIGA, 2009, p. 300).

Nessa perspectiva, a UEMA, com as possibilidades oferecidas pelo UemaNet, sintonizada com as mudanças e as novas condições da sociedade, busca promover um equilíbrio entre a democratização do acesso a Educação e a qualidade do ensino. Em virtude disso, a mesma Instituição de Ensino Superior (IES) corrobora com a iniciativa do MEC, manifestada na UAB, que além da prioridade em oferecer formação inicial a professores, outro objetivo do programa é reduzir as desigualdades na oferta de ensino superior e desenvolver um amplo sistema nacional de educação superior a distância, isto é, o sistema UAB é uma política pública voltada para inclusão social e educacional por meio da oferta de educação superior a distância. Não podemos deixar de destacar que os meios de divulgação dessa nova modalidade assumem um caráter social, em que não podemos negar sua repercussão no cenário nacional, pois tem surtido um efeito transformador no quadro histórico do Brasil.

Os objetivos fixados envolvem, em particular, o oferecimento prioritário de cursos de licenciatura e formação inicial de professores da educação básica, de capacitação de dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica a oferta de cursos superiores nas diferentes áreas do conhecimento e a constituição de um “amplo sistema nacional de educação superior a distância”(LITTO; FORMIGA, 2009, p. 23).

A modalidade EaD é uma alternativa viável e eficaz para a solução do problema da formação superior de professores estabelecidos em regiões geográficas de difícil acesso. Sendo assim, por meio do Curso de Filosofia Licenciatura na Modalidade a Distância, pretende-se atender a grande demanda por professores de Filosofia em escolas de ensino médio de cidades do interior do Estado do Maranhão. Além desta demanda que se pretende atender por meio da EaD, pensa-se em poder oferecer um curso de mais elevada qualidade, com um currículo, entendido como projeto pedagógico explícito e coerente, que visa a formação dos alunos como cidadãos e profissionais, além da mera “matriz curricular”.

Essa formação resultará em professores críticos, reflexivos, comprometidos e participativos, preparados para o desempenho de suas funções dentro de uma prática social historicamente estruturada, comprometida com o desenvolvimento regional.

Além disso, por ser essa permanente atividade reflexiva em torno dos fundamentos da própria cultura humana, uma necessidade intrínseca as comunidades na qual é produzida, como que inscrita no próprio ser mais profundo do homem, a filosofia, por sua

própria natureza, exige o recurso, a tradição, o conhecimento preciso e rigoroso dos pensadores clássicos.

Na verdade, toda cultura é anamnética, pois nem os indivíduos nem as sociedades podem viver sem continuamente recuperar sua vida vivida — seu passado — para nele perscrutar as raízes da sua vida presente. Mas a filosofia assume como tarefa pensar tematicamente o seu próprio passado — unir anamnésis e noésis — e, nessa rememoração pensante, reinventar os problemas que lhe deram origem e, assim, cumprir o destino que (...) está inscrito na sua própria essência; captar o tempo no conceito – o tempo que foi e o tempo que flui no agora do filosofar. (VAZ, 1991, p. 685).

Ou seja, a Filosofia é estruturalmente moderna, onde tradição e contemporaneidade se entrelaçam essencialmente na atividade reflexiva, seja na pesquisa, seja no aprendizado de busca de respostas às questões humanas fundamentais. O que traz a tona o respeito a história da filosofia e ao próprio passado do homem como uma referência formadora da compreensão do seu tempo atual, entrelaçando, assim, o passado, o presente e o futuro num mesmo ato reflexivo. Para isso, concebeu-se o curso de Filosofia procurando, na formulação da proposta curricular, o necessário equilíbrio entre os conteúdos, buscando harmonizar o teor das unidades de estudo teóricas de formação que desenvolvem o embasamento e o senso crítico, reflexivo e criativo dos alunos através da investigação, com as práticas pedagógicas, propiciando-lhes ensino interdisciplinar, com fundamento generalista, integrado e comprometido com a transformação social.

Este papel transformador objetivado para o professor de Filosofia oriundo da UEMA deverá voltar-se, prioritariamente, para o quadro social do Maranhão.

É necessário enfatizar que o egresso do curso de Filosofia em EaD será sobretudo um professor, com desafios comuns aos educadores de um modo geral; mas um professor consciente da especificidade teórica e prática da atividade filosófica em seus mais diversos campos de problemas, além de ser apto na utilização das TIC uma vez que sua formação se deu via essas ferramentas. Um profissional capaz de atuar como um docente mediador adequado de levar seu aluno a construir seu próprio conhecimento de forma emancipada e autônoma.

3.4.3 A atuação do professor tutor

Para o bom andamento e acompanhamento dos discentes, o curso de Filosofia conta com o aporte pedagógico de um professor formador (já falado anteriormente) e um professor tutor à distância por disciplina, além do auxílio do tutor presencial por polo. Ao professor da disciplina, cabe a responsabilidade de planejar, organizar, definir os materiais didáticos, definir a forma da avaliação e sua aplicação, a capacitação e funcionamento da tutoria em geral ficando sob a responsabilidade do ‘professor-tutor’ que dá o suporte pedagógico necessário ao professor para que a disciplina aconteça de acordo com o planejado.

Quanto às formas de tutoria podemos qualifica-las e distingui-las com base nas referências de Mill *et al.* (2007, p. 22) que considera que a tutoria:

[...] é composta pelo grupo de educadores que acompanha os alunos, presencialmente, com encontros frequentes ou esporádicos, enquanto que a [...] tutoria virtual ou tutoria a distância, é dedicada ao acompanhamento dos educandos virtualmente (a distância), por meio de tecnologias de informação e comunicação.

Embora cada polo seja acompanhado por um tutor presencial, é o professor-tutor (tutor a distância) que executa a interação pedagógica com os alunos, o tutor presencial, em nosso caso, exerce uma atividade com características mais técnicas, de auxiliar o aluno no manuseio das tecnologias, nas postagens de atividades, e na realização das atividades em grupo; isso quando o aluno o procura, porque na maioria das vezes ele recorre primeiramente ao professor-tutor, uma vez que nem sempre pode ir ao polo, e a resposta que obtém por meio do desse é mais rápida e fácil, considerando esse deslocamento.

Esse fato, aliado ao entendimento de que o professor tutor é o principal referencial no processo de aprendizagem do aluno, faz com que esse se constitua como o principal responsável pela relação pedagógica com o aluno.

A ação do professor tutor a distância, como sabemos, se efetiva majoritariamente por meio do ambiente virtual de aprendizagem (AVA), que, em nosso caso, é por meio da plataforma Moodle. O professor tutor a distância, no curso em questão, possui uma carga horária semanal de 10 horas. Ele tem autonomia para dividir essas horas de maneira a conciliar suas atividades como professores em outras instituições, ou mesmo em outros setores, e as ações no AVA, uma vez que atua em locais independentes das instalações da UEMA. Não obstante, a coordenação do curso e de gestão dos tutores sugere que eles dediquem duas horas por dia ao AVA e que comuniquem os alunos a respeito dos horários que estão na condição de *online*, para que possam interagir com eles. Embora seja estabelecida a carga horária de 10

horas semanais, sabemos, nós que atuamos na coordenação de gestão de tutores, que eles as extrapolam. O tempo que passam com os alunos, computadas as horas para correção de atividades e provas, realmente é muito maior que a estabelecida por esta coordenação.

Sobre suas responsabilidades, consideramos que no contexto do nosso curso, as ações efetivamente executadas pelo professor tutor a distância não se limitam àquelas elencadas pela Capes, visto que é ele que assume a efetividade da ação pedagógica com os alunos. Sua incumbência é esclarecer todas as dúvidas relacionadas aos conteúdos da disciplina pela qual é responsável, àqueles que não tiverem condições de tirá-las devem recorrer ao professor formador. Também auxiliam os alunos na resolução de atividades, orientá-los na realização de trabalhos, instruí-los no manuseio do AVA e de outras TIC necessárias ao desenvolvimento das atividades, promover discussões e fóruns, participar dos chats com os alunos, monitora os e-mails dos alunos em relação à disciplina. Eles também são responsáveis pelas correções de atividades avaliativas a distância e presencial. Para auxiliar na realização da ação pedagógica junto aos alunos, é preciso desenvolver um minucioso trabalho em âmbito local, para isso, em nosso contexto, os professores tutores a distância exercem a tarefa de ministrar aulas presenciais *in loco* nos polos, relativas às disciplinas que estão sob sua tutoria. Essa ação se dá sempre que são identificadas dificuldades dos alunos quanto aos conteúdos das disciplinas. Para isso, é elaborado um plano de ação, todo orientado e monitorado pelo professor formador para que o professor tutor a distância possa realizar essa tarefa.

Esse conjunto de ações, que envolve o contato cotidiano com os alunos por meio do AVA, bem como as atividades presenciais, faz com que se estabeleça um vínculo de proximidade, ainda que na maior parte das vezes não presencial, mas frequente, entre o professor tutor e o aluno, o que gera uma relação como àquela que se estabelece entre professor e aluno em sala de aula na modalidade presencial. Nessa conjuntura, as confissões de angústia, os problemas, os anseios, as necessidades pedagógicas ou para além delas, são expostas. Assim, aquilo que ocorre com o professor em sala de aula presencial, se efetiva com o professor-tutor em sala de aula virtual, ou seja, o seu trabalho vai muito além do que suas atribuições lhe competem.

No capítulo a seguir, faremos a exposição e análise dos dados obtidos na fase empírica desta pesquisa, a saber, na aplicação de questionários aos alunos e tutores do curso de filosofia da UEMA, tabulando-os em gráficos e estabelecendo as devidas relações e implicações com a literatura analisada nos capítulos anteriores.

4 INVESTIGAÇÃO ACERCA DA PRÁTICA DA TUTORIA À DISTÂNCIA ENQUANTO MEDIAÇÃO NO CURSO DE FILOSOFIA DA UEMA

Neste capítulo, faremos a exposição e análise dos dados levantados para realização desta pesquisa, para tanto iniciaremos essa sessão dando uma ideia geral das características que consideramos necessárias para traçar o perfil profissional dos nossos entrevistados, para isso elencamos algumas questões, como: Gênero, idade, graduação, pós-graduação, atuação na educação básica, atuação na educação superior, tempo de experiência na EaD, o que fez esse profissional buscar essa profissão.

Quanto à descrição dos instrumentos utilizados, optamos pela aplicação de questionários aos professores tutores (tutores a distância) do referido curso e aos alunos já egressos do mesmo, constituindo a parte empírica da pesquisa. Quanto aos questionários podemos defini-los:

Como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (GIL, p.128, 1999).

O mesmo autor supracitado (p.128/129) apresenta as seguintes vantagens do questionário sobre as demais técnicas de coleta de dados: a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exija o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

Da totalidade de 52 professores tutores atuando no curso, foram aplicados questionários à amostra de 16 tutores, o que corresponde a uma amostra de 30%. Quanto aos discentes, de uma totalidade de 315 alunos egressos do curso, foram aplicados questionários a 75 alunos, o que corresponde a uma amostra de 20% do total.

A amostra de tutores foi selecionada de forma aleatória, de acordo com sorteio realizado ao acaso de um conjunto constituído pelos 52 no total, dos quais foram sorteados 20 professores tutores e 16 dos mesmos enviaram o questionário respondido dentro do prazo máximo solicitado. Quanto aos alunos, o critério adotado para a sua escolha foi a ordem

alfabética das iniciais de seus nomes. Foram escolhidos 100 alunos, dos quais 75 aceitaram participar da pesquisa enviando o questionário respondido dentro do prazo máximo solicitado.

4.1 Dados Gerais do professor tutor a Distância da UEMA

Para que pudéssemos ter uma visão global quanto a formação profissional inquirimos o professor tutor quanto a sua prática em vários aspectos, nos quais podemos destacar: Gênero, idade, experiência na docência, formação profissional, área de formação, e o interesse na EaD.

Através da análise dos dados pudemos constatar que 70% dos professores tutores do curso de Filosofia na modalidade EaD da UEMA são do sexo masculino, e a variação de sua idade vai de 26 a 48 anos. Quanto a sua prática na docência 100% dos professores tutores já atuaram ou atuam na educação presencial, pra termos uma precisão maior do que estamos afirmando, 100% dos professores tutores entrevistados afirmaram ter experiência de mais de um ano na educação básica e 70% tem experiência mais 3 anos na educação superior.

Quando inquirimos sobre a sua formação, 100% dos professores tutores são graduados na área específica do curso e 90% apresenta-se qualificado com pós-graduação, sobretudo lato sensu. Quanto a área específica da pós-graduação nenhum dos nossos professores tutores tem formação no campo.

Quanto a sua condição online e quantos dias por semana acessa o AVA, a resposta foi uniforme, todos acessam diariamente totalizando 10 horas semanais e na condição online, são duas horas diárias, sendo que essas horas são sempre acordadas antecipadamente com o aluno.

Quando indagamos o que os levou a atuar na tutoria, expuseram que incorreram na modalidade a distância na busca de adentrar nesta forma educativa que encontra-se em expansão no Brasil e no Maranhão, afim de não ficar desatualizados de outros colegas que já atuam na EaD e obtêm sucesso na experiência, além de desejar alcançar objetivos educacionais e profissionais análogos à educação profissional.

Isto demonstra a similaridade entre o profissional da educação presencial generalizado como professor e o perfil do professor tutor à distância desejado no recrutamento para a educação à distância no curso de filosofia da UEMA, não caracterizando este um espaço de fundamentos e perspectivas pedagógicas prevalentemente diversas ou em dissonância com as que se espera da educação presencial. Isto vai ao encontro do perfil comum relatado por ARETIO (1996), para o qual tutores são pessoas com titulação

universitária de grau superior e pós-graduação, possuem experiência profissional na área de atuação e formação didático-pedagógica (ARETIO, 1996).

De fato, a prática da tutoria pelos professores tutores à distância da UEMA é proveniente da formação e experiência vivida dos professores na educação presencial em sua essência. Isto significa ao menos que o professor tutor é um professor devidamente licenciado e qualificado para atuar na educação superior, e portanto, na educação à distância. Na perspectiva de papel de tutor, caracterizações docentes não são abandonadas, mas devem estar adaptadas ao que se espera numa prática de tutoria. Deste modo, analisaremos a seguir de que forma a compreensão dos tutores se dá na prática de suas atividades no curso de Filosofia da UEMA.

4.2 O Olhar do tutor acerca da sua prática

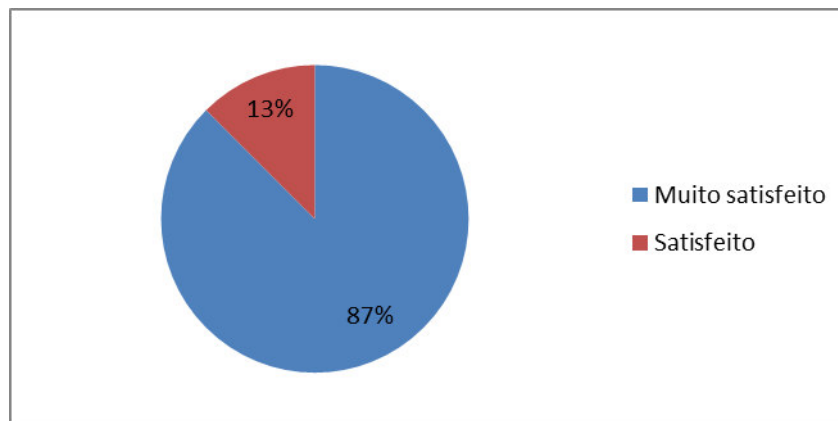
Iniciaremos a parte empírica da pesquisa fazendo a compilação dos dados dos questionários aplicados aos professores tutores no que se refere as questões fechadas.

4.2.1 Análise das questões fechadas

Com o intuito de obtermos respostas objetivas e direcionadas, iniciamos a parte empírica da nossa investigação, fazendo a análise dos dados coletados das questões fechadas.

Na primeira questão, inquirirmos o professor tutor, objeto de estudo desta pesquisa, quanto ao grau de satisfação no desempenho sobre suas práticas, a grande maioria apontou como “muito satisfeito” ou “satisfeito”, conforme gráfico a seguir:

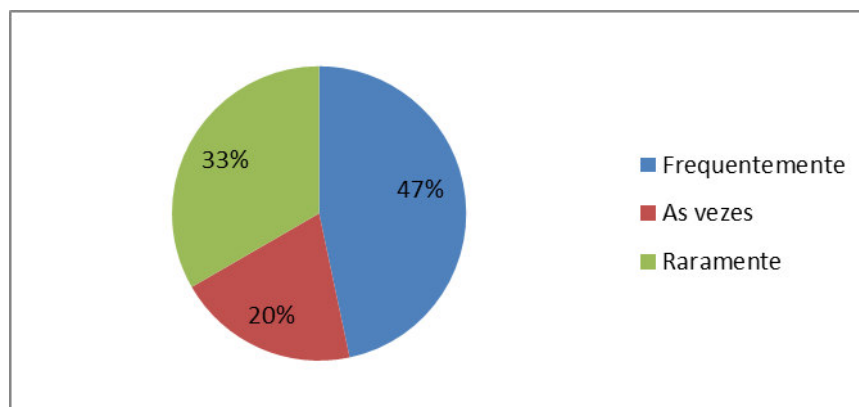
Gráfico 1 - Grau de satisfação do professor tutor no desempenho sobre suas práticas



A satisfação do profissional com sua atividade aponta um significativo alcance de seus objetivos profissionais e, nesse caso, também educacionais. O seu entendimento enquanto responsável pela mediação de conhecimento e conteúdo apresenta-se correlato à suas práticas, ainda que por ventura aperfeiçoamentos e alcances progressivamente necessários estejam arrolados ao processo de ensino e ao constante aperfeiçoamento. A reflexão contínua sobre a prática constitui um saber essencial nas palavras de Paulo Freire (1997) quando cita: “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. Em consonância à visão dos tutores quanto às problemáticas de suas práticas, está o *feedback* dos alunos aferidos pelos tutores quanto a mesma temática.

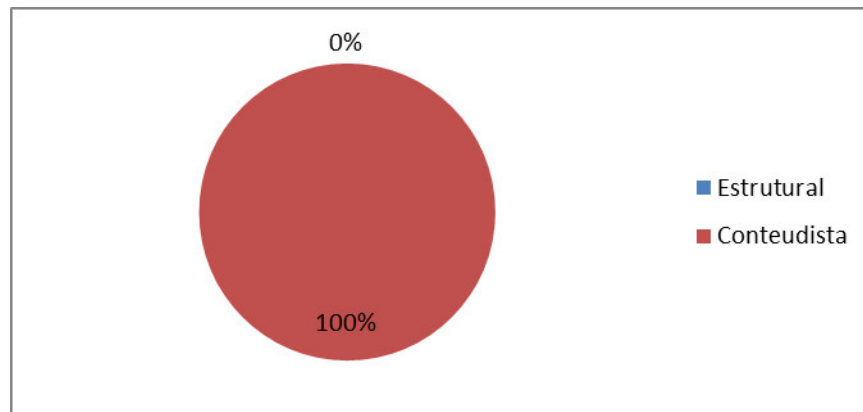
Sobre a questão se os alunos lhe procuram para abordar problemas pessoais, familiares ou profissionais para justificar o baixo desempenho ou atraso nas atividades do curso, as respostas foram variadas, todavia a predominância foi sobre a resposta ‘frequentemente’, o que vem nos evidenciar que o trabalho de tutoria não se circunscreve nos processos didático-pedagógicos e sim que vão muito além daqueles estabelecidos por documentos oficiais. Segue o gráfico com a exposição estatística dos dados.

Gráfico 2 - Baixo desempenho dos alunos relacionado a problemas pessoais



Quando os aferimos quanto às dúvidas mais recorrentes que os alunos apresentam são de ordem estrutural ou conteudistas a resposta foi unânime.

Gráfico 3 – Dúvidas recorrentes dos alunos



A busca pelos tutores para tratamento de questões prioritariamente conteudistas reflete o caráter de mediador de conteúdo e conhecimento da prática da tutoria, a exemplo das respostas dos tutores 1 e 2 quanto à pergunta: As dúvidas mais recorrentes que os alunos apresentam para você, são de ordem estrutural ou conteudistas?

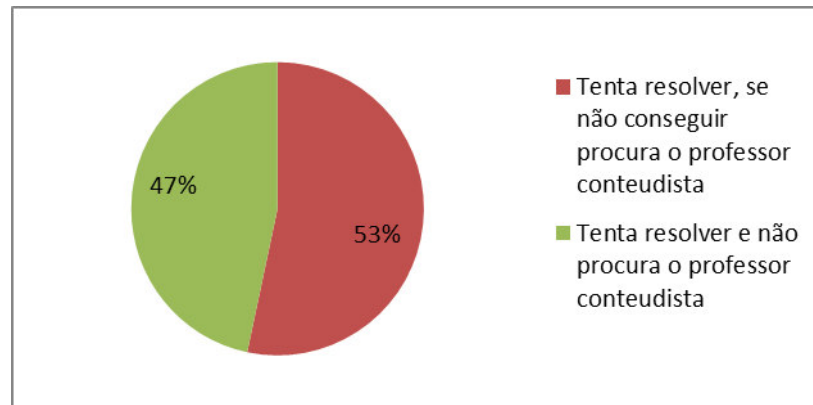
Conteudista, o que não é estranho visto que a Filosofia não é algo que se entende de imediato e é necessária muita leitura.

Conteudista: dúvidas sobre os temas das disciplinas, pois o professor formador não disponibiliza tempo para tirar estas mesmas dúvidas.

Esse padrão de respostas vai ao encontro do aferido na pergunta “Quando você tem dúvidas em relação ao conteúdo da disciplina, ou realização de atividade, o que você faz?”.

Conforme gráfico abaixo, configura-se a prática da tutoria como intermediação do professor formador e do aluno através do tutor, buscando auxiliar os discentes no entendimento dos conhecimentos e estabelecer uma ponte de entendimento entre o conteúdo ensinado e possibilidade de aprendizado do educando, visto que a grande maioria dos tutores ou busca resolver as dúvidas de forma autônoma ou a faz em contato com o professor formador da disciplina.

Gráfico 4 – Dúvidas em relação ao conteúdo da disciplina



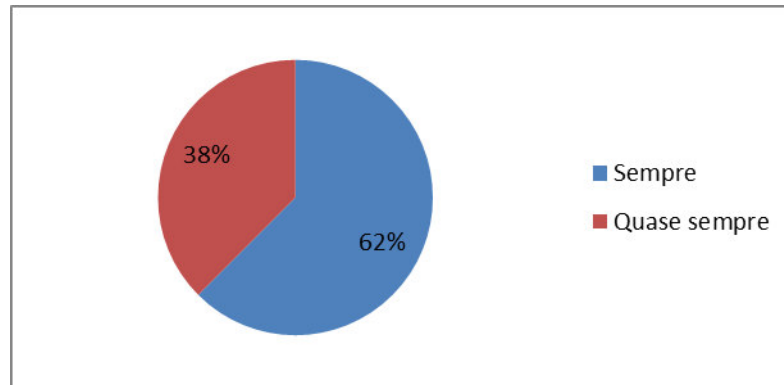
Conforme a literatura aqui discutida, o tutor estabelece esse canal de comunicação entre o professor da disciplina e o aluno, uma intermediação importante. Incorre que por ventura essa intermediação junto ao professor possa não estabelecer-se de forma pouco unívoca, na medida em que, conforme vimos na identificação dos tutores expressa no início deste capítulo, estes também constituem-se como professores qualificados com pós graduação e por vezes, se sentem na capacidade de trabalhar os conteúdos juntamente com os alunos de forma independente. Isto não se constitui como recomendado, na medida em que de acordo com as competências marcadas pela ABED, o professor formador deve estar envolvido diretamente no processo de formação e aprendizado dos alunos, constituindo a tutoria como processo de mediação da competência e responsabilidade do professor e da competência e habilidade esperada do aluno.

Considero assim esta atitude como uma externalidade negativa, visto que a mediação deve aproveitar todas as possibilidades intercomunicativas dos envolvidos com a EaD e o professor tem papel fundamental nesse processo. A comunicação com o professor da disciplina, responsável pelo planejamento, organização e avaliação dos conteúdos, reflete um ganho “interprofissional”. Isto pode remeter a uma dificuldade de gestão de processo do curso de filosofia da UEMA que inviabiliza ou não incentiva a comunicação entre o tutor e o professor da disciplina ou uma postura excessivamente autocrática do tutor, num desconhecimento ou negligência de sua função intermediadora.

Isto se reflete nas respostas da próxima pergunta: “A sua prática enquanto tutor supre a necessidade didático-pedagógica dos alunos?”

Conforme gráfico abaixo, percebemos que mais de 50% dos tutores consideram que o seu trabalho de mediar o conteúdo supre a necessidade didático-pedagógica dos alunos.

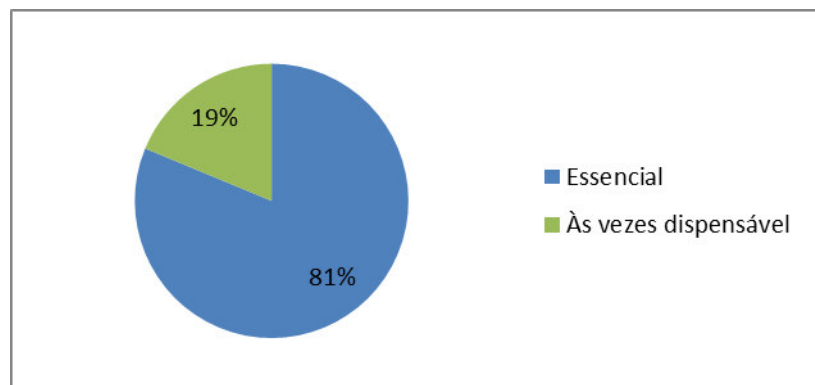
Gráfico 5 – A mediação do tutor supre a necessidade didático-pedagógica dos alunos?



É preciso reavaliar, portanto, o papel de intermediação entre o tutor e o professor da disciplina, com proveitos e ganhos de colaboração pedagógica muito mais proveitosos e fecundos.

Destarte, ao ser inquirido se enxerga sua prática e sua presença no curso de filosofia como essencial, a totalidade apresenta resposta satisfatória, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 6 – O tutor enxerga sua prática e sua presença no curso de filosofia como essencial?



Isso vai ao encontro de toda a literatura sobre educação à distância e práticas de tutorias que enfatizam o papel fundamental desse profissional junto à esta modalidade de educativa. Ademais, o índice de satisfação dos tutores de suas práticas e o reconhecimento pessoal de suas atividades como significativas e construtoras de resultados alinhados aos objetivos educacionais esperados demonstra um olhar dos mesmos vinculados à necessidade e importância destacada nas literaturas levantadas neste trabalho.

Localizo-me nesse aspecto, além do caráter de professor, como um estimulador dos alunos. Fatores como falta de acesso a internet e ao fascículo das disciplinas, atrelados a momentos em que as aulas presenciais não são possíveis, acabam desestimulando grande

parte dos alunos. Nesse sentido, procurei fazer com que eles não desistissem do curso, mostrando-lhes a importância do saber filosófico e, conseqüentemente, da graduação em nível superior.

Percebe-se com veemência que a tutoria, em função dos seus alcances e possibilidades, estabelece um contato e envolvimento mais obtuso com relação aos alunos. Parece até mesmo haver uma superação da competência do professor formador pelo tutor na percepção dos mesmos. Esta informação merece ser reavaliada tanto como pesquisa como quanto possibilidade de sugestão formadora e gestora para o Curso.

De acordo com ABED, cada profissional ou sujeito envolvido na modalidade da educação à distância exerce um papel singular e coletivo, em sinergia com os demais. Assim, cabe a crítica na percepção supervalorizada do tutor na medida em que sua importância estabelece-se a contento nas atribuições decorridas das orientações da ABED (já expostas anteriormente), não necessitando de um envolvimento ou desvio de sua função em direção às competências e responsabilidades do professor formador. O que percebe-se é que apesar do acompanhamento dos professores formadores sobre a mediação dos conteúdos e a orientação nas aulas presenciais executadas pelo professor tutor, observa-se o professor tutor fazendo a ponte entre o conteúdo e o aluno sem a rotina de recorrer ao professor, o que tem promovido uma repetição dessa ação por parte do aluno de ir sempre buscar na figura do tutor esse apoio, desconsiderando consideravelmente o suporte do professor da disciplina.

Além da essencialidade da presença do tutor na EaD, a presença e a participação do professor formador é necessária e indispensável no processo da EaD. Nesse caso, aplica-se a sugestão de Martin Rodriguez (1997), que salienta ser necessário rever as dimensões educativa, tecnológica e comunicativa quanto ao papel e ao protagonismo que assumem os professores implicados na organização do trabalho pedagógico.

Um dos grandes desafios, portanto, é o estabelecimento da mediação entre o professor e o aluno pelo tutor, de uma forma também mediada pelo professor, nas suas competências de organizar, planejar e dirigir os métodos e práticas de sua disciplina. Isto não diminui a participação do tutor ou sua importância, pelo contrário. A participação mais efetiva do professor formador reflete um ganho e adequação de funções.

4.2.2 Análise das questões abertas

Pelo que observamos com os dados inferidos dos questionários apresentados, a percepção da prática de tutoria no referido curso está vinculada à formação e aos objetivos educacionais dos tutores discutidos na sessão anterior.

Com o objetivo de conhecer o julgamento dos sujeitos da pesquisa acerca de sua prática, a fim de não limitarmos as respostas apenas em hipóteses, foram realizadas perguntas abertas para dá a possibilidade do entrevistado falar com mais liberdade sobre o assunto em questão.

No Quadro 2 apresentamos como a primeira questão aberta analisada a seguinte indagação: Quais as principais dificuldades enfrentadas na prática de tutoria do curso de Filosofia na modalidade a distância no que diz respeito a mediação dos conteúdos na visão dos tutores?

Nessa questão foram utilizadas as seguintes categorias: a) categorias de ordem estrutural; b) categorias de ordem pedagógica; c) categorias de ordem conteudista.

Quadro 2 - Dificuldades enfrentadas na prática de tutoria na mediação dos conteúdos

CATEGORIAS	Nº DE OCORRÊNCIAS	FALA DOS ENTREVISTADOS
Ordem Estrutural	11	<ol style="list-style-type: none"> 1. Problemas com internet, isso dificultava a minha comunicação com os alunos. 2. Problemas relacionados à conectividade e/ou acessibilidade com o ambiente virtual. 3. A falta de acesso pela maioria dos alunos ao ambiente, virtual de aprendizagem e a internet. 4. A conexão com a Internet nos polos ainda não é banda larga. 5. Internet ineficiente (lenta) 6. A ausência de alunos

		<p>conectados no ambiente virtual, devido ao acesso a internet ser muito difícil, prejudicando a interação-discursiva dos conteúdos trabalhados na disciplina.</p> <p>7. No início do curso a grande dificuldade se deu pelo fato de não prática em Ambientes Virtuais, contudo, com o passar do tempo isso foi sendo solucionado, pois a UEMA colocou a disposição um suporte técnico para auxiliar nesse processo.</p> <p>8. O acesso a tecnologias</p> <p>9. Dificuldade em lidar com as ferramentas digitais para promover a interação entre os alunos.</p> <p>10. A falta de formação continuada aos tutores com relação ao manuseio do ambiente virtual de aprendizagem, para que pudéssemos auxiliar o aluno da melhor forma possível.</p> <p>11. Por não ser uma nativa digital, senti muita dificuldade quanto ao manuseio da web 2.0, bem como do próprio ambiente virtual de aprendizagem. O que prejudicou muito a intermediação do conteúdo, pois deixava</p>
--	--	---

		<p>muitas vezes de tirar dúvidas ou sugerir material para leitura, por não saber como fazer.</p>
Ordem Conteudista	6	<ol style="list-style-type: none"> 1. A falta de conhecimento em determinadas áreas dificultou em muito no meu trabalho, me obrigando a estudar o conteúdo visto na graduação novamente. 2. Apesar de ser graduado e pós graduado em Filosofia, sinto ainda uma deficiência muito grande em minha formação, no tocante a parte cognitiva. O que reflete na minha intermediação dos conteúdos. 3. Precariedade na formação superior, até hoje sinto os resquícios dessa ação. 4. Falta de formação de tutoria direcionada a professores de Filosofia. 5. A aceitação da minha parte por um método novo. A universidade não nos prepara para a sala de aula nem presencial nem a distância. 6. Trabalhar com conteúdos pré-determinados, tirando a liberdade do tutor de atuar enquanto professor independente .
Ordem Pedagógica	02	<ol style="list-style-type: none"> 1. Falta de formação de tutoria direcionada a professores de Filosofia. 2. Senti falta de uma formação mais direcionada para a nossa área.

Quando aferidos acerca das principais dificuldades que os mesmos enxergam no desempenho de suas práticas, de sobremaneira estas se apresentam frequentemente nas respostas na preocupação com a boa qualidade da mediação dos conteúdos através dos recursos e tecnologias educacionais disponíveis e nas suas preparações e competências individuais para o exercício de suas funções.

Dificuldade de acesso à internet pelos alunos, em função de problemas estruturais dos municípios, em sua maioria longínquos, e por isso, dificuldade também no acesso aos conteúdos, constituem o maior entrave para o desenvolvimento adequado da mediação. Muitas atividades que o tutor e o aluno desempenham no seu cotidiano são difíceis para ambos, acarretando em dificuldades, como por exemplo, “a falta de comunicação com aqueles que não têm email”. Em razão da falta de infraestrutura de alguns municípios brasileiros, os tutores do nordeste enfrentam mais dificuldades para exercer a tutoria do que os de outras regiões.

Outra grande dificuldade relatada pelos tutores está na necessidade de uma formação ampla satisfatória em todas as áreas ou disciplinas do curso de filosofia as quais irão atuar como mediadores. Como descrito anteriormente, o curso de filosofia da UEMA possui variadas disciplinas oferecidas a cada semestre, compondo a grade curricular do curso. Diante disso, o tutor é contratado para realizar a tutoria em variadas disciplinas da grade, assim como em variados períodos. Não lhe é facultado escolher em qual disciplina deseja atuar. Assim, apesar da formação generalista de todo graduado em filosofia, e, portanto, dos tutores, estes enquanto pós-graduados, direcionam suas pesquisas e interesses acadêmicos de estudo muitas vezes para uma área ou linha de pesquisa condizente. Ao terem que atuar na graduação, estão submetidos à necessidade de tratarem de disciplinas que por ventura fujam de suas formações *stricto* ou *lato sensu*. Assim, muitos relatam a necessidade de se “reciclarem” e terem que estudar novamente assuntos passados e deixados de lado após a graduação, mas que são presentes nas disciplinas as quais irão tutoriar. O reconhecimento desse limite é uma boa autocrítica necessária para que os tutores possam se preparar melhor para desenvolver seus trabalhos de mediação com mais qualidade. Outrossim, a integração necessária entre o professor formador e o tutor para a mediação com o aluno, enfatizada anteriormente como necessária, encontra nessa realidade justificativa para que o tutor procure o professor formador para estabelecer junto com o mesmo meios de trabalhar os assuntos com os alunos os quais o tutor considere que tenha pouco domínio.

Somada a esta conjectura, está o apontamento de dois tutores para a falta de uma formação continuada destinada aos tutores de filosofia como uma dificuldade preponderante

enfrentada por eles. A formação continuada de professores constitui um processo já consolidado como de grande valia para a formação, capacitação e preparação contínua de professores para o exercício do magistério, seja em qual modalidade for. Dessa forma, a possibilidade de uma formação continuada de professores-tutores na EaD como expansão dessa premissa legitima-se e constitui em oportunidade para que competências características desses profissionais sejam melhor fomentadas e desenvolvidas, dentre outras possibilidades, a de trabalhar .

No quadro 3 apresentamos a segunda questão aberta: as principais dificuldades ou reclamações mais recorrentes feitas pelos alunos no que diz respeito à prática de mediação.

Nessa questão utilizamos as seguintes categorias: a) ordem tecnológica; b) ordem pessoal; c) infraestrutura; d) Formação Escolar.

Quadro 3 - Dificuldades ou reclamações de alunos recorrentes à prática de mediação

CATEGORIAS	Nº DE OCORRENCIA	FALA DOS ENTREVISTADOS
Ordem tecnológica	03	<ol style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1086 1158 1431 1603">1. Existem certas dificuldades que evoluem a modalidade EaD. Um dos grandes problemas é o acesso precário a internet no interior do Estado, o que agrava nossa relação e problematiza a ideia entre tutor e aluno. <li data-bbox="1086 1615 1431 1973">2. Problemas com o acesso a internet, no polo onde atuo como tutor a distância, a internet é incipiente, funciono em média duas vezes por semana quase nos mesmos horários. <li data-bbox="1086 1984 1431 2065">3. A maioria dos alunos no polo que eu era

		<p>responsável não tinha acesso à internet, por isso, até mesmo as videoaulas não eram assistidas por todos. O que me levou a fazer o download das aulas, exibir para os alunos e, em seguida, reforçar o conteúdo. Não obstante, os alunos levavam seus pen-drives para poderem assistir novamente em casa pelo computador.</p>
Interação	05	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que encontros presenciais se tornem rotineiros para que a interação professor aluno se efetive. 2. Falta a presença dos professores tutores com mais assiduidade aos polos. 3. Que ocorressem mais encontros presenciais, com os tutores a distância e os alunos. 4. Que os encontros presenciais se efetive numa rotina mensal. 5. A não frequência das viagens aos polos para a ministração das aulas.
Infraestrutura	04	<ol style="list-style-type: none"> 1. Falta de materiais impresso é a principal reclamação 2. Gostariam de ter o material impresso das Disciplinas cursadas, pois

		<p>muitos deles não têm acesso no polo, pois moram longe e em seus municípios não há internet.</p> <p>3. <u>Reclamações</u>: com a falta de material didático nos polos (DVD's, com as aulas gravadas, pois a internet é lenta, impossibilitando assistir as aulas via internet; Apostilas/Fascículos em falta nos polos.</p> <p>4. Principalmente no que se refere à disponibilização do material impresso.</p>
Formação básica	01	<p>1. As queixas dos alunos surgem na elaboração de atividades, ou seja, quando é apresentado aos alunos atividades de construção textual.</p>

Sobre as dificuldades ou reclamações mais recorrentes quanto a prática da mediação dos conteúdos, os tutores relataram as seguintes preocupações discentes:

Os alunos sentem falta de uma presença mais frequente dos encontros presenciais, que por conclusão análoga, ocorre em decorrência das mesmas necessidades apontadas e percebidas pelos próprios tutores, como expõe a resposta do tutor 1ao declarar: “Problemas com o acesso ao ambiente virtual”. Assim como também a resposta do tutor 2:

Existem certas dificuldades que envolvem a modalidade EaD. Um dos grandes problemas é o acesso precário a internet no interior do Estado, o que agrava nossa relação e problematiza a ideia entre tutor e aluno.

Vale citar ainda a resposta do tutor 3 como corroboração do já exposto:

Dificuldades: no uso do AVA-Moodle; Reclamações: com a falta de material didático nos polos (DVD's, com as aulas gravadas, pois a internet é lenta, impossibilitando assistir as aulas via internet; Apostilas/Fascículos em falta nos polos).

Desse modo, tem-se uma caracterização frequente de necessidades de encontros presenciais. A rigor, tais encontros são formalmente considerados como forma de suprir lacunas como a falta de materiais didáticos impressos, apontada como a segunda maior reclamação feita pelos alunos, e da baixa qualidade da internet, esta nesse caso ocupou o terceiro lugar nas reclamações, pois como já foi falado, dificulta o acesso aos conteúdos, e também para a consolidação progressiva da educação à distância dos municípios, sobretudo interioranos.

Vale expor que a experiência da EaD ainda é inovadora, sobretudo para localidades distantes dos grandes centros urbanos e educacionais. O “costume” ou “cultura” da EaD deve primeiramente ultrapassar a heteronomia cultivada na grande maioria dos alunos desde suas bases escolares, através do incentivo da busca da autonomia discente e de administração de seu próprio processo de ensino aprendizagem.

Dessa maneira, a mediação enquanto processo de criação de autonomia e de construção de uma educação emancipatória se faz condizente na prática da tutoria dentro de um contexto maior, conforme discutido no capítulo 2.

Podemos constatar no que diz respeito às dificuldades enfrentadas na mediação do conhecimento tanto na visão do professor quanto na visão do aluno que estas encontram se diretamente relacionadas uma vez que as categorias elencadas, são as mesmas.

No quadro 4 trazemos as percepções dos tutores sobre o auxílio que prestam aos alunos, se esses são suficientes ou se eles (os alunos) mesmo depois do contato com o tutor, buscam amparo do professor da disciplina.

Quadro 4 - Auxílio pedagógico do professor tutor

CATEGORIAS	Nº de ocorrência	Evidencia
Contatam o tutor	16	1. Criei antes um grupo no WhatsApp e envio vídeos e tiro dúvidas também por esta ferramenta no intuito de ficar mais próxima e ter uma maior interação com os mesmos

	<ol style="list-style-type: none">2. Creio que os alunos que acompanho tenham plena confiança em mim.3. Os alunos formam um conjunto em busca de aprendizagem com o tutor, o auxílio do professor se torna dispensável.4. Se mostram seguros apenas com o meu auxílio, e não recorrem ao professor da disciplina.5. Sentem-se seguros, sem necessidade de contatar o professor.6. Busco realizar um auxílio com qualidade, principalmente no que tange aos encontros presenciais.7. Penso que as nossas discussões em sala de aula os ajudam muito para compreender os assuntos.8. Os alunos se sentem seguros com o meu auxílio e não recorrem ao professor formador, pois o mesmo não disponibiliza tempo para tirar dúvidas.9. É visível que os alunos esperam sempre de minha pessoa uma orientação participativa.10. Ofereço aos mesmos um acompanhamento frequente no processo de elaboração de monografia.
--	---

	<p>11. Durante todo o período no polo em que fui responsável.</p> <p>12. Os alunos se dirigiam diretamente para mim quando tinham dúvidas.</p> <p>13. Não tenho conhecimento de que eles tiveram contato com os professores das videoaulas e/ou fascículos para questionar sobre o conteúdo.</p> <p>14. Nunca relataram para mim que o professor da disciplina lhes auxiliou em alguma dúvida.</p> <p>15. Estou constantemente incitando-os a participarem dos fóruns e a tecerem suas dúvidas e conseqüentemente recorrem a mim para tirarem as mesmas.</p> <p>16. Eles sentem confiança no meu trabalho enquanto tutor, pelo que saiba eles nunca entraram em contato com o professor formador para tirar dúvidas sobre a disciplina.</p>
--	---

De acordo com o quadro acima, pudemos perceber que já é uma prática recorrente no curso de Filosofia a busca pelo amparo desse profissional. É ao tutor que o aluno recorre para tirar suas dúvidas conteúdos. Como afirma o tutor 2:

Creio que os alunos que acompanho tenham plena confiança em mim, pois sempre que conversamos e colocamos em pauta tais assuntos não surgem nome de outros professores.

Mencionaremos também a fala do tutor 9 para ratificar ainda mais a ideia:

Durante todo o período no polo em que fui responsável, os alunos se dirigiam diretamente para mim quando tinham dúvidas. Não tenho conhecimento de que eles tiveram contato com os professores das videoaulas e/ou fascículos para questionar sobre o conteúdo.

E, ao se observar os dados relativos ao grau de alcance de satisfação dos alunos com tal prática, envolvida em tal caráter (mediação), a percepção dos tutores é de que os alunos se sentem seguros e contemplados com a mediação para a intermediação conteudística.

Os alunos se sentem seguros com o meu auxílio e não recorrem ao professor formador, pois o mesmo não disponibiliza tempo para tirar dúvidas.

Até onde sei, sentem-se seguros, sem necessidade de contatar o professor, até porque, busco realizar um auxílio com qualidade, principalmente no que tange aos encontros presenciais.

Durante todo o período no polo em que fui responsável, os alunos se dirigiam diretamente para mim quando tinham dúvidas. Não tenho conhecimento de que eles tiveram contato com os professores das videoaulas e/ou fascículos para questionar sobre o conteúdo.

De acordo com Pallof e Pratt (2002) nomeiam que o tutor é o sujeito que fornece aos cursistas um ambiente social estimulador da aprendizagem, utilizando recursos didáticos disponíveis pela mediação tutorial. Ele também atua mediante o agendamento de atividades do curso, acompanhamento sistemático dos cursistas, tempo de resposta e avaliação constante de sua prática e da participação dos alunos, além de possuir função técnica relacionada com o conhecimento técnico do tutor e seu potencial didático para compartilhá-lo com todos os cursistas.

O aspecto da mediação pedagógica na EaD pressupõe que o professor assuma um novo papel no processo de ensino-aprendizagem no qual ele faça as interações do aluno com o objeto de estudo/conhecimento, a essa nova postura assumiu o tutor, o qual acabou por deixar a figura do professor da disciplina, aquele para o qual recai a responsabilidade de organizar os conteúdos, dispensáveis nesse processo, sendo a sua ação suficiente para que se efetive o processo ensino aprendizagem.

Masetto (2006, p. 144) define mediação pedagógica como: “[...] a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem que se

apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem [...]”. e essas posturas recaem sobre a figura do tutor, o qual o aluno recorre.

No quadro 5 perguntamos como o tutor se compreende enquanto mediador do processo ensino aprendizagem, na prática da tutoria.

Nessa questão foram elencadas cinco categorias: a) responsável; b) fundamental; c) necessária; d) importante; e) estimulador/mediador.

Quadro 5 - a compreensão do tutor enquanto mediador do processo ensino aprendizagem

CATEGORIAS	Nº de ocorrência	Fala do entrevistado
Responsável	01	1. Muito responsável e o progresso nas aulas presenciais foram feito de forma gradativa superando barreiras com determinação e disciplina.
Fundamental	02	1. Essencial no processo de mediação dos conteúdos 2. Peça essencial para o processo, haja vista o exercício de orientação, esclarecimento, direcionamento e incentivo à reflexão que se efetiva na prática da tutoria.
Necessária	02	1. Necessária, esforçada e persistente. 2. Uma peça chave necessária, juntamente com os demais, que ajuda na estrutura de ensino e aprendizagem do aluno.
Importante	02	1. Sinto-me como um instrumento pedagógico extremamente importante para colaborar na aprendizagem de meus alunos. 2. Como tutor a distância, compreendo como muito

		importante na engrenagem no curso, pois o sucesso depende de um conjunto de atores no processo ensino/aprendizagem.
Estimulador/ Mediador	07	<p>1. Localizo-me nesse aspecto, além de ministrar os conteúdos, como um estimulador dos alunos.</p> <p>2. Fatores como falta de acesso a internet e ao fascículo das disciplinas, acabam desestimulando grande parte dos alunos. Nesse sentido, procuro estimulá-los o tempo todo.</p> <p>3. Estimulador desenvolvimento intelectual do alunato a distância.</p> <p>4. Com o meu incentivo e disponibilidade, sentem-se motivados a quererem concluir a graduação.</p> <p>5. Alguns alunos mencionam que o tutor exerce um papel essencial na sua continuidade do curso. Me sinto um mediador do seu crescimento humano e filosófico.</p> <p>6. Como um mediador, entre eles e o conhecimento, a minha função consiste em mantê-los motivados e seguros para que possam continuar seu curso.</p> <p>7. Estimulador, pronto para ajudar o aluno pois sabemos as enorme dificuldades por eles enfrentadas.</p>

No que diz respeito à prática do tutor propriamente dita, no seu aspecto pragmático e concreto, os dados obtidos pelas respostas do questionário denotam que a caracterização da mediação enquanto essência se faz presente de sobremaneira.

Ao serem questionados sobre o fato de se compreenderem ou não enquanto mediadores do processo ensino aprendizagem, na prática da tutoria a distância, os tutores foram bem enfáticos em responderem positivamente. As categorias mais destacadas foram: Estimulador/Mediador, importante, necessário, fundamental e responsável.

Na resposta do tutor 1: “Peça de suma importância para o processo, haja vista o exercício de orientação, esclarecimento, direcionamento e incentivo à reflexão se efetiva através da prática da tutoria.”, percebemos várias caracterizações de mediação enfatizadas na literatura e corroboradas pelas necessidades demandadas nas práticas de tutoria no curso analisado.

Acrescenta-se a esta a resposta de mais alguns tutores:

Sou uma “ferramenta” disponível para eles a qualquer momento, mesmo que a mensagem não seja respondida de imediato ele sabe que pode contar com o tutor e que ele o ajudará assim que sua mensagem for visualizada. O tutor contribui bastante para o desenvolvimento de todos os alunos, ele busca sempre ajudar em qualquer momento, ele está sempre a procura de materiais que possam auxiliar o aluno e tornar mais fácil o aprendizado.

Muita responsabilidade e o progresso nas aulas presenciais foram feito de forma gradativa superando barreiras com determinação e disciplina. Nas aulas começaram a fluir os debates e com os grupos de dinâmica foi bastante produtivo, pois começou a construção de um pensamento mais elaborado mediante os vídeos apresentados de acordo com a temática as ideias ficavam mais claras, cristalizadas na medida em que tinham entendimento obtendo uma compreensão mais aguçada e crítica. E o projeto do tutor Hauller foi muito interessante, onde todos eles se sentiram desafiados, mas correspondem de maneira significativa.

Alarcão (2004, p.30) afirma que estes profissionais têm como principais funções “[...] criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e auto-confiança nas capacidades individuais para aprender [...]

Notadamente, o tutor se sente dominando todo o acompanhamento do trabalho pedagógico, orientando, incentivando e acompanhando os alunos. Além do uso de atos pedagógicos, técnicas para facilitar a aprendizagem, suporte em tarefas cognitivas, promoção de auto-reflexão, responsabilidade por instruir e guiar o aluno. Se assumindo enquanto o principal mediador no processo de aquisição de conhecimento nessa modalidade educativa.

No quadro 6 indagamos sobre a observação do tutor quanto as mudanças na formação do aluno no que diz respeito a construção da sua autonomia no processo de aprendizagem.

As categorias elencadas nessa questão foram: a) criatividade; b) independência; c) ganho na oratória e na escrita;

Quadro 6 - Mudanças na formação do aluno quanto a construção de sua autonomia no processo ensino aprendizagem

CATEGORIA	Nº DE OCORRÊNCIA	FALA DO ENTREVISTADO
Criatividade	02	<p>1. Tenho alunos que conseguem construir textos críticos sem o auxílio de ninguém.</p> <p>2. Sim. alunos da cidade de Colinas criaram um grupo de estudos pautados no projeto mora na filosofia, onde através de músicas ou criação de letras e melodias foram buscando (re)pensar a História da Filosofia e também vida e obra de alguns filósofos.</p>
Independência	08	<p>1. Sim. A principal mudança está em de forma independente conseguir preparar e otimizar seu tempo e de suas atividades, o que leva ao desenvolvimento de sua autonomia.</p> <p>2. Sim, pois mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas por todos eles observo a força de vontade e a capacidade em elaborar os trabalhos e as atividades individualmente, caracterizando uma autonomia no aprender.</p> <p>3. Sim, já observei/observo muitas mudanças no processo de aprendizagem e o maior indicador que caracteriza essa ação é a independência que o aluno adquire no processo da aprendizagem, estudando só ou em conjunto, sempre com iniciativa própria e com muito ânimo e disposição para estudar/aprender.</p> <p>4. Sim, como por exemplo, alunos apresentando trabalhos acadêmicos em congressos.</p> <p>5. Sim, alunos em término de curso já demonstram uma postura amadurecida, posicionamento crítico diante da realidade dos fatos ocorridos na sociedade e domínio teórico quando expressam reflexões subjetivas. Esses pequenos pontos que apresentei, eu denomino de indicadores qualitativos, porque está vinculado às minhas observações e experiências enquanto professor-tutor na Educação a Distância.</p>

		<p>6. Sim, a autonomia se dá pelo fato dos alunos procurarem conhecer o conteúdo antes das aulas presenciais visto que o tempo é pouco para se trabalhar uma disciplina em apenas um final de semana. O que caracteriza um processo de independência.</p> <p>7. Sim, hoje tenho alunos que argumentam as minhas colocações, o que significa que estão cada vez mais independentes.</p> <p>8. Sim, conseguem organizar suas atividades sem meu auxílio.</p>
<p>Ganho na oratória e na escrita</p>	<p>06</p>	<p>1.Sim! Tem-se um exemplo louvável nas defesas monográficas de 2014. Alunos que nas suas dificuldades cotidianas, realizaram trabalhos excepcionais.</p> <p>2.Mesmo alguns não tendo acesso a um acervo filosófico favorável para uma boa elaboração textual, conseguem realizar atividades bem coerentes.</p> <p>3. Realizam pesquisas filosóficas em internet, fazendo leituras de artigos científicos sem o auxílio de ninguém.</p> <p>4. Acredito que este despertar filosófico estar acontecendo com alguns alunos (poucos ainda), mas percebo esta mudança na oratória e na escrita. Quando elaboro questionamentos, grupos de dinâmica na sala de aula alguns alunos já começaram ter esta autonomia no processo de ensino-aprendizagem (em especial os alunos Márcio, Izabel e Frankstonny).</p> <p>5. Sim, capacidade de elencarem um tema filosófico e a elaboração do projeto monográfico foi uma prova muito grande do desenvolvimento da capacidade de interpretação textual e da escrita.</p> <p>6. Sim. Algo que deixou bem visível isso foram as últimas defesas dos TCC's no polo de Caxias, pois demonstraram domínio e aprofundamento na leitura e interpretação de textos filosóficos nos trabalhos desenvolvidos.</p>

Ao se investigar a atividade da tutoria como alinhada ao processo de autonomia exposto no capítulo II deste trabalho, a totalidade dos tutores apresentam respostas direcionadas a confirmação dessa possibilidade. Além de perceber essa perspectiva inerente à

sua prática, os tutores expõe a percepção do alcance dessa possibilidade como objetivo próprio, o que estabelece em paralelo uma necessidade, uma prática e uma suficiência relativa ao que se espera do tutor. Uma necessidade vista à concepção de educação emancipadora e libertária, de cunho autônomo, apresentada no capítulo II.

A percepção dos tutores sobre suas práticas, ainda que esteja em processo, também apresenta conclusões. Quando inqueridos sobre exemplos de autonomias que os mesmos enxergavam nos alunos, após suas práticas, variedades foram apresentadas. A seguir listamos algumas categorias apresentadas de forma que interpretação dos dados seja a mais fiel possível.

- a) Independência
- b) Ganhos na oratória e na escrita
- c) Criatividade

A independência dos alunos no que diz respeito a sua capacidade de reordenar o seu tempo, de elaborar trabalhos acadêmicos, de tomar iniciativas, de antecipar a leitura mesmo antes de um contato prévio com um tutor, ou seja, sendo o seu principal gestor nesse processo, tem caracterizado a esse profissional uma conquista na autonomia desse aluno. Trazemos como exemplo a fala do tutor 8:

Sim, já observei/observo muitas mudanças na formação dos alunos no que diz respeito a formação da sua autonomia no processo de aprendizagem e o maior indicador que caracteriza essa ação é a independência que o aluno adquire no processo da aprendizagem, estudando só ou em conjunto, sempre com iniciativa própria e com muito ânimo e disposição para aprender.

Ganho na oratória e na escrita foi outro ponto destacado pelos tutores, como exemplos de autonomia conquistada pelos alunos, como nos destaca o tutor 6.

Sim! Tem-se um exemplo louvável nas defesas monográficas de 2014. Alunos que nas suas dificuldades cotidianas, realizaram trabalhos excepcionais. Mesmo alguns não tendo acesso a um acervo filosófico favorável para uma boa elaboração textual. No entanto, recorreram aos tutores e se colocaram dispostos a correrem atrás do prejuízo, realizando pesquisas filosóficas em pdf para que assim, pudessem concluir suas pesquisas. No polo que acompanhei algumas monografias, teve-se como resultado final. Excelentes defesas monográficas.

E por fim a criatividade, que representa um dos maiores sinais de conquista da autonomia, o sujeito criativo é sem sombra de dúvidas um sujeito autônomo, capaz de criar

estratégias e mecanismos para auxiliar no seu próprio conhecimento. Como nos fala o tutor 10: Dentre inúmeros exemplos podemos citar o caso de alunos do curso de filosofia ead da cidade de Colinas. Esses criaram um grupo de estudo pautados no projeto Mora na Filosofia, onde através de músicas ou criação de letras e melodias foram buscando (re)pensar a História da Filosofia e também vida e obra de alguns filósofos.

Muitos alunos estabeleceram durante o curso, e ao final do mesmo, uma busca idiossincrática de aspectos profissionais relativos à sua formação, na medida do aperfeiçoamento e melhoria da vida social. E o aperfeiçoamento da formação em filosofia perpassa de sobremaneira, pela aquisição de novos conteúdos e conhecimentos de forma voluntária, ou autônoma. Entendendo que o profissional da filosofia aperfeiçoa-se em bases de conhecimentos caracterizadamente presentes na literatura, a leitura e o entendimento desenvolvidos na sua graduação com a mediação dos tutores se faz prática no alcance de novas leituras e discussões filosóficas. Consiste, portanto, na possibilidade real de autonomia pela prática da mediação do tutor à distância. Assim evidencia-se na resposta do tutor 1:

Sim! Quando o aluno é capaz de, a partir, dos conceitos apreendidos, relacioná-los com a realidade que os cerca de maneira contextualizada, identificando no seu cotidiano, fundamentos para os problemas que se apresentam.

De sobremaneira, apesar das dificuldades enfrentadas pelo tutor aqui relatadas e apresentadas, considera-se que sua atuação no curso de filosofia como uma das mais eficientes e eficazes, desenvolvendo trabalhos de mediação com propriedade e buscando formas de amenização ou superação das dificuldades encontradas, através um diálogo criativo, viabilizado pelos meios de comunicação, de modo a tornar a ausência física uma presença quase real.

Tem-se desse modo a necessidade de um compromisso ético que no contexto da EaD é a responsabilidade social inerente a quem atua na área de educação, incluindo aí a adoção de relações pautadas no diálogo, no respeito, na justiça e na solidariedade.

Em verdade, pelos dados obtidos e analisados nesta sessão, a prática de tutoria estabelece-se numa possibilidade mediadora que busca e efetiva realidades de autonomia nos discentes do curso de filosofia da UEMA. No olhar do tutor aqui apresentado, ou no olhar do tutor acerca do olhar do discente, a tutoria tem apresentado sua consonância com os objetivos educacionais esperados e desenvolvidos nas literaturas especializadas sobre EaD, conforme expomos e discutimos no início da dissertação. Cabe-nos agora investigar o “cliente” dessa

prática, ou seja, o aluno, de como o mesmo observa e compreende a prática da tutoria na sua formação.

4.3 Dados gerais dos alunos do curso de filosofia a Distância da UEMA

Os alunos que participaram da amostra desta pesquisa, no total de 75, são alunos do curso de filosofia da UEMA residentes em variados municípios do estado, que já concluíram a graduação na última colação de grau ocorrida em 2014. Os mesmos tiveram suas identidades preservadas como forma de garantir mais fidedignidade e desembaraço às respostas dos questionários. Expõem-se e analisam-se os dados obtidos na pesquisa a seguir.

Em função do grande quantitativo de respostas correspondentes à amostra significativa de 75 alunos investigados, torna-se inviável a análise unitária de cada resposta concernente à cada pergunta, visto também a variabilidade textual e relacional de cada resposta aberta. Assim, analisam-se tais respostas a partir da identificação da prevalência e essência de respostas que apresentam o mesmo conteúdo proposicional, apesar de estarem em formatos diferenciados, identificando a similaridade na variabilidade das respostas e sua frequência (prevalência).

4.3.1 O Olhar Do aluno Acerca da Prática de tutoria

Além de investigar o olhar do tutor acerca da sua própria prática, cabe investigar o olhar do próprio aluno acerca da prática de tutoria que lhe é direcionada. Neste momento, iremos expor e analisar os dados obtidos na aplicação do questionário direcionado aos alunos sobre a temática, na busca de corroborar ou não com os dados obtidos na avaliação dos questionários direcionados aos tutores.

4.3.2 Dados Gerais dos Alunos

Para obtermos uma representação dos aspectos pessoais e profissionais dos alunos participantes da amostra, utilizamos de características similares à utilizadas para obtenção dos dados dos tutores que são: Gênero, Idade, se possui graduação, se a experiência na EaD antecede o curso de Filosofia. O Gênero predominante no curso de Filosofia Licenciatura é o

feminino (60%) concluíram o Ensino Médio em Instituição Pública Estadual de Ensino (55%) dos alunos e os demais, dividem-se entre Instituições Públicas Municipais e Particulares.

Ao adentrarmos nas análises de conteúdos, a primeira pergunta diz respeito, a saber, quais disciplinas os alunos apresentaram maior dificuldade. As respostas foram variadas, assim como variada é a grade curricular do curso. Não há um padrão considerável nas respostas, na medida em que a dificuldade dos alunos envolvem diversas variáveis, muitas vezes de ordem subjetiva. Mas a constatação é que dificuldades envolvendo disciplinas foram permanentes e universais para todos os alunos.

O intuito dessa descoberta então diz respeito à percepção da necessidade de superação das dificuldades acadêmicas no curso, no que diz respeito ao aspecto conteudista.

A segunda pergunta então, em complemento à primeira, diz respeito a que tipo de dificuldades são referidas pelos alunos. Os mesmos relataram de sobremaneira a dificuldade em entendimento de conceitos e definições abstratas, características do pensamento filosófico. Também relataram a deficiência própria de leitura e o desenvolvimento de raciocínio cognitivo incipiente ainda para a compreensão dos conceitos e relações abordadas em algumas disciplinas.

Podemos perceber que essa resposta está em consonância com a resposta dos tutores quando aferidos sobre as principais dificuldades ou reclamações mais recorrentes feitas pelos alunos. Quando nos diz 11: Os alunos reclamam em demasia da sua falta de compressão textual, bem como da sua dificuldade na escrita.

De fato, as dificuldades são presentes. Mais importante que esta constatação, para os fins desta pesquisa, é compreender como essas dificuldades são superadas ou amenizadas diante da presença da figura do professor tutor.

Por isso, a próxima pergunta presente no questionário é direcionada exatamente a este intento, na medida de identificação de como os alunos resolvem as dificuldades que lhe são demandadas diante das disciplinas.

Duas respostas prevaleceram em sua totalidade:

De forma individual (sozinhos)

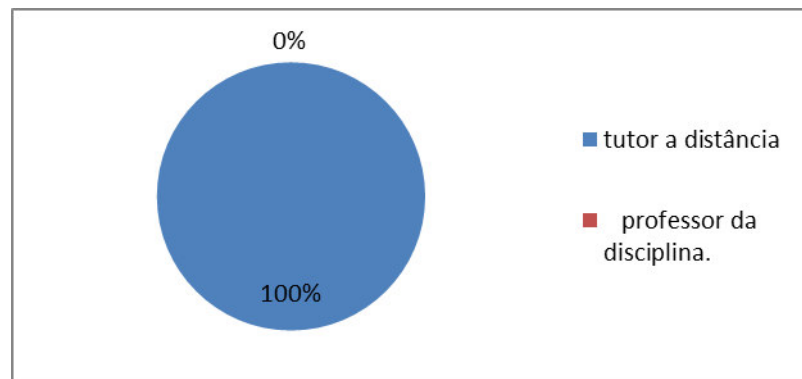
Ou em conjunto com o professor tutor.

A figura deste então se faz permanente e importante na medida em que estabelece o seu papel de facilitador de entendimento dos conhecimentos, de acordo com a literatura aqui já apresentada.

Ao serem inqueridos quanto à presença do professor da disciplina e do tutor a distância, na medida da investigação da participação significativa deste mesmo diante daquele

na mediação do conhecimento, de acordo com o gráfico abaixo verificamos a participação mais do que significativa do tutor à distância nesse processo, ao ponto de configurar uma totalidade na amostra estudada.

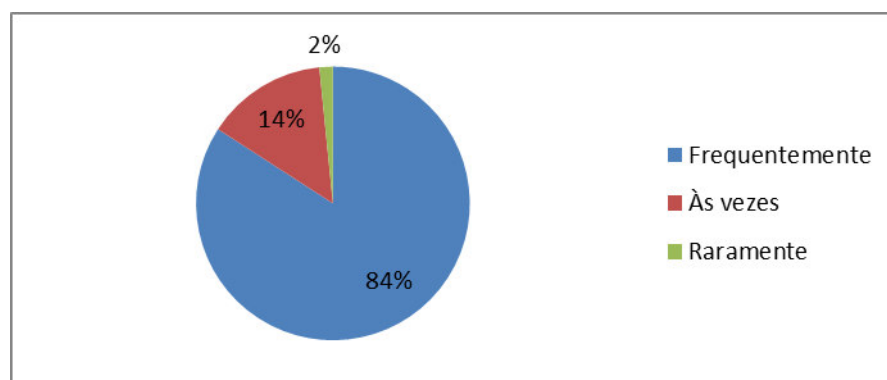
Gráfico 7 – Participação ativa na mediação do conhecimento: Professor X Tutor



Isto vai ao encontro do discutido na sessão anterior deste capítulo no que diz respeito ao olhar do tutor quanto à sua participação nesse processo. A grande maioria dos tutores relatou que os alunos de fato os procuram com muito mais facilidade que aos professores conteudista das disciplinas. Muitos relataram ainda uma dificuldade de acesso dos alunos a estes professores, conforme já discutido, muitas vezes expressando uma externalidade negativa quanto a uma superposição do tutor no processo de ensino – aprendizagem, partindo do princípio de que uma atuação colaborativa do professor se dá de forma muito mais proveitosa e qualitativa, tanto para o aluno quanto para o tutor.

No próximo questionamento, essa percepção de figura participante fundamental do processo de mediação do tutor se faz evidente conforme gráfico abaixo:

Gráfico 8 - Você recorre ao auxílio do professor tutor com que frequência?



Conforme observamos, a frequência de contato entre os alunos e os tutores a distância é altamente considerável. Assim, configura-se um papel central desse profissional na modalidade EaD da UEMA do Curso de Filosofia, conforme literatura já enfatiza e demonstra.

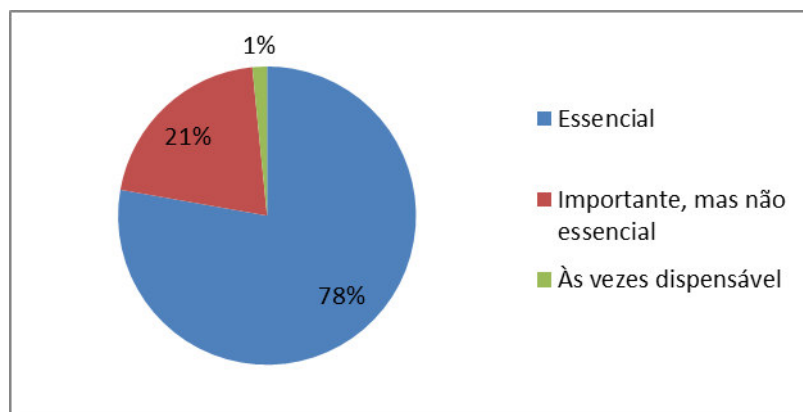
Para apoiar essa ideia, indagamos o aluno sobre o motivo que o faz recorrer ao tutor, se essa ação limita-se sobre as orientações dos conteúdos das disciplinas e sobre a realização das atividades, ou para outras necessidades acadêmicas.

As respostas dos alunos se deram de forma análoga à dos tutores. Conforme disse o aluno 23:

O tutor é nosso professor, nosso orientador, nosso amigo, nosso mentor. Falo com ele sobre problemas de ordem pessoal quase sempre.

Quando indagamos sobre a representação do tutor a distância cuja sua atuação no seu curso, os alunos os reconhecem como essenciais na modalidade a distância, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 9 - Representação do tutor a distância



De fato, além da justaposição de percepção entre os alunos e os tutores do curso de filosofia quanto à importância destes, a vasta literatura, conforme já apresentada é enfática em considerar essa especialidade.

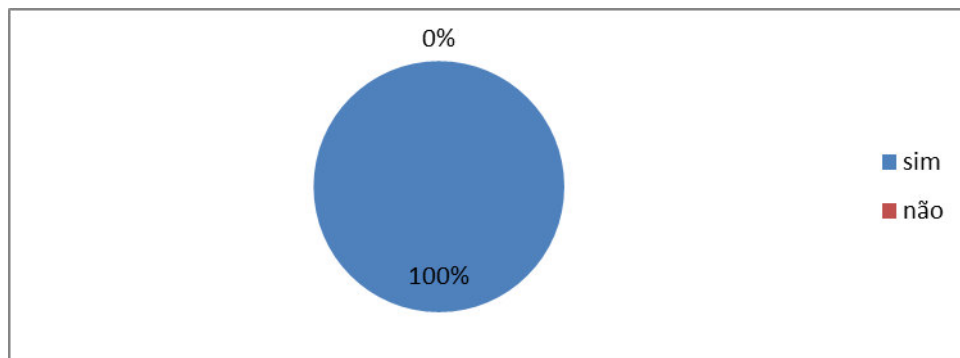
A fim de investigar de forma mais objetiva quais atividades ou práticas de tutoria os tutores de filosofia realizam na medida em que contribuem para o aprendizado dos alunos, foram inqueridos destes exemplos mais concretos. Em sua maioria, os exemplos suscitados podem ser resumidos abaixo:

- a) Saneamento de dúvida sobre os conteúdos das disciplinas;

- b) Incentivo à buscar os conhecimentos de forma cada vez mais independentes;
- c) Intermediação junto ao professor da disciplina a fim de esclarecer dúvidas sobre o material didático e avaliações;
- d) Acompanhamento e cobrança das atividades.

O arrolar dessas respostas já aponta para a constituição do tutor como mediador do conhecimento. Mas isto se torna mais corroborado na pergunta direcionada a este fim: “Você vê o tutor a distância como um sujeito que faz a mediação entre você e os conteúdos das disciplinas?” A totalidade de respostas afirmativas é apresentada no gráfico a seguir:

Gráfico 10 - Você vê o tutor a distância como um sujeito que faz a mediação entre você e os conteúdos das disciplinas?



De fato, pelos apontamentos das respostas dos tutores e dos alunos quanto ao papel de mediação, tanto estes como aqueles reconhecem de forma abrangente e universal essa realidade. A conclusão de que os tutores de filosofia são percebidos enquanto mediadores é natural.

A mediação educativa, segundo Lorenzo Tébar (2011, p.77), integra três elementos:

[...] o educador, e toda pessoa que promove um desenvolvimento, é um intermediário entre o aluno e o saber, entre o aluno e o meio e entre o aluno e seus colegas de sala de aula.

O educador mediador regula as aprendizagens, favorece o progresso e o avalia, proporciona uma relação de ajuda facilitadora de aprendizagem e, o que é sua tarefa essencial, ajuda a organizar o contexto em que o sujeito se desenvolverá. O próprio mediador é o primeiro modificado, o que mais necessita de automodificação para poder chegar ao

educando. A ausência de mediação cria privação cultural e subdesenvolvimento das capacidades do indivíduo.

Além de um aspecto de percepção, a constatação de que a prática é de fato mediadora pode ser corroborada na contemplação da pergunta proposta aos alunos: Justifique a resposta dada à pergunta anterior, ou seja, por que você o percebe (ou não) como mediador?

Nesta pergunta, a grande maioria das respostas esteve vinculada ao relato do tutor como alguém que estabelece um papel importante de intermediação do conhecimento. Foi lembrado muitas vezes como o promotor de reflexões críticas (muito importantes para a formação filosófica) dos conteúdos e intermediador entre os professores conteudista e os próprios alunos. Isto vai ao encontro da percepção do Dicionário Interativo de Educação Brasileira (2011), que define mediação como “a expressão que se refere, em geral, ao relacionamento professor-aluno na busca da aprendizagem como processo de construção de conhecimento, a partir da reflexão crítica das experiências e do processo de trabalho”.

Vale citar também o posicionamento de Masseto (2000) para o qual a mediação é:

[...] atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem – não uma ponte estática, mas uma ponte “rolante”, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos (MASSETO, 2000, p. 144-145).

Em outras respostas, observamos a percepção da mediação da tutoria não somente entre o professor e o aluno, ou somente como facilitador do entendimento dos conceitos trabalhados. Mas também como uma intermediação entre os próprios alunos e o saber. Isto se dá, além do espaço virtual, constando de fóruns e espaços de discussão de temas relevantes aos assuntos trabalhados, também nos encontros presenciais, em que os alunos relatam como momentos fecundos e importantes para sínteses e discussões sobre o conteúdo presente no ambiente virtual, constituindo até mesmo como espaço de discussões de conteúdos extracurriculares correspondentes a vida particular ou social dos alunos que, pela própria natureza do filosofar, se tornam pontos de chegada dos assuntos expostos em livros e vídeos didáticos, como forma de contextualização e continuação do conhecimento na aplicação na realidade de cada aluno.

Nessa perspectiva, Hurd (2005) discute a capacidade de reflexão dos alunos como elemento essencial no processo de exercer a autonomia. Reflexão é rever as experiências passadas e procurar aprender com elas. É, portanto, uma construção de conhecimento sobre si próprio e sobre o que ocorre em seu entorno (ambiente). O processo de reflexão é um

componente do processo de ensino-aprendizagem, pois embasa o aprendizado e é vital para a prática profissional decorrente do que se aprende. A reflexão crítica é o processo de compreender, analisar, reconsiderar e questionar as experiências passadas. O feedback do tutor desenvolve nos alunos a capacidade de reflexão crítica e de auto-gestão, ou seja, contribui para que eles próprios se sintam capazes para corrigir e aprimorar suas ações de estudo.

Após estas constatações, cabe investigar: a prática da tutoria, confirmada como mediação no curso de Filosofia, estaria promovendo a autonomia dentro de uma perspectiva de educação libertadora? Vimos anteriormente que na percepção do tutor essa possibilidade se confirma. Mas e na percepção do aluno? A pergunta presente no questionário “Você acha que a prática da tutoria auxilia na sua formação enquanto sujeito autônomo no processo de ensino aprendizagem? Justifique” busca exatamente elucidar essa questão.

A totalidade das respostas se apresentou positiva quanto à esta pergunta, o que corrobora com a percepção dos tutores sobre a mesma questão. A maior parte dos alunos da amostra respondeu que a prática de tutoria a qual são alvos direciona-se para a formação e consolidação de suas autonomias. Quanto às justificativas apresentadas pelos alunos para esta afirmação, as mesmas em sua maioria, são análogas às justificativas dos tutores para a percepção dessa realidade: os alunos sentem-se mais independentes, mais críticos do ponto de vista do conhecimento científico e filosófico e mais autônomos não somente quanto às suas formações acadêmicas, mas também individual e social. Como exemplos podemos citar a fala do aluno 23:

Ainda tenho muita dificuldade na escrita e na interpretação de textos filosóficos, mas em comparação a quando eu adentrei no curso, eu tive um avanço significativo.

Aluno 19

O meu tutor costuma me indicar leituras filosóficas como respostas aos meus questionamentos, eu achava isso muito cansativo, mas na construção da minha monografia pude perceber o quanto ele me ajudou.

Aluno 31:

Eu costumo dizer que eu tenho duas personalidades, o Jaildson antes e o depois do curso de Filosofia, hoje a minha criticidade está muito mais apurada, isso se deu por meu esforço próprio e com a ajuda dos tutores.

Segundo Kasworm e Yao (1992, apud Thomas e Owen, 2007), ajudar o aluno da EAD a desenvolver a habilidade de ser um agente independente (dirigido ou guiado por si próprio) em suas próprias experiências contribui para a construção interativa de significados e para o desenvolvimento de habilidades do tipo “aprender como aprender”. Além disso, cria-se um ambiente propício para aprendizagem relevante de forma autônoma. Assim, o aluno se torna ativo em termos de auto-direcionamento (autonomia) uma vez que se engaja nas decisões operacionais (executivas) do processo de aprendizagem. Ou seja, o aluno participa do controle das ações do aprendizado, interage com mais desenvoltura e desenvolve sua autonomia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EaD tem se confirmado cada vez mais como uma modalidade de educação legítima e eficaz do ponto de vista operacional e social, no Brasil e no mundo. O que antes era visto com desconfiança pelos mais céticos ou tradicionalistas da educação, tornou-se uma forma prática e não menos rigorosa, de levar a educação para muitos espaços carentes de profissionais e investimentos, o que gera ganhos sociais e inclusão educacional.

Neste trabalho, investigamos no capítulo I este movimento, percorrendo os primórdios das teorias e filosofias da educação até as mais recentes, buscando relacionar a educação sob o ponto de vista do desenvolvimento científico. Observamos que a educação é uma construção histórica, atrelada aos costumes e cultura de determinado povo em determinado espaço e momento históricos. Logo, com o desenvolvimento e mudanças ocorridas nos povos e sociedades, através da aquisição de novas experiências, muda-se, em paralelo, as ideias e formas de se fazer educação.

Assim, verificamos uma relação orgânica entre educação e desenvolvimento social. A medida que experiências individuais e coletivas vão se aprimorando, a necessidade de transmissão desse novo aprendizado e conteúdo se dá de forma imbricada.

E esta “passagem” de conteúdo e informação foi constatada, a partir das leituras do filósofo Walter Benjamin, como narrativa. O “narrador” é aquele que transmite as experiências adquiridas e vividas, fazendo com que a educação seja a mediadora das relações de compreensão do homem e da sociedade com a realidade. E o substrato dessa narrativa deve ser a cultura.

Porém, verificamos que diversos autores apontam para a derrocada dessa esfera cultural no mundo da vida e a ascensão da técnica e das ciências pragmáticas e aplicadas, levando a educação, enquanto narração, a se dedicar ao tecnicismo gerado pelo consumo. E isto, como consequência, modifica os parâmetros educacionais e seus objetivos.

O consolidar que ainda se perpetua desse “modo” de se fazer educação, promoveu-se com o momento histórico chamado de iluminismo. Vimos que a razão instrumental engendrou a evolução científica e o progresso urbano, com destaque para o positivismo que se elevou e dominou ideologias e práticas pedagógicas até a atualidade.

Uma problemática da perpetuação e predominância do positivismo reside na sua relação com a educação. Esta, como vimos, atrelada às concepções de determinado momento histórico, torna a educação alinhada ao objetivismo e tecnicismo já criticados por Benjamin (1984). A concretização, reprodução e massificação dessa concepção contam, além da

própria educação, com os meios de comunicação de massa. Porém, dialeticamente, Benjamin aponta para a própria educação e para os meios de comunicação de massa como possibilidades de superação dessa realidade, a partir de um movimento de crítica de si aos moldes hegelianos.

Nesse caso, as ferramentas da comunicação atuariam como instrumentos de conscientização da cultura. E a necessidade do narrador exposto acima se faria presente. Assim, o contexto de envergadura pelo qual a necessidade e concepção histórica moderna de educação se elevam permitem formas metodologias modernas, que não negariam as tecnologias e conhecimentos aplicados, mas os utilizariam para a busca de objetivos educacionais mais formativos e menos tecnicistas, voltando-se a um ideal emancipatório e com sentido de civilidade, por vezes perdido, segundo Adorno e Benjamin, pela indústria cultural engendrada no capitalismo. Essa mudança denota uma revolução contra a visão tecnicista e positivista que estabelece hierarquias no conhecimento e privilegia a competição e o ganho capitalista da indústria cultural.

Desse modo, investigamos a educação como forma e processo de veiculação cultural. O sistema educacional, erguido dentro do contexto da cultura de massa aos moldes de Adorno e Horkheimer, remete à sua redenção na medida em que promove a intermediação entre o desenvolvimento positivista e tecnicista da modernidade e a crítica necessária a este momento histórico. O intento é que os homens se percebam, num movimento dialético, como influenciados dessa conjectura, mas também como influenciadores e partícipes da mesma.

Trata-se de um esclarecimento, que para os filósofos, se dá por uma emancipação a partir da crítica do próprio pensamento, observando-se as concepções, parâmetros e paradigmas dominantes e repensando-os. Para Benjamin, devemos fazer a crítica da crítica, onde a técnica e seus métodos sejam o mediador dessa nova forma de reflexão. A essa nova técnica e a teoria da mediação se legitimam e se consolida um novo modo de educação, a educação a distância.

Em países como o Brasil, marcado por desigualdades e exclusões sociais, que envolvem também a dificuldade de acesso à educação, a demanda pela inclusão educacional se faz presente. Consideramos no terceiro capítulo então a sedimentação da EaD no país como forma de promover a inclusão educacional. Investigamos o seu movimento histórico, características e alcances no Brasil e no mundo, destacando a caracterização brasileira como política pública com fins de benefícios sociais, com o devido dever público de investimento e promoção.

Nesse intento, o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura do Brasil criou o sistema Universidade Aberta do Brasil, no ano de 2005, que até hoje representa uma grande concentração de experiências e alcances da modalidade EaD no país, inclusive em referência ao objeto de estudo desta pesquisa, a saber, o Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão.

Após investigarmos a possibilidade da educação mediada pelo “narrador” na visão de Walter Benjamim, o contexto positivista e tecnicista envolvendo tecnologias e meios de comunicação de massa, e a consolidação da EaD no Brasil em uma conjectura de democratização do saber, e a viabilidade de uma educação emancipatória imersa na modernidade e envolvendo essas tecnologias, buscamos compreender como essa mediação poderia se fazer plausível nessa modalidade, levando em consideração os sujeitos envolvidos nessa modalidade de educativa.

A EaD então se apresentou nesta pesquisa como viabilidade nesse cenário a fim de promover a democratização do saber e a emancipação do aluno. Dentro das práticas contemporâneas de educação, a EaD conta com aspectos tradicionais e inovadores na educação. Além do corpo discente e do corpo docente, surge um profissional envolvido que apresenta o caráter de mediador da educação, que como vimos, muitas vezes com maior destaque que o do professor: o tutor.

O tutor tem a competência e responsabilidade de mostrar-se como intermediário nesse processo educacional. Investigamos a literatura especializada na temática e constatamos que, apesar de variações atribuídas às competências desse profissional, em essência, a grande maioria aponta para seu caráter mediador, assemelhando-se ao conceito atribuído ao “narrador” por Walter Benjamim. Desse modo, lançamo-nos a investigar a atuação do tutor à distância do referido curso como um estudo de caso, a fim de avaliá-lo como uma unidade diferenciada, idiossincrática, ou como um caso tipicamente comum e exemplar em relação aos estudos e casos aferidos no levantamento bibliográfico.

Desse modo, no quarto capítulo fizemos a exposição e análise da parte empírica da pesquisa, investigando a realidade da prática da tutoria no referido curso, a partir de alunos e dos próprios tutores.

Constatamos a partir dos dados obtidos a correspondência da teoria e da prática, ou seja, daquilo preconizado na literatura levantada e o que foi levantado no caso em estudo. É o professor tutor à distância quem potencializa a interação, contribuindo assim, para que ocorra a aprendizagem por meio dos processos de mediação e de colaboração. O que observamos também foi a configuração de uma externalidade negativa correspondente à

grande dedicação do professor tutor no seu trabalho no referido curso. Ao desenvolver uma atuação profissional de forma pró-ativa, o professor tutor vai além daquilo que lhe é exigido em matéria de responsabilidade e competência atribuídas pelo MEC. Isto em um primeiro momento configura-se em qualquer literatura sobre desempenho profissional e relações de trabalho como algo benéfico, tanto para o profissional, como para a instituição o qual trabalha, sobretudo nos objetivos destas.

No caso analisado nesta pesquisa, a proatividade do professor tutor a distância, faz com que avance em competências e atividades que não lhe são atribuídas por função. Vimos que muitas vezes o professor tutor assume o papel do professor formador, tanto na organização e controle da disciplina, como na autonomia pedagógica em relação ao aluno que por vezes assemelha-se a uma exclusividade. Isto posto, torna-se maleficiente na medida em que tira de cena a presença do professor formador que deveria estabelecer-se em uma ação conjunta e sistêmica com o professor tutor em matéria da gestão de sua disciplina. Por vezes, além de tirar de cena a presença, parece, na visão de alguns professores tutores e alunos, tirar também a importância de sua participação integrada.

A crítica se faz necessária na percepção da integração de todos os sujeitos decentes envolvidos na EaD como necessária. Limitar a atuação do tutor e fomentar e estimular a maior participação do professor formador não diminui a importância da prática da tutoria, nem sua autonomia pedagógica, nem seu caráter mediador. Dentre suas atividades, o professor tutor deverá, por exemplo, propor autonomamente situações-problemas do cotidiano do aluno, cerne da metodologia do curso, corrigir os trabalhos apresentados, dar respostas às mensagens eletrônicas dentro da maior brevidade possível, providenciar as avaliações das atividades, registrar as avaliações do aluno no site do curso, estar presente (virtualmente) esclarecendo suas dúvidas, gerir a aprendizagem do aluno, estimulando-o a buscar informações, formulando hipóteses, incitando-o à curiosidade. Essas ações não são pré-definidas e nem pré-modeladas pelo professor formador, fazendo com que cada professor tutor faça seu próprio percurso, carregado de sua experiência como docente, de acordo com a necessidade do aluno e com a situação que ele enfrenta.

Ademais, a proatividade do professor tutor não pode ser considerada como causa única de sua superposição dentro do curso. A necessidade de uma coordenação mais atenta e estimuladora do professor formador no que diz respeito ao seu envolvimento com o curso também é importante e deve estar no rol de preocupações cotidianas de quem lida com a EaD, fazendo com que cada sujeito tenha um papel diferenciado no exercício de suas práticas.

A questão da dificuldade de tutores e alunos em lidar com a não presença física também precisa ser objeto de estudos futuros. Nesse sentido, cabe entender se questões culturais e geográficas envolvidas no processo de EaD contribuem para que os alunos busquem o apoio do professor tutor na sua presença física. Percebemos que a dificuldade estrutural de municípios do estado contribuem para uma dificuldade na fluência dos processos educacionais assíncronos do curso

Para os alunos e professores tutores à distância investigados, o trabalho de tutoria exige mediação, facilitação e orientação. Consideram que mediar, facilitar e orientar o processo de aprendizagem é papel de grande responsabilidade que, para além disso, se torna o personagem principal, responsável no processo de ensino aprendizagem do aluno.

A prática da tutoria determina assim, uma inovadora ação pedagógica que possui envolvimento relacionado com a busca de objetivos educacionais direcionados à emancipação e a uma educação mais libertária. Por estar envolvida num processo inovador de modalidade de educação, precisa ser cada vez mais estudada, para que seus alcances sejam progressivamente alargados e suas limitações superadas ou amenizadas.

Pode-se assim, dizer que o tutor a distância do curso de filosofia da UEMA é um mediador, que orienta, ajuda e provoca, destacando ainda sua atuação, ações pedagógicas e preocupação com o processo ensino aprendizagem do aluno. Ressalta-se ainda, a necessidade de formação com foco nos saberes da docência, pois, trata-se de profissionais, que ainda estão construindo caminhos, dado o tempo de atuação destes profissionais nesta modalidade Educativa. Modalidade que, como outra requer formação abrangente, que envolva o tutor de forma integral, para que a mediação ocorra, ocorrendo conseqüentemente o aprendizado e o reconhecimento do trabalho deste profissional. Compreendeu-se também, a necessidade de um estudo sobre a mediação pedagógica com novas discussões e reflexões.

Desse modo, pensar a questão da mediação da aprendizagem no contexto da EaD retrata um avanço significativo na consolidação desta modalidade de educação, com seriedade e responsabilidade, pois é possível afastar a forma de planejar e vivenciar a EaD do paradigma da transmissão meramente conteudísticas, aproximando-a de uma abordagem interacionista e mediada. Valorizando a capacidade criativa e a autonomia de todos os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, tornando-o dinâmico e flexível, sem as amarras de um currículo engessado e descontextualizado da realidade.

REFERÊNCIAS

ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância. **Competências para Educação a Distância**: referenciais teóricos e instrumentos para validação, [s.l]: Abed, 2012.

ADORNO, Theodor M.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2010.

ALONSO, K. M. **A avaliação e a Avaliação na Educação a Distância**: algumas notas para reflexão. 2008. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

BARDIN, I. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. Tradução Marcus V. Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Sociologia**. Org. e Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Magia e Técnica, arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BICUDO, F.A. Entrevista- testemunho: quando o diálogo é possível. **Revista Caros**, 2006.

BRASIL. Lei 9.394, de 1996. Dispõe que o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. 1996.

_____. Decreto-lei nº.2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Dispõe a utilização dos meios de comunicação como um instrumento mediador legal do processo de ensino e aprendizagem e dá outras providências. 1998.

_____. Decreto-lei nº. 5.266, de 2005. Dispõe a utilização dos meios de comunicação como um instrumento mediador legal do processo de ensino e aprendizagem e dá outras providências. 2005.

_____. Decreto-lei nº. 5.800, de 2006. Fica instituído o Sistema UAB, voltado para o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País. 2006.

_____. Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o art 80 da LDB. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>>. Acesso em: 3 abr., 2014.

_____. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art 80 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf>. Acesso em: 3 abr., 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CECHINEL, José Carlos. **Manual do Tutor**. Florianópolis: Udesc, 2000.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva, discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo, discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DESCARTES, R. **Discurso do método**: regras para a direção do espírito. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2000.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1986.

FEYERABEND, P. K. **Against method**. London: Verso, 1975.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1997.

GARCIA ARETIO, L. **La educación a distância hoy**. Madrid: Uned, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010

GONZALEZ, Mathias. **Fundamentos de tutoria em educação a distância**. São Paulo: Avercamp, 2005.

JAEGER, Werner. **Paideia: A Formação do Homem Grego**. Martins Fontes: [s.l], 2001.

HURD, S. Autonomy and the distance language learner. In: HOLMBERG, Boerje; SHELLEY, Monica; WHITE, Cynthia Eds. **Distance education and languages evolution and change: New perspectives**.

LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da Arte**. 2. ed. São Paulo: Pearson Educacion, 2009. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11683597/artigo-80-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>>. Acesso em: 3 fev.2015.

LITWIN, E. **Educação a distância: temas para debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre, Artmed, 2001

LOWY, Michael. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de História**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

MACHADO, S. F. **Mediação pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCONI, M. D.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTÍN RODRIGUEZ, Eustáquio. La investigación sobre Educación a Distancia en El ambito Iberoamericano: sus características, avances y retos. **Revista Iberoamericana de Educación Superior a Distancia**. v. 4, n. 1, Madrid, out. 1997.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso de tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2006.

MATTAR, João. **Tutoria e Interação em Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MILL, D. *et al.* **O desafio de uma interação de qualidade na educação a distância**: o tutor e sua importância nesse processo. [s.l]: [s.n], 2007.

MILL, D.; FIDALGO, F. **Sobre tutoria virtual na Educação a Distância**: caracterizando o teletrabalho docente. São José dos Campos: Virtual Educa, 2007.
Disponível em: <ihm.ccadet.unam.mx/virtualeduca2007/pdf/236-DM.pdf>. Acesso em 1 fev. 2010.

MOORE, Michel. KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

MORAN, J. M. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line**. 2008. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

OMNÈS, R. **Filosofia da ciência contemporânea**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1995.

PALLOFF, Rena M; PRATT, Keith. **O Aluno Virtual**: um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 17 ed. São Paulo. Cortez, 1992.

PRETI, O. Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In:____ (Org.). **Educação a Distância**: início e indícios de um percurso. Cuiabá: UFMT, 1996.

SÁ, I. M. **A Educação a Distância**: processo contínuo de inclusão social. Fortaleza: C.E.C., 1998.

SCHWARTZMAN, Simon, O Ensino Superior no Brasil: a busca de alternativas. In: FÓRUM NACIONAL, INSTITUTO NACIONAL DE ALTOS ESTUDOS, 7., 1996, Rio de Janeiro: **Anais...**, Rio de Janeiro, 1996.

SERRA, Antônio Roberto Coelho; SILVA, João Augusto Ramos (Orgs). **Por uma educação sem distância**: recortes da realidade brasileira. São Luís; Eduema, 2008.

TOURAINE, Alain. **A sociedade pos-industrial**. Lisboa: Moraes editores, 1970.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico qualitativa**: Construção teórico epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Projeto pedagógico do curso de graduação em filosofia - licenciatura na modalidade a distância. São Luís: UEMA, 2009.

VILAÇA, M.L.C. Pesquisa e Ensino: considerações e Reflexões. **Revista Escrita**. v.1. n. 2, maio/ago 2010. Disponível em:<<http://ensinoatual.com/blog/?p=905>> Acesso em: 9 jun. 2011.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 1992.

ZAMLUTTI, M. E. M. **Uma análise do surgimento da educação a distância no contexto sócio-político brasileiro do final da década de 30 e início da década de 40**. 2006. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário Tutor

Caro(a) tutor(a) estou coletando informações para uma pesquisa, na qual investigo a prática do tutor a distância na mediação do conhecimento com o aluno do curso de filosofia a distância da UEMA. Para isso, peço sua gentileza em contribuir com algumas informações sobre sua atuação e perspectiva em relação a essa atividade. Se estiver de acordo em colaborar responda ao questionário abaixo. Os dados servirão exclusivamente para fins dessa pesquisa. Desde já agradeço sua colaboração.

Girsivania Teixeira dos Prazeres
Programa de Pós-graduação Cultura e Sociedade da UFMA

Dados gerais do(a) tutor(a)

- Gênero: () masculino () feminino
- Idade:
- Graduado(a)em:
- Pós-graduação, () especialização; () mestrado; () doutorado; () pós-doutorado, em:
Docência em Educação Superior
- Atua na Educação Básica? () Sim () Não. Quanto tempo?
- Atua no ensino superior? () Sim () Não. Quanto tempo?
- Há quanto tempo exerce a função de tutoria?
- Atua na Educação Superior? Sim () Não (). Quanto tempo?
- O que o levou a exercer a função de tutor?
-

Questões

1. Quais as principais dificuldades que você enfrenta na sua prática de tutoria no que diz respeito à intermediação do conteúdo?
2. Qual o seu grau de satisfação no desempenho da prática de tutoria no presente curso?
() Muito satisfeito () Satisfeito () pouco satisfeito () insatisfeito
3. Quais as dificuldades e/ou reclamações mais recorrentes que os alunos fazem para você, no que diz respeito a sua mediação?
4. As dúvidas mais recorrentes que os alunos apresentam para você são de ordem estrutural ou conteudistas?

5. Os alunos se sentem seguros com o seu auxílio, ou eles tentam contatar o professor antes de recorrer a você, ou mesmo depois que você os orienta?
6. Os alunos lhe procuram para abordar problemas pessoais, familiares ou profissionais para justificar o baixo desempenho ou atraso nas atividades do curso?
() Frequentemente () Às vezes () Raramente () Nunca
7. Quando você tem dúvidas em relação ao conteúdo da disciplina, ou realização de atividade,
() Procura o professor formador imediatamente
() Tenta resolver, se não conseguir procura o professor formador
() Tenta resolver e não procura o professor formador
() NDA
8. Na sua opinião o tutor a distância no curso de Licenciatura em Filosofia da UEMA é:
() Essencial () Importante, mas não essencial () Às vezes dispensável ()
Dispensável. Por quê?
9. Como você se compreende enquanto mediador do processo ensino aprendizagem, na prática da tutoria à distância?
10. A sua prática enquanto tutor supre a necessidade didático-pedagógica dos alunos?
() Sempre () Quase sempre () Às vezes () Raramente () Nunca
12. Você acha que a prática da tutoria auxilia na formação de um aluno mais autônomo no processo de ensino aprendizagem? Justifique.
13. Você já observou\observa mudanças na formação do aluno no que diz respeito à formação da sua autonomia no processo de aprendizagem? Se sua resposta for sim, dê exemplos de indicadores que caracterizam essa ação.

APENDICE B - Questionário de Alunos

Caro(a) aluno(a) estou coletando informações para uma pesquisa de mestrado, na qual investigo a prática do tutor a distância na mediação do conhecimento com o aluno do curso de filosofia a distância da UEMA. Para isso, peço sua gentileza em contribuir com algumas informações sobre a sua perspectiva em relação a essa atividade. Se estiver de acordo em colaborar responda ao questionário abaixo. Os dados servirão exclusivamente para fins dessa pesquisa.

Desde já agradeço sua colaboração.

Girsivania Teixeira dos Prazeres

Discente do Programa de Pós-graduação Cultura e Sociedade da UFMA

Dados gerais do(a) aluno(a)

- Gênero: () masculino () feminino
- Idade: _____
- Ano de Conclusão do Ensino Médio: _____
- Resido na cidade/estado: _____
- Meu polo de vínculo é: _____
- Ingressei no curso no ano/semestre: _____
- Já possuo curso completo de: () graduação superior () mestrado; () doutorado, em _____
- Já se matriculou em outro EaD? () Sim () Não

Questões

1. Qual(is) a(s) disciplina(s) que teve/tem maior dificuldade? _____
2. Sobre a questão anterior, ao que se deve as dificuldades? _____
3. Como normalmente tenta resolver as dificuldades com o conteúdo das disciplinas? _____
4. Você recorre ao auxílio do Tutor a distância,

- () Frequentemente () Às vezes Raramente () Nunca ()
5. Suas dúvidas e problemas com o conteúdo das disciplinas são resolvidas de melhor maneira pelo: () tutor a distância () professor da disciplina.
6. Na sua opinião o tutor a distância é um profissional, cuja atuação no seu curso é:
() Essencial () Importante, mas não essencial () Às vezes dispensável ()
Dispensável
7. Quais são as ações realizadas pelo tutor que auxiliam sua aprendizagem nas disciplinas?
8. Você vê o tutor a distância como um sujeito que faz a mediação entre você e os conteúdos das disciplinas? () Sim () Não
9. Justifique a resposta dada à pergunta anterior, ou seja, por que você o percebe (ou não) como mediador?
10. Além das orientações sobre os conteúdos das disciplinas e sobre a realização das atividades, você recorre ao tutor a distância para outras necessidades acadêmicas? ()
Sim () Não. Justifique sua resposta.
11. Descreva ações que considera de grande importância no trabalho do tutor a distância e as quais você já recorreu e ou foi beneficiado.
12. Você acha que a prática da tutoria auxilia na sua formação enquanto sujeito autônomo no processo de ensino aprendizagem? Justifique

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido a ser entregue aos professores tutores envolvidos na pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este estudo, intitulado *A PRÁTICA DO TUTOR NA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO COM O ALUNO DO CURSO DE FILOSOFIA A DISTÂNCIA DA UEMA*, realizado no Curso de Filosofia na modalidade EaD da Universidade Estadual do Maranhão por mim, mestrande Girsivania Teixeira dos Prazeres, do programa PGCULT, sob a orientação do Prof^o. Dr. Reinaldo Portal Domingo, tem como principal objetivo investigar a prática do tutor a distância (professor tutor) em relação à mediação do conhecimento com o aluno do curso de Filosofia a distancia da Uema.

Como você é professor tutor/(a) do curso _____, solicito sua participação e colaboração em responder perguntas sobre suas percepções quanto a sua prática de mediação no referido curso, e como você entende sua colaboração na formação de uma educação mais autônoma. Sua identidade será preservada, com o uso de nomes fictícios. Todas as informações obtidas serão, posteriormente, organizadas e analisadas, servindo para uso exclusivo desta pesquisa. Você pode desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo algum, pois sua participação é voluntária. A investigação não implicará riscos ou despesas de qualquer natureza. Além disso, você pode solicitar esclarecimentos ao longo da pesquisa, podendo acessar os resultados parciais e finais fazendo contato comigo por meio do número (98)98859-4938 ou pelo e-mail vanciasophia.prazeres224@gmail.com. Este documento será assinado em duas vias: uma via ficará com você e outra ficará sob minha responsabilidade.

Nome completo do(a) professor tutor(a)

Assinatura:

Pesquisadora: Girsivania Teixeira dos Prazeres

Assinatura da pesquisadora:

APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido a ser entregue aos alunos envolvidos na pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este estudo, intitulado *A PRÁTICA DO TUTOR NA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO COM O ALUNO DO CURSO DE FILOSOFIA A DISTÂNCIA DA UEMA*, realizado no Curso de Filosofia na modalidade EaD da Universidade Estadual do Maranhão por mim, mestrande Girsivania Teixeira dos Prazeres, do programa PGCULT, sob a orientação do Prof^o. Dr. Reinaldo Portal Domingo, tem como principal objetivo investigar a prática do tutor a distância (professor tutor) em relação à mediação do conhecimento com o aluno do curso de Filosofia a distancia da UEMA.

Como você é aluno/(a) do curso _____, solicito sua participação e colaboração em responder perguntas sobre suas percepções quanto a prática de mediação do professor tutor do referido curso, e como você percebe a colaboração desse profissional na formação de uma educação mais autônoma. Sua identidade será preservada, com o uso de nomes fictícios. Todas as informações obtidas serão, posteriormente, organizadas e analisadas, servindo para uso exclusivo desta pesquisa. Você pode desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo algum, pois sua participação é voluntária. A investigação não implicará riscos ou despesas de qualquer natureza. Além disso, você pode solicitar esclarecimentos ao longo da pesquisa, podendo acessar os resultados parciais e finais fazendo contato comigo por meio do número (98)98859-4938 ou pelo e-mail vaniasophia.prazeres224@gmail.com. Este documento será assinado em duas vias: uma via ficará com você e outra ficará sob minha responsabilidade.

Nome completo do(a) aluno(a)

Assinatura:

Pesquisadora: Girsivania Teixeira dos Prazeres

Assinatura da pesquisadora:

APÊNDICE E – Carta de Anuência



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
NÚCLEO DE TECNOLOGIAS PARA EDUCAÇÃO-UEMANET

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que concordamos em colaborar com a pesquisadora Girsivania Teixeira dos Prazeres, no desenvolvimento do seu projeto de mestrado intitulado: '*A prática do tutor na mediação do conhecimento com o aluno do curso de Filosofia a Distância da Uema*', cujo objetivo é investigar a prática do tutor a distância em relação à mediação do conhecimento e sua efetiva contribuição na formação de uma educação mais autônoma do discente do referido curso.

Condiciona-se esta aceitação ao cumprimento da pesquisadora em garantir que a utilização os dados coletados do Curso de Filosofia serão utilizados exclusivamente para os fins dessa pesquisa.

São Luís, 05 de agosto de 2014

Leila Amum Alles Barbosa
Coordenadora do Curso de Filosofia UEMA

